

TÁCIO NEPOMUCENO REIS

**A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA:
*UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA E DO
CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES***

Brasília

2015

TÁCIO NEPOMUCENO REIS

**A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA:
*UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA E DO
CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES***

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Bacharelado em
Relações Internacionais pela Faculdade de
Ciências Jurídicas e Sociais do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientador: Prof. Dr. Cláudio Tadeu

Brasília

2015

TÁCIO NEPOMUCENO REIS

A Geopolítica da Rússia:

Uma análise através da Geopolítica Clássica e do Choque de Civilizações

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientador: Prof. Dr. Cláudio Tadeu

Brasília, ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cláudio Tadeu
Orientador

Prof.
Examinador 1

Prof.
Examinador 2

*Dedico este trabalho à minha falecida avó,
Marina Divina Nepomuceno, por toda sua
vida dedicada aos seus filhos e às pessoas ao
seu redor.*

*À minha mãe, Rosa Luzia, pela dedicação e
compromisso com a minha educação.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe pela paciência e intensa dedicação e abdicação em prol da minha felicidade e da minha educação.

Aos meus familiares e amigos que sempre me incentivaram.

Aos professores e funcionários do UniCEUB que colaboraram e colaboram com a manutenção do ambiente acadêmico, propiciando as condições para o desenvolvimento intelectual e aprendizado ao longo desses anos.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Cláudio Tadeu, por sua dedicação e conselhos ao longo da elaboração deste trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas de turma que compartilharam comigo momentos de aprendizado e reflexão ao longo dos últimos anos.

Aos meus amigos que levarei para toda a vida, meu muito obrigado!

*“Uma única coisa deve importar ao Homem: permanecer de pé
entre as ruínas”*

Julius Evola

RESUMO

Com o fim da União Soviética em 1991, o mundo viveu um período de incerteza quanto ao futuro das relações internacionais. Por um lado, muitos acreditavam que a era dos conflitos havia terminado e que a queda do comunismo traria a vitória definitiva dos valores liberais das democracias de mercado, dos Direitos Humanos e do individualismo. Por outro, muitos defendiam que as verdadeiras causas dos conflitos estavam ligadas a questões muito mais profundas da gênese das civilizações, indicando que os conflitos da nova era seriam no campo civilizacional, e não ideológico. Com a ascensão de Putin à presidência da Rússia no início do século e suas políticas nacionalistas, a Rússia voltou a ter protagonismo e relevância nas relações internacionais, algo que havia sido relativamente perdido durante a década 1990. As implicações da postura dos governos Putin e Medved e suas políticas externas regionais de reaproximação com as antigas repúblicas soviéticas fazem ressurgir os receios de novos conflitos envolvendo grandes potências. Nesse contexto, a presente pesquisa buscou explicar o comportamento da Rússia através dos conceitos da Geopolítica Clássica e da impactante obra pós-Guerra Fria O Choque de Civilizações. A partir de uma pesquisa historiográfica, analisou-se a formação e o comportamento da Rússia, desde a Rus de Kiev, passando pelo Império e pela União soviética até a Federação dos dias atuais. Através das teorias citadas foi possível observar que o comportamento russo pode ser explicado com base na sua posição geográfica e nos seus princípios civilizacionais e culturais. Nesse sentido, a Rússia tem demonstrado cada vez mais a sua "destinação" imperial, sua tendência ao tradicionalismo e à preservação de suas zonas de influência, se opondo aos valores ocidentais que hoje são tratados como universais e ignorando por vezes divisões políticas consideradas artificiais em detrimento de sua preservação civilizacional.

Palavras-chave: Rússia. Geopolítica Clássica. Choque de Civilizações.

ABSTRACT

With the end of the Soviet Union in 1991, the world started facing a period of uncertainty about the future of international relations. In one hand, many believed that the conflict era had ended, and that the fall of the communism would mean the triumph of liberal values of market democracies, human rights, and individualism. On the other, many defended that the true cause of the conflicts were connected to deeper aspects of civilizational genesis, indicating that the conflicts of the new era would be on civilizational grounds and not on the ideological field. With Putin's rise to the presidency in the beginning of the century and his nationalist policies, Russia gained relevance on the global political affairs once again, something that had been slightly lost during the 1990's. The implications of Putin and Medved's posture, regional foreign policies and rapprochement with the old soviet republics clearly brought back the apprehensiveness of a conflict involving the world major States. In this context, this research aimed on explaining Russia's behavior through the classical geopolitics theory and the impactful work presented on the post-cold war book, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. With a historiographical research, the formation of Russia and its behavior was analyzed, since the Kiev Rus to today's Federation. Through the theories cited above, it is possible to observe that the Russian behavior on the international system can be explained by its geographical position and cultural principles. In this sense, Russia have been showing its imperial destiny, traditionalism tendency and preservation of their zones of influence, opposing to western values that are treated as universal, ignoring political concepts such as nation-state in order to preserve their civilization.

Keywords: Russia. Classical Geopolitics. Clash of Civilizations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A área pivô segundo Mackinder.....	27
Figura 2 - As Quatro zonas mundiais de acordo com a Teoria do Mundo Multipolar.....	32
Figura 3 - Os grandes espaços dentro das Quatro Zonas de acordo com a Teoria do Mundo Multipolar.....	33
Figura 4 - Mapa geopolítico no qual Dugin apresenta qual deve ser a orientação geopolítica da Rússia a fim de se manter como potência regional e mundial.....	34
Figura 5 - Mapa da "Rus de Kiev".....	40
Figura 6 - Mapa da Expansão de Moscovia entre 1300-1796.....	41
Figura 7 - Mapa da expansão russa entre 1533 -1894.....	41
Figura 8 - Mapa da Rússia em 1913.....	42
Figura 9 - Mapa ilustrativo de como foi o plano de divisão do pacto Molotov-Ribbentrop.....	60
Figura 10 - Mapa ilustrando o ápice da expansão nazista na Europa.....	61
Figura 11 - Configurações territoriais no leste europeu entre 1938 e 1948.....	62
Figura 12 - Mapa da esfera de influência da URSS no pós-Segunda Guerra Mundial	63
Figura 13 - União Euroasiática.....	87
Figura 14 - Mapa ilustrando a divisão linguística na Ucrânia.....	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL.....	15
1.1 Realismo.....	15
<i>1.1.2 O Choque de Civilizações.....</i>	<i>21</i>
1.2 Teorias da Geopolítica Clássica.....	25
<i>1.2.1 Teoria do Poder Marítimo (Mahan)</i>	<i>25</i>
<i>1.2.2 Teoria do Poder Terrestre (Mackinder).....</i>	<i>26</i>
1.3 Escola Expansionista russa – A Teoria do Mundo Multipolar (O Neoeurasianismo).....	28
2 A FORMAÇÃO DA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA	35
2.1 A Rus' de Kiev e a Formação do Império.....	35
2.2 Transformações Regionais no Século XX.....	42
<i>2.2.1 A Revolução de 1905.....</i>	<i>44</i>
<i>2.2.2 As Revoluções de 1917.....</i>	<i>45</i>
<i>2.2.3 A Formação da URSS.....</i>	<i>50</i>
<i>2.2.4 A Era Stalin.....</i>	<i>52</i>
<i>2.2.4.1 A Geopolítica da era Stalin.....</i>	<i>59</i>
<i>2.2.5 Khrushchov e o atlantismo Social-Imperialista.....</i>	<i>63</i>
<i>2.2.6 A Comunidade dos Estados Independentes e o Fim da URSS.....</i>	<i>67</i>
<i>2.2.7 A Federação Russa, crises, liberalização e o "Vácuo Geopolítico"</i>	<i>69</i>
<i>2.2.8 As Escolas de Pensamento na Rússia da década de 90.....</i>	<i>73</i>
<i>2.2.8.1 A Escola Internacionalista-Idealista (Occidentalistas).....</i>	<i>73</i>
<i>2.2.8.2 A Escola Expansionista Revolucionária e os Realistas (Eurasianistas).....</i>	<i>74</i>
<i>2.2.9 O Separatismo Tchetcheno.....</i>	<i>76</i>
<i>2.2.9.1 A primeira guerra da Tchetchênia.....</i>	<i>76</i>
<i>2.2.9.2 A Segunda guerra da Tchetchênia e a ascensão de Putin.....</i>	<i>77</i>
3 A RÚSSIA NO SÉCULO XXI.....	79
3.1 A Geopolítica de Putin	79

3.2 A Rússia na Eurásia.....	80
3.3 A Rússia e os organismos de integração regional, uma nova forma de exercer a política soviética.....	81
3.4 A Comunidade dos Estados Independentes (O Pilar Político).....	81
3.5 A Organização do Tratado de Segurança Coletiva (O Pilar Militar).....	83
3.6 A União Euroasiática (O Pilar Econômico).....	85
3.7 A Rússia de Putin e o Choque de Civilizações.....	87
<i>3.7.1 A Questão dos direitos LGBTs como Choque de Civilizações.....</i>	<i>89</i>
3.8 Putin, "Modernização sem ocidentalização?"	91
3.9 Os reflexos do choque geopolítico na crise da Ucrânia.....	94
 CONCLUSÃO.....	 102
 REFERÊNCIAS.....	 107

INTRODUÇÃO

Formada a partir do fim da União Soviética em 25 de dezembro de 1991, a Federação Russa, com 17,098,242 de quilômetros quadrados de extensão e uma população de 142,470,272 ¹, é o maior país do planeta, possuindo fronteiras desde a Finlândia até a Coreia do Norte. Principal herdeira da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Federação Russa é composta por 22 Repúblicas Autônomas - República de Adiguésia, República de Altai, República de Bascortostão, República de Buriácia, República de Daguestão, República de Inguchétia, República de Cabárdia-Balcária, República de Calmúquia, República de Carchai-Circássia, República de Carélia, República de Komi, República de Mari El, República de Mordóvia, República de Sakha (Iacútia), República de Ossétia do Norte - Alânia, República de Tarquistão (Tarquistão), República de Tuva, República de Udmúrtia, República de Cacássia, República de Chechênia, República de Chuváchia ², República da Crimeia ³ -, além dos demais territórios. Com o Produto Interno Bruto (PIB) de \$2,113 trilhões de dólares ⁴, atualmente ocupa a nona colocação entre as maiores economias do planeta.

Com o fim da URSS, a Rússia viveu um período de grave crise econômica e política durante a década de 1990, perdendo significativamente o seu protagonismo mundial que havia conquistado durante toda segunda metade do século XX. Com o desmantelamento da União Soviética e a criação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), a Rússia, como ex-Império e ex-URSS, teve consideráveis perdas territoriais em suas antigas áreas de influência. Apesar de que, ao se analisar somente o fator de perdas territoriais em km², o "prejuízo" russo não seja tão grande, dado que a Rússia por si só já era o maior país do bloco soviético, as áreas perdidas com a desintegração são áreas qualitativamente relevantes, uma vez que estas

¹ CIA. *The World Factbook*: Russia. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rs.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

² CENTRO DE ESTUDOS RUSSOS-UNB. *Constituição da Rússia em português*. Disponível em: <http://www.cer.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=225:constituicao-da-russia-em-portugues&catid=35:construssia&Itemid=63>. Acesso em: 06 Maio 2015.

³ A República Autônoma da Crimeia ingressou voluntariamente na Federação Russa após referendo no dia 16 de março de 2014. *RT. Crimea parliament declares independence from Ukraine ahead of referendum*. Disponível em: <<http://rt.com/news/crimea-parliament-independence-ukraine-086/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁴ CIA. *The World Factbook*: country comparison :: gdp (official exchange rate). Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2195rank.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

eram áreas extremamente industrializadas, como a Ucrânia, e de grande importância geoestratégica para a posição da Rússia na Europa.

Com a situação de extrema fragilidade do polo que equilibrava a balança do poder mundial, alguns teóricos das Relações Internacionais decretavam que o fim da história havia chegado. Com o fim da URSS e a adesão da China ao modelo de mercado, o paradigma liberal se apresentava como vitorioso de modo jamais visto em todo o globo. Os movimentos ideológicos "derrotados" no século XX, o Comunismo e o Nacionalismo estavam extremamente desacreditados e desestimulados, enquanto pelo outro lado a globalização liberal se expandia aumentando seus organismos multilaterais e sua ideologia, dando cada vez mais ao mundo a imagem de consolidação dos modelos de mercado.

Com o início dos anos 2000 e a chegada de Putin ao poder, a Rússia, apesar de ainda muito frágil economicamente, começou a reviver um pouco de sua política nacional tradicional. Diferentemente dos governos da década de 1990 que estavam voltados para uma relação maior com o ocidente, o novo governo buscou e tem buscado fortalecer e ampliar os mecanismos de integração regional e de recolocação dos interesses russos para com as antigas repúblicas soviéticas na pauta central da política externa.

Ao eclodir o conflito na Ucrânia no final de 2013, a Rússia voltou a ser, depois de muitos anos de ausência, tema central na agenda da política internacional. Com o golpe de estado orquestrado pelas forças antirrussas e pró-ocidentais na Ucrânia, que levou a deposição do presidente Víktor Yanukóvytch, tido como um pró-Rússia, diversas regiões do leste da Ucrânia (predominantemente de identidade russa) se rebelaram contra as ofensivas russofóbicas oriundas de Kiev e iniciaram processos de separação do estado ucraniano. Em 2014, a República Autônoma da Crimeia (zona geoestratégica da Rússia devido a base naval de Sebastopol), após o referendo reconhecido e aceito pela Rússia, regressou a este país em um gesto que o ocidente acusou de anexação territorial ⁵. As autodeclaradas Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk na região do Donbass também realizaram consultas populares e declararam independência de Kiev, mas nesse caso se almeja a criação de um novo Estado.

⁵ G1. *ONU aprova resolução que condena anexação russa da Crimeia*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/onu-aprova-resolucao-que-condena-anexacao-russa-da-crimea.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

O ocidente acusa a Rússia de fomentar e financiar o separatismo na Ucrânia ⁶, com o envio e treinamento de soldados. Por outro lado, o governo russo alega que não está intervindo militarmente na Ucrânia, mas reconhece que muitos de seus nacionais e outros cidadãos do mundo estão "tomando as dores" dos russos na Ucrânia e se juntado à suas tropas contra os "nazistas" ucranianos ⁷. Independente de os russos estarem ou não já envolvidos diretamente no conflito na Ucrânia, os teóricos do realismo consideram que esta atitude é uma defensiva, ao invés de uma ofensiva como o ocidente quer fazer parecer. John J. Mearsheimer, teórico do Realismo Ofensivo, acredita que a crise foi provocada pela expansão do ocidente para dentro das zonas de influência da Rússia, ao se tentar levar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a União Europeia (UE) para a Ucrânia. No caso a Rússia estaria apenas buscando defender suas zonas de influência ⁸.

O primeiro capítulo deste trabalho buscará apresentar os conceitos teóricos que servirão de parâmetro analítico para o tema abordado. A partir das concepções da Escola Realista das Relações Internacionais será desenvolvida uma análise das escolas da Geopolítica Clássica, do Realismo do Choque de Civilizações de Huntington e da Teoria do Mundo Multipolar (Eurasianismo) apresentada pelo pensador russo Alexandr Dugin.

No segundo capítulo será apresentada a história da formação territorial da Rússia, com ênfase para os acontecimentos do século XX que condicionaram a Rússia contemporânea. Através desta apresentação será possível observar que muitos dos acontecimentos recentes que envolvem a Rússia possuem suas raízes na formação histórica deste país, principalmente no que tange a formação e dissolução da União Soviética.

Para finalizar, o capítulo terceiro irá abordar a Rússia do século XXI e suas principais características. Tendo Putin como peça chave na transição comportamental russa na virada milênio, será analisado como o pensamento Eurasiano e o tradicionalismo norteiam a política

⁶ BBC. *Obama acusa Rússia por violência na Ucrânia*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140829_obama_russia_lgb>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁷ AKOPOV, Sergey. *Rússia no contexto geopolítico atual*. Palestra proferida pelo Embaixador da Rússia em Brasília no Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) em 24 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=liB5sds_lfg>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁸ MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault The Liberal Delusions That Provoked Putin. *Foreign Affairs*. September/October 2014.

interna e externa da Rússia. Neste capítulo será possível analisar os principais organismos de integração regional da Rússia, a polêmica envolvendo as questões dos direitos de LGBTs e as consequências da postura Eurasiana nos recentes conflitos na Ucrânia.

1 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

Este capítulo irá abordar os conceitos teóricos da escola Realista das Relações Internacionais e da Escola Neoeurasiana de pensamento da Rússia e suas interpretações. Da escola Realista, este trabalho irá buscar se utilizar dos preceitos apresentados por Samuel P. Huntington em sua obra *O Choque de Civilizações* para analisar a formação da nova ordem mundial no pós-guerra fria e sua implicação no comportamento dos estados. Através da Escola Neoeurasiana, representada neste trabalho pelas obras do teórico russo Alexandr Dugin, iremos analisar como esta absorve em seu arcabouço teórico os conceitos apresentados por Huntington e pelas teorias da geopolítica clássica e como essa escola de pensamento elabora, influencia e explica o comportamento da Rússia no cenário internacional no Século XXI.

Aliadas as teorias citadas, serão utilizadas como forma de entender o comportamento dos estados as teorias da geopolítica clássica sobre o poder terrestre e o poder marítimo, representadas pelos teóricos da Geopolítica Halford John Mackinder e Alfred Thayer Mahan. A partir destes conceitos Geopolíticos, a Escola Eurasianista analisa que a disputa civilizacional em que a Rússia está imersa envolve a disputa de uma sociedade terrestre (mais conservadora e autoritária) contra as sociedades marítimas (liberais e mercantis), levando como princípio que a Eurásia é o centro do mundo e quem dominar o seu coração consequentemente terá poder para controlar o mundo.

1.1 Realismo

O Realismo nas Relações Internacionais é, ao lado do Liberalismo, uma das escolas base e mais aceitas neste campo de estudo. Segundo Mingst ⁹, o Realismo é produto de uma longa tradição histórica e filosófica, ainda que sua aplicação direta a assuntos internacionais seja de uma safra mais "recente". "O Realismo é baseando em uma visão do individuo como primordialmente egoísta e sedento de poder" ¹⁰, o que é associado à ótica hobbesiana de

⁹ MINGST, Karen A. *Princípios de Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 59

¹⁰ Ibidem.

análise do comportamento dos indivíduos. Estes indivíduos, organizados através de Estados, comportam-se de modo unitário na busca de seu próprio interesse nacional definido em termos de poder. O Realismo Clássico compreende o estado como protagonista, ou seja, o único responsável de fato pelos acontecimentos na esfera internacional ¹¹. Esta escola ganhou grande notoriedade a partir dos pressupostos de E.H. Carr em sua obra *Vinte Anos de Crise: 1919 – 1939*. Um dos principais teóricos do Realismo Clássico, Carr rechaçava aquilo que ele considerava "utopia" na ciência que busca estudar a política internacional, buscando, como o nome desta teoria supostamente propõe, realizar uma análise que seja condizente com a realidade, em oposição aos postulados teóricos que buscavam discutir como deveriam ser as relações internacionais, e não como elas de fato são.

A doutrina Realista nas Relações Internacionais veio a se consolidar de fato com o trabalho *A Política das Nações*, de Hans J. Morgenthau. O estudo das relações internacionais teve esta publicação como um divisor de períodos, pré e pós Morgenthau, pois esta obra deu consistência ao estudo do realismo ¹². Neste livro, ele estabelece seis princípios básicos para lidar e analisar as Relações Internacionais. Os princípios são:

A sociedade é regulada por leis objetivas, na qual independe as preferências humanas:

- 1) O realismo político acredita que a política, como aliás a sociedade em geral, é governada por leis objetivas que deitam suas raízes na natureza humana. [...] Uma vez que a operação dessas leis independe, absolutamente, de nossas preferências, quaisquer homens que tentem desafiá-las terão de incorrer no risco de fracasso. [...]

¹³

A política internacional é um exercício de interesse e poder, onde questões como a ideologia são "falácias":

- 2) A principal sinalização que ajuda o realismo político a situar-se em meio à paisagem da política internacional é o conceito de interesse definido em termos de poder. Esse conceito fornece-nos um elo entre a razão que busca compreender a política internacional e os fatos a serem compreendidos. Ele situa a política como uma esfera autônoma de ação e de entendimento, separada das demais esferas, tais como economia (entendida em termos de interesse definido como riqueza), ética,

¹¹ MINGST, Karen A. *Princípios de Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 59

¹² SANTOS, Andressa de Melo. *O Realismo na Teoria das Relações Internacionais. Faculdade Damas – caderno de relações internacionais* – v.3, n.5, 2012.

¹³ MORGENTHAU, H. J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 2003.

estética ou religião. Uma teoria política, de âmbito internacional ou nacional, desprovida desse conceito, seria inteiramente impossível, uma vez que, sem o mesmo, não poderíamos distinguir entre fatos políticos e não-políticos, nem poderíamos trazer sequer um mínimo de ordem sistêmica para a esfera política. [...] O conceito de interesse definido como poder impõe ao observador uma disciplina intelectual e introduz uma ordem racional no campo da política, tornando possível, desse modo, o entendimento teórico da política. No que diz respeito ao ator, contribui com a disciplina racional em ação e cria essa assombrosa continuidade em matéria de política externa, que faz com que a política exterior americana, britânica ou russa se nos apresente como algo sujeito a uma evolução contínua, inteligível e racional, em geral coerente consigo própria, a despeito das distintas motivações e preferências e das qualidades morais dos políticos que se sucederam. Uma teoria realista da política internacional evitará, portanto, duas falácias populares: a preocupação com motivos e a preocupação com preferências ideológicas. [...] ¹⁴

Os interesses dos Estados mudam, mas os princípios permanecem:

3) O realismo parte do princípio de que seu conceito chave de interesse definido como poder constitui uma categoria objetiva que é universalmente válida, mas não outorga a esse conceito um significado fixo e permanente. A noção de interesse faz parte realmente da essência da política, motivo por que não se vê afetada pelas circunstâncias de tempo e lugar. [...] ¹⁵

Em política é necessário rejeitar uma moral universal, não política:

4) O realismo político é consciente da significação moral da ação política, como o é igualmente da tensão inevitável existente entre o mandamento moral e as exigências de uma ação política de êxito. E ele não se dispõe a encobrir ou suprimir essa tensão, de modo a confundir a questão moral e política, dando assim a impressão de que os dados inflexíveis da política são moralmente mais satisfatórios do que o modo como eles se apresentam de fato, e que a lei moral é menos exigente do que aparenta na realidade. [...] ¹⁶

5) O realismo político recusa-se a identificar as aspirações morais de uma determinada nação com as leis morais que governam o universo. Assim como sabe distinguir entre a verdade e a opinião, é capaz também de separar a verdade da idolatria. Todas as nações são tentadas a vestir suas próprias aspirações e ações particulares com a roupagem dos fins morais do universo - e poucas foram capazes de resistir à tentação por muito tempo. Uma coisa é saber que as nações estão sujeitas à lei moral, e outra, muito diferente, é pretender saber, com certeza, o que é bom ou mau no âmbito das relações entre nações. Há um mundo de diferença entre a crença de que todas as nações se encontram sob o julgamento de Deus, entidade inescrutável à mente humana, e a convicção blasfema de que Deus está sempre do seu lado, e que aquilo que se deseja tem de ser também a vontade de Deus. ¹⁷

¹⁴ MORGENTHAU, H. J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 2003.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

6) Portanto, é real e profunda a diferença existente entre o realismo político e outras escolas de pensamento. Por mais que a teoria do realismo político tenha sido mal compreendida e mal interpretada, não há como negar sua singular atitude intelectual e moral com respeito a matérias ligadas à política.

Intelectualmente, o realista político sustenta a autonomia da esfera política, do mesmo modo como o economista, o advogado e o moralista sustentam as deles. Ele raciocina em termos de interesse definido como poder; enquanto o economista pensa em função do interesse definido como riqueza; o advogado, toma por base a conformidade da ação com as normas legais; e o moralista usa como referência a conformidade da ação com os princípios morais. O economista indaga: "de que modo esta política pode afetar a riqueza da sociedade, ou de um segmento dela?" O advogado quer saber: "estará esta política de acordo com as normas da lei?" Já o moralista pergunta: "está esta política de acordo com os princípios morais?" E o realista político questiona: "de que modo pode esta política afetar o poder da nação?" (Ou, conforme o caso em tela: do governo federal, do Congresso, do partido, da agricultura, etc.). O realista político não ignora a existência nem a relevância de padrões de pensamento que não sejam os ditados pela política. Na qualidade de realista político, contudo, ele tem de subordinar esses padrões aos de caráter político e ele se afasta das outras escolas de pensamento quando estas impõem à esfera política quaisquer padrões de pensamento apropriados a outras esferas.¹⁸

Identificar e analisar estas áreas e qual a sua solução, detectando quão eficientemente são aplicadas, faz parte da disciplina das Relações Internacionais, como compreendida pelos realistas.¹⁹

Com isso, podemos identificar que a escola Realista Clássica das Relações Internacionais define como fundamentos básicos os estados como atores principais que se comportam de maneira egoísta e buscam satisfazer os seus interesses nacionais e aumentar o seu poder. Para os Realistas o sistema internacional é anárquico só é estável quando o alcança um equilíbrio de poder²⁰. Os realistas advogam princípios da soberania, nos moldes do sistema westfaliano de estados-nação, no qual o conceito de rejeição moral por parte dos estados esta ligado com a criação de estados-nação, muitas vezes ficcionais, em detrimento das ligações tradicionais, morais étnicas e/ou religiosas de cunho não materiais; o conceito de anarquia internacional, levando em consideração que apenas o poder e os interesse dos estados são relevantes para a organização internacional devido a continua marcha deste rumo maximização dos interesses nacionais; e a aceitação de que existe uma possibilidade perene

¹⁸ MORGENTHAU, H. J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 2003.

¹⁹ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012. p.25

²⁰ MINGST, Karen A. *Princípios de Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 61-63.

de conflito com base na "natureza humana" no sentido hobbesiano, tendo a sua análise baseada nos fatos objetivos e não normativos.

Durante a Guerra Fria, a teoria Realista das Relações Internacionais se desenvolveu a fim de buscar aprimorar a sua análise no novo cenário internacional de relativa paz através da bipolaridade. Surgem então os Neorrealistas. Assim como os Realistas Clássicos, os Neorrealistas pouco diferem estruturalmente dos pontos teóricos abordados anteriormente. O principal ponto antagônico (ou progressivo) do Neorrealismo para com o Realismo Clássico é a análise do conjunto do sistema internacional. Os Neorrealistas elaboram o conceito de "estrutura" e "balança de poder" dentro da visão Realista. Para Waltz ²¹, a visão realista clássica era limitada ao ponto de observar apenas o comportamento dos atores individualmente, ignorando a esfera das relações internacionais como um cenário onde os estados recorreriam em busca de segurança através de possível equilíbrio de poder entre as nações.

Nota-se, então, que diferente do que coloca o realismo clássico, Waltz percebe que a política internacional é definida pelos constrangimentos estruturais. A estrutura do sistema faz com as ações gerem resultados inesperados. Por mais que os Estados não desejem viver em um ambiente hostil, eles precisam resguardar seus interesses. Se um Estado agir diferente, ele arcará sozinho com os prejuízos e isso não trará mudanças estruturais. A questão central da contribuição de Waltz, então, é que num ambiente anárquico, onde impera a auto-ajuda, os Estados tendem a buscar um equilíbrio de poder. Para sobreviver, os Estados contam com esforços internos, que podem ser traduzidos como o incremento das capacidades, e esforços externos, através da formação de alianças.

A teoria do equilíbrio de poder, dessa forma, busca explicar um resultado que pode ser percebido no sistema: a formação de balanças de poder. Não se trata de discutir se o equilíbrio, uma vez alcançado, é mantido ou não. O ponto relevante é perceber que, uma vez que o equilíbrio tenha sido alterado, ele será restaurado de uma forma ou de outra. Isso ocorre porque o sistema estimula os Estados a buscarem segurança, induzindo ao equilíbrio. A principal preocupação dos Estados é, então, manter sua posição dentro do sistema, garantindo assim a sobrevivência. ²²

²¹ WALTZ, Kenneth. *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva, 2002.

²² DUARTE, Geraldine Rosas. Realismo Clássico versus Realismo Estrutural: natureza humana ou estrutura do sistema? *E-civitas Revista Científica do Departamento de Ciências Jurídicas, Políticas e Gerenciais do UNI-BH Belo Horizonte*, vol. IV, n. 1, jul 2011.

Para Waltz ²³, a regulação entre equilíbrio e desequilíbrio de poder é o fator crucial no comportamento dos estados. Essa visão foi bastante favorecida e aceita pela maneira como a Guerra Fria se desenrolou no que compreende a balança de poder. Todos os estados buscavam se situar do lado soviético ou do lado ocidental a fim de assegurar sua segurança. A estrutura internacional bipolar condicionava o comportamento dos estados. "A habilidade para a concretização do interesse nacional depende não só do próprio Estado, mas também dos seus oponentes."²⁴

O colapso da União Soviética, e consequentemente o fim da Guerra Fria, apresentou um novo cenário aos Realistas que estavam confiantes na longevidade da segurança internacional através do equilíbrio de poder do mundo bipolar, gerando muitas incertezas quanto ao futuro das relações internacionais e também incertezas com relação à confiabilidade dos conceitos realistas. Um dos debates de maior evidência no campo das Relações Internacionais e de suma importância para compreensão deste trabalho, com relação às consequências do desfecho da Guerra, Fria será analisado no próximo item a fim de debater as perspectivas teóricas do "O Choque de Civilizações" apresentado por Huntington em oposição ao "Fim da História" apresentado por Fukuyama, com ênfase na aplicação de determinados conceitos de Huntington ao tema a ser apresentado neste trabalho.

As premissas teóricas do Realismo contribuem de maneira significativa com o tema aqui abordado tendo em vista que as posições teóricas que serão aplicadas trabalham com a contraposição das premissas Liberais que indicavam e indicam que questões como a interdependência entre os estados e a suposta universalização dos valores da democracia e do liberalismo estão sobrepondo os interesses nacionais e retirando dos estados as suas orientações tradicionais. Este trabalho aceitará, como será discutido mais a frente, as premissas do Realismo no sentido de que cada civilização sempre irá caminhar no sentido de maximizar os seus interesses de preservar os seus elementos civilizacionais. As sociedades atlantistas buscarão preservar os seus princípios liberais, individualistas e de mercado enquanto as sociedades ligadas ao solo, e consequentemente mais tradicionalistas, buscarão preservar a sua cadeia de princípios espirituais, religiosos, filosóficos e geográficos que

²³ WALTZ, Kenneth. *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva, 2002..

²⁴ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012. p. 25-26.

norteiam a sua existência. A análise realizada aqui não considerará os Estados-Nação como os principais intervenientes das relações internacionais, pelo fato de que, caso aceitemos esta premissa, não seria possível visualizar um mapa civilizacional, como será abordado posteriormente, e sim visualizaríamos um mapa político no qual por muitas vezes as civilizações se encontrariam divididas artificialmente ²⁵.

1.1.2 O Choque de Civilizações

O século XX foi o século crucial para a consolidação dos valores que temos hoje apresentados como universais. Neste tivemos as duas Grandes Guerras, a ascensão e a consolidação das três teorias políticas da modernidade – o Liberalismo, o Fascismo e o Comunismo-, e o próprio fim das duas últimas citadas. Passado os turbilhões vividos até mais da metade deste século, a década de 1990 encheu de esperança os anseios dos liberais internacionalistas que vislumbravam a vitória universal dos princípios da democracia, do mercado e dos "Direitos Humanos". Parecia tão evidente a vitória do Atlantismo e seus dogmas àquela altura. Parecia tão próxima a vitória do primado da economia sobre a política. Assim decretava Fukuyama: O fim da história havia chegado! Para ele, o liberalismo, que tão a prova havia sido colocado naquele século, tendo tido o Fascismo e o Comunismo como grandes adversários e tendo os vencido, estava sendo coroado como o sistema final da humanidade. Naquele momento, de fato, as posições antiliberais estavam vigorosamente enfraquecidas e desacreditadas a níveis programáticos no mundo todo. Os Comunistas, os grandes opositores dos Liberais estavam destroçados e desorganizados, assim como os demais grupos nacionalistas, tradicionalistas e antiliberais. Em um dos últimos recantos em que o estandarte vermelho tremulava, na China, estava em vigor um programa de aceitação do liberalismo econômico e da adequação à economia de mercado. O leste europeu e a Rússia levavam seguidos choques de liberalismo promovidos por Gorbachev, Yeltsen e sua camarilha liberal que tomou conta do Kremlin, dando mais crédito ainda a Fukuyama no que se tratava da suposta vitória final da Democracia Liberal a nível planetário como ápice do desenvolvimento organizativo humano. De acordo com ele,

²⁵ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012 p. 23-27.

Tanto para Hegel quanto para Marx a evolução das sociedades humanas não era ilimitada. Mas terminaria quando a humanidade alcançasse uma forma de sociedade que pudesse satisfazer suas aspirações mais profundas e fundamentais. Desse modo, os dois autores previam o 'fim da História'. Para Hegel seria o estado liberal, enquanto para Marx seria a sociedade comunista.²⁶

Fukuyama escreveu no calor liberal que a queda do muro Berlim causou no mundo e em que os valores ocidentais subjulgavam os valores das civilizações tradicionais do antigo bloco soviético. No calor em que valores por vezes tão antagônicos em relação a determinadas civilizações (como a ortodoxa) estavam sendo tão estranhamente aceitos e aplicados em âmbito interno sem a, até então, devida resistência. O que Fukuyama não levou em consideração em seu trabalho foi à necessidade de se realizar uma análise profunda do comportamento e da psique dos povos do antigo bloco vermelho. Ele não conseguiu visualizar que a Guerra Fria no campo da ideologia apenas mascarou um pouco as verdadeiras causas dos conflitos entre as sociedades marítimas e as sociedades terrestres. Talvez ele tenha certa razão no trecho citado acima, quando ele fala que a evolução humana "terminaria quando a humanidade alcançasse uma forma de sociedade que pudesse satisfazer as aspirações mais profundas e fundamentais". Mas afinal, de que humanidade estamos falando? De que aspirações estamos falando? Será que todas as civilizações e sociedades possuem as mesmas aspirações?

Dugin ao debater as perspectivas de Fukuyama indica que este havia concluído que:

- A Democracia tinha-se tornado uma norma universal em todo o mundo e, assim sendo;
- Doravante minimizaram-se as ameaças dos conflitos militares (se é que não desapareceram por completo – pois "as democracias não combatem umas com as outras");
- A única norma passou a ser a concorrência comercial em nível mundial;
- A Sociedade civil tornou-se mais importante que os Estados-Nação e torna-se eminente a proclamação de um governo mundial.²⁷

Em respostas a essas afirmações de que a história havia encontrado o seu ápice de desenvolvimento na Democracia Liberal, Samuel P. Huntington elaborou um valoroso

²⁶ FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 12.

²⁷ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012. p. 74.

conceito às Relações Internacionais. A ideia do Choque de Civilizações. Em seu livro *Choque de Civilizações*²⁸, Huntington discute, inicialmente, os fundamentos da nova era da política mundial e busca traçar um panorama, com base em uma análise histórica e mais profunda, do futuro próximo das relações internacionais. Huntington, diferentemente de Fukuyama, concluiu que por mais que a era das disputas ideológicas tenham terminado, o mundo não irá se orientar a um projeto liberal democrático universal, muito pelo contrario. O mundo voltaria ao seu estado que antecedeu o mundo bipolar da Guerra Fria, um estado em que as identidades civilizacionais seriam o centro dos acontecimentos da nova ordem mundial. Para ele, as civilizações e seus históricos anseios que, durante o século XX foram de certo modo mascaradas no cenário internacional pela bipolaridade ideológica, iriam voltar à cena.

Minha hipótese é que a fonte fundamental de conflitos neste mundo novo não será principalmente ideológica ou econômica. As grandes divisões entre a humanidade e a fonte dominante de conflitos será cultural. Os Estados-nações continuarão a ser os atores mais poderosos no cenário mundial, mas os principais conflitos da política global ocorrerão entre países e grupos de diferentes civilizações. O choque de civilizações dominará a política global. As falhas geológicas entre civilizações serão as frentes de combate do futuro.²⁹

Apesar de Realista, segundo Dugin³⁰, Huntington deu um considerável passo à teoria das Relações Internacionais além das análises convencionais ao reconhecer as civilizações como relevantes intervenientes das disputas na Nova Ordem Mundial pós-bipolaridade. Mas, dentro das limitações teóricas do Realismo, as preocupações dele com relação às civilizações como "atores" estão ainda voltadas à velha agenda Realista da segurança nacional dos Estados-Nação e dos interesses nacionais dos mesmos, considerando em primeiro lugar a possibilidade de confronto entre as civilizações, considerando ainda como centro destas os Estados-Nação, que como dito anteriormente, por vezes apenas Estados artificiais (como a Ucrânia, que será discutida no Capítulo três do presente trabalho). Dugin analisa que, para Huntington, o fenômeno descrito por Fukuyama (da aceitação do liberalismo como preceito

²⁸ HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

²⁹ Ibidem.

³⁰ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012

universal) só pode ser aplicado às sociedades ocidentais ³¹. Dugin parafraseia Huntington ao afirmar que o fenômeno da aceitação da economia de mercado nos países não ocidentais (como na Rússia pós-soviética) é uma "modernização sem ocidentalização", o que contraria os diagnósticos de Fukuyama que indicou que "a única norma passou a ser a concorrência comercial a nível mundial".

As principais civilizações contemporâneas segundo Huntington seriam: Sínica; Japonesa; Hindu; Islâmica; Ortodoxa; Ocidental; Latino-Americana e Africana (possivelmente). ³²

Para cada uma das civilizações mencionadas, Huntington descreve as suas características principais como civilização. No caso aqui estudado, iremos abordar a descrição que ele faz para a civilização Ortodoxa, que corresponde à civilização russa.

Alguns estudiosos distinguem uma civilização Ortodoxa, centrada na Rússia e separada da Cristandade Ocidental, como resultado de sua acedência Bizantina, religião distinta, 200 anos de leis Tártaras, despotismo burocrático e exposição limitada ao Renascimento, Iluminismo e outras experiências fundamentais do Ocidente. ³³

Huntington acredita que estas civilizações entrarão em choque com a despolarização, cada uma exercendo representatividade, poder e força gravitacional política ³⁴.

Através desta ideia de uma Rússia mais centralizadora, burocrática e autoritária e avessa aos valores Iluministas, democráticos e ocidentais, iremos desenvolver no próximo item a noção do choque civilizacional aplicado as teorias da geopolítica do confronto terra e mar, que pode ser visto como o atual conflito ocidente vs oriente, uma vez que o conflito *Guerra Fria* será abordado como uma disputa ideológica de duas variantes do Iluminismo.

³¹ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012 p.78.

³² HUNTINGTON. Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

³³ Ibidem.

³⁴ CASTRO, Thales. *Teoria das relações internacionais*. Brasília: FUNAG, 2012

1.2 Teorias da Geopolítica Clássica

A Geopolítica é o fruto da relação existente entre a política e a geografia. Tal ramo de estudo busca compreender as relações dos agentes intervenientes nas disputas por espaço. Friederich Ratzel, considerado o pai da Geopolítica, concebia o Estado como um organismo vivo, que vive, prospera, decai e morre. Para ele, o futuro político de cada território depende do espaço, e principalmente, da posição geográfica, que condiciona as relações entre os povos.³⁵ Para a análise da Geopolítica russa, abordaremos neste trabalho os princípios da Geopolítica Clássica da disputa pelo poder terrestre em oposição à disputa pelo poder marítimo aliadas ao Realismo do choque de civilizações e interpretadas pela Escola Expansionista da Geopolítica Russa (Neoeurasianismo) representada aqui pelos trabalhos do professor Alexandr Dugin.

1.2.1 Teoria do Poder Marítimo (Mahan)

Alfred Thayer Mahan (1840-1914) foi um importante almirante estadunidense autor de *"The Influence of Sea Power Upon History (1660-1783)"*. No seu trabalho, Mahan destaca três aspectos basilares para o desenvolvimento de um Estado potência: o econômico, o militar e o geopolítico. O aspecto econômico baseado na capacidade produtiva e comercial, o aspecto militar na capacidade naval como fundamental e no aspecto geopolítico ele considera como fundamentais questões como a posição geográfica, o espaço territorial, a população, a capacidade de expansão comercial, e um governo com inclinações para dominar o mar³⁶. Para Mahan, o poder marítimo é fundamental para qualquer estado que tenha pretensão de ser uma potência mundial. Mahan elaborou sua teoria geopolítica marítima com a finalidade de transformar o seu país (os EUA) em uma potência mundial marítima, devido a sua posição geografia e cultural propensa às atividades comerciais: acesso a mares ocidentais e orientais, primazia econômica e liberalismo. E, de fato, sua teoria geopolítica influenciou na expansão marítima estadunidense como a conquista de Porto Rico e das Filipinas, a fixação do poder marítimo norte-americano no caribe e no pacífico e a abertura do canal do Panamá³⁷.

³⁵ TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

"Aquele que comanda o mar, comanda todas as coisas." Alfred Thayer Mahan

Na história do mundo, existem, em competição constante, duas aproximações às noções de espaço e terreno – a terrestre e a marítima. Na História antiga, as potências marítimas que se tornaram em símbolos da “civilização marítima” foram a Fenícia e Cartago. O império terrestre que se lhes opunha era Roma. As Guerras Púnicas foram a imagem mais clara da oposição “terra-mar”. Mais modernamente, a Grã-Bretanha tornou-se o “pólo” marítimo, sendo posteriormente substituído pelos EUA. Tal como a Fenícia, a Grã-Bretanha utilizou o comércio marítimo e a colonização das regiões costeiras como o seu instrumento básico de domínio. Criaram um padrão especial de civilização, mercantil e capitalista, baseada acima de tudo nos interesses materiais e nos princípios do liberalismo económico. Portanto, apesar de todas as variações históricas possíveis, pode dizer-se que a generalidade das civilizações marítimas tem estado sempre ligada ao primado da economia sobre a política.³⁸

1.2.2 Teoria do Poder Terrestre (Mackinder)

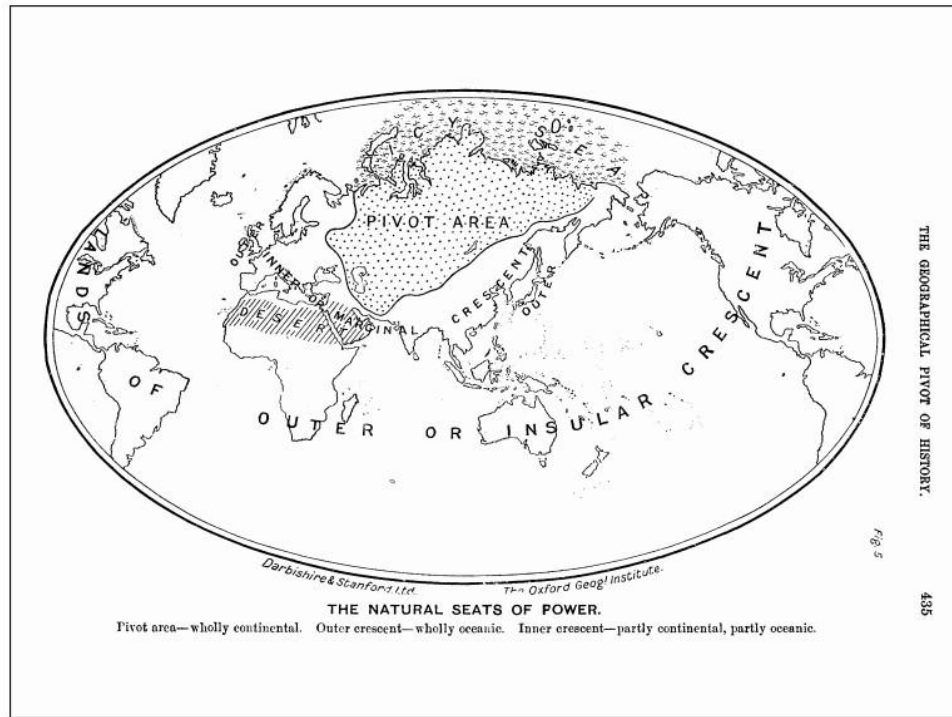
Apesar de nunca ter utilizado o termo Geopolítica, o estrategista britânico Halford Mackinder é considerado um dos principais teóricos do campo. Sua teoria apresentada no artigo *The Geographical Pivot of History* (1905) criou os conceitos de *Heartland* (o coração da terra), *World Island* (Ilha Mundial) e alguns outros conceitos enfatizando a importância do poderio terrestre, da guerra no solo, do exército e do controle das áreas geoestratégicas da Europa como fundamentais para o domínio do mundo, contrapondo o fator marítimo abordado por Mahan. Mackinder classifica o mundo em duas regiões fundamentais: i) a Ilha Mundial (que corresponderia a Europa, Ásia e África), onde teria ocorrido a maioria dos mais importantes eventos e guerras da história e; ii) o restante do mundo que ele chama de Ilhas do Exterior. A área pivô, o *Heartland*, seria o centro da Ilha Mundial e corresponderia à região eurasiática, tema do debate aqui apresentado. Para Mackinder, quem dominar o *Heartland* dominará o mundo, pois esta seria a região geoestratégica do planeta cuja posse é fundamental para a hegemonia mundial³⁹. Para Mackinder, o controle desta vasta região permitiria o desenvolvimento de uma vigorosa economia e permitiria a quem a controlasse resistir às

³⁸ SANTOS, Eduardo Eugénio Silvestre dos. *O Eurasianismo: a “nova” Geopolítica russa*. 2010. Disponível em: <<http://evrazia.info/article/4433>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

³⁹ TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

pressões do poder marítimo, que se limitaria às regiões costeiras da Eurásia⁴⁰. O conceito do *Heartland* será crucial no desenvolvimento deste trabalho.

Figura 1 - A área pivô segundo Mackinder



Fonte: MACKINDER, Halford John. 1904⁴¹

É possível observar que a área que Mackinder indica como coração da terra corresponde ao espaço no qual existiram alguns dos maiores impérios da história, como o Império Mongol, Império Romano, Império Russo, Alemanha Nazista em sua expansão e URSS. Além de prover ao seu controlador vasta área de isolamento contra agressões externas, controlar o *heartland*, segundo Mackinder, é controlar a Eurásia e por consequência o mundo.

⁴⁰ TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

⁴¹ MACKINDER, Halford John. The Geographical Pivot of History. *The Geographical Journal* No. 4, April 1904. Vol. XXIII. Disponível em: <<http://intersci.ss.uci.edu/wiki/eBooks/Articles/1904%20HEARTLAND%20THEORY%20HALFORD%20MACKINDER.pdf>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

"Quem dominar a Europa Oriental, controlará o coração continental. Quem dominar o coração continental, controlará a ilha mundial. Quem controlar a ilha mundial, controlará o mundo." Halford Mackinder

Por seu lado, Roma representava uma amostra de uma estrutura de tempo de guerra, autoritária, baseada no controlo civil e administrativo, no primado da política sobre a economia. É um exemplo de um tipo de colonização puramente continental, com a sua penetração profunda no continente e assimilação dos povos conquistados, automaticamente romanizados após a conquista. Para os eurasianistas, na História moderna, os seus sucessores são os Impérios Russo, Austro-Húngaro e a Alemanha imperial. Contra o "Atlantismo", personificando o primado do individualismo, liberalismo económico e democracia protestante, ergue-se o "Eurasianismo", personificando princípios de autoritarismo, hierarquia e o estabelecimento de um comunitarismo, sobrepondo-se às preocupações de índole individualista e económica.⁴²

1.3 A Escola Expansionista russa – O Eurasianismo

O fim da Guerra Fria representou para a Rússia um forte impacto de reconhecimento indenitário e ideológico. Tudo o que os russos acreditaram por tanto tempo ser a verdade de um dia para o outro deixou de existir. Pela primeira vez na história, diversas regiões que em toda a sua história fizeram parte da grande Rússia, seja no Império seja na URSS, estavam se separando formalmente da Rússia e se tornando novos Estados-Nação. Dentre as escolas de pensamento geopolítico que surgiram na Rússia durante os anos 90-- como exemplos a Escola Internacionalista-Idealista, a Escola Realista e a Escola Expansionista Revolucionaria-- apenas duas herdaram os seus conceitos de maneira relevante no atual pensamento geopolítico russo: a Escola Ocidentalista e a Escola Expansionista.

A Escola Ocidentalista defende os princípios liberais de maneira muito semelhante dos apresentados por Fukuyama em o Fim da História⁴³. Defendem que a Rússia deve entender e aceitar que o seu papel histórico no continente euroasiático deixou de existir. Que a Rússia deveria reconhecer o papel predominante dos EUA no mundo e, consequentemente, na eurásia⁴⁴. Para os Ocidentalistas, a Rússia deveria caminhar no sentido de alinhamento com o mundo ocidental liberal-democrata, desenvolvendo uma identidade europeia, assim como

⁴² SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: < http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁴³ FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992

⁴⁴ TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

Pedro o Grande havia defendido em um passado mais distante. Para eles, o mundo unipolar estava consolidado e a Rússia precisava aceitar esta realidade. Como será abordado mais a frente, os governos dos anos 90, da escola Internacionalista-Idealista, são os precursores desta escola através dos presidentes Mikhail Gorbachev e Boris Yeltsen. Segundo Teixeira⁴⁵, esta escola valoriza as ideias geopolíticas de Mackinder, porém entendem que a Rússia não tem como competir com a potência estadunidense.

Pelo outro lado, no período de transição Russa (anos 90), surgiram neste país, além destes grupos liberais-democratas, novos grupos ideológicos que visavam manter a Rússia unida como potência regional. A mais influente destas escolas nos dias atuais é, sem dúvidas, a Escola Expansionista (ou NeoEurasianista), tendo o filósofo, sociólogo, geopolítico e cientista político Alexandr Dugin como o seu principal expoente. Vale enfatizar que o conceito de Eurasianismo possui diversos significados temporais diferentes. O termo surgiu pela primeira vez no século XIX através do movimento eslavófilo, que buscava juntar a rica diversidade da Eurásia, fazendo desta união uma alternativa a via europeia e a via asiática. Após a I guerra mundial, o termo voltou a ser usado por alguns filósofos, teólogos e historiadores russos para defender a luta cultural e política entre o ocidente e o subcontinente Eurasiano. Para estes últimos, a Eurásia seria um subcontinente à parte da Europa e da Ásia⁴⁶.

Diferentemente da Escola Ocidentalista, o pensamento geopolítico Eurasiano possui, ao invés de linhas liberais-democratas, linhas ideológicas tradicionalistas, nacionalistas e patrióticas que acreditam que, devido às particularidades geográficas, históricas, culturais e mesmo psicológicas, a Rússia não pode ser classificada como Ocidental ou Oriental⁴⁷. O Neoeurasianismo duginiano, de acordo com Matos⁴⁸, não é apenas um pensamento geopolítico, mas também é uma filosofia geral, que, como Dugin apresenta em sua Obra "A Teoria do Mundo Multipolar", almeja se tornar uma teoria alternativa das Relações

⁴⁵ TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

⁴⁶ DUGIN, Alexandr. *Eurasianismo Ensaios Seleccionados*. Brasil: Zarinha Centro de Cultura, 2012 (Introdução por MATOS).

⁴⁷ SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: < http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁴⁸ DUGIN, Alexandr. *Eurasianismo Ensaios Seleccionados*. Brasil: Zarinha Centro de Cultura, 2012 (Introdução por MATOS).

Internacionais partindo do princípio do combate aos modelos universalistas que dominam esta academia. Vale enfatizar que o Eurasianismo está sendo tratado aqui como conceito teórico acadêmico, tendo ele outro significado quando formos analisar a influência deste pensamento no comportamento dos governos da Rússia. O Eurasianismo apresentado por Dugin não é apenas um programa de poder russo, mas sim um conceito político aberto.

O sujeito da teoria Eurasiana (TMM) são as civilizações, como inicialmente apresentada através da obra de Huntington. Para Dugin, a civilização não é um conceito existente como sujeito nas demais teorias do campo das Relações Internacionais, nem nas positivistas nem nas pós-positivistas. Para ele, a civilização não é um Estado, nem um regime político, não é uma classe, uma rede, uma comunidade e nem um grupo de indivíduos. Para ele,

A civilização é a comunidade coletiva, unida pelas mesmas tradições históricas, culturais, mentais e simbólicas (normalmente tendo uma base religiosa, embora não necessariamente por intermédio de uma religião em particular), cujos membros estão cientes da sua proximidade, sendo irrelevante a sua filiação nacional, política, ideológica ou de classe .⁴⁹

Tendo como base o sujeito civilizacional⁵⁰, Dugin tenta unir os conceitos Eurasianistas clássicos com as teorias geopolíticas de Mackinder. A Teoria do Mundo Multipolar, apresentada por Dugin, propõe uma *alterglobalização*⁵¹, uma globalização diferente. Para ele, os Estados-Nação estão sendo transformados em Estados globais, de modo a impor um modelo de sistema governamental universal como único sistema-econômico administrativo possível. Para ele, é um erro pensar que, repentinamente, estados com classes sociais distintas, tradições antagônicas e modelos econômicos próprios irão cooperar com este sistema. Para ele, a globalização vivida nos dias atuais é unilateral, pois pretende universalizar o pensamento de uma das civilizações do atual mapa civilizacional a fim de destruir os valores das demais civilizações. Seria essa globalização a imposição do paradigma atlântico⁵². O projeto Eurasiano seria uma alternativa a Nova Ordem Mundial unipolar. O

⁴⁹ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012 (p.76).

⁵⁰ DUGIN, Alexandr. *A Quarta Teoria Política*. Curitiba: Editora Austral, 2013 (p. 148).

⁵¹ Alterglobalização significa uma globalização alternativa, diferente da que vem ocorrendo.

⁵² TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

Eurasianismo nega o atlantismo como preceito universal. O Eurasianismo defende a organização multipolar do mundo no sentido civilizacional.

Ao defender o Mundo Multipolar, esta teoria identifica quais seriam os polos deste modo organizativo. Dugin, considerando o mapa civilizacional apresentado por Huntington, indica que as seguintes civilizações só podem conservar os seus valores tradicionais a partir do momento que se colocarem como os centros de seus próprios valores, negando os valores ocidentais (com exceção da própria civilização ocidental que, segundo Dugin, deve preservar os seus valores civilizacionais liberais caso queiram) antagónicos com relação às suas tradições. As civilizações seriam ⁵³:

Indisputadas:

- Ocidental
- Ortodoxa (eurásica)
- Islâmica
- Hindu
- Chinesa (confucionista)
- Japonesa

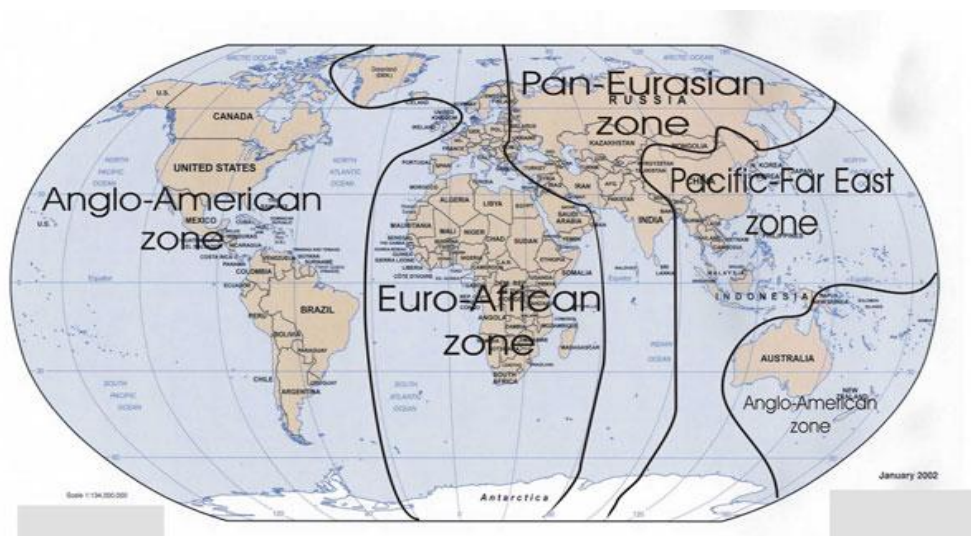
Potenciais:

- Latino-americana
- Budista
- Africana

Para a ideia Eurásiana, estas civilizações estariam divididas em quatro cinturões geográficos verticais, formando quatro zonas meridionais: A Zona Anglo-Americana, a zona Euro-Africana, a zona Rússia-Ásia Central e a Zona do Pacífico, como abaixo:

⁵³ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012 (p.79).

Figura 2 - As Quatro zonas de acordo com a Teoria do Mundo Multipolar



Map of multipolar world. Four zones - four poles

Fonte: DUGIN, Alexandr . 2012 ⁵⁴

Segundo a teoria, a zona atlântica seria contrabalançada pelas outras três zonas, que são equilibradas entre si. Tal ideia do balanceamento inter-civilizacional pode nos remeter aos conceitos apresentados pelo Neorrealismo de Waltz ⁵⁵ sobre o equilíbrio de poder. Só que ao invés de Estados-Nação, os polos do mundo multipolar seriam os responsáveis pelo equilíbrio, remontando um pouco o cenário visto pelos neorrealistas da Guerra Fria. Se considerarmos as civilizações como principais intervenientes das relações internacionais, separadas em "grandes espaços", então obtemos uma premissa completamente diferente da imaginada inicialmente pelos realistas. Neste caso, podemos imaginar as relações inter-civilizacionais como uma analogia direta à estruturação do panorama internacional do paradigma realista, aceitando também os conceitos de caos e anarquia, mas num novo patamar – como caos inter-civilizacional e anarquia inter-civilizacional, aceitando a premissa fundamental do Realismo de que não existe e nem poderá existir qualquer patamar supra, no caso, supra-civilizacional ao invés de supra-nacional ⁵⁶.

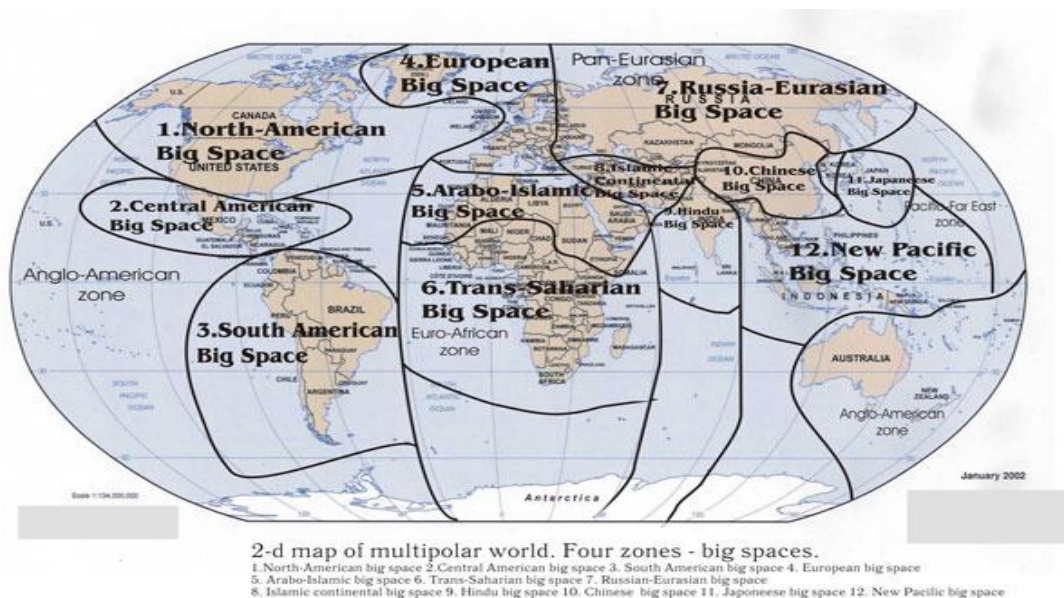
⁵⁴ DUGIN, Alexandr. *Eurasianismo Ensaio Seleccionados*. Brasil: Zarinha Centro de Cultura, 2012

⁵⁵ WALTZ, Kenneth. *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva, 2002.

⁵⁶ DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012. p.95.

As quatro zonas do Mundo Multipolar seriam compostas pelos seguintes grandes espaços:

Figura 3 - Os grandes espaços dentro das Quatro Zonas de acordo com a Teoria do Mundo Multipolar



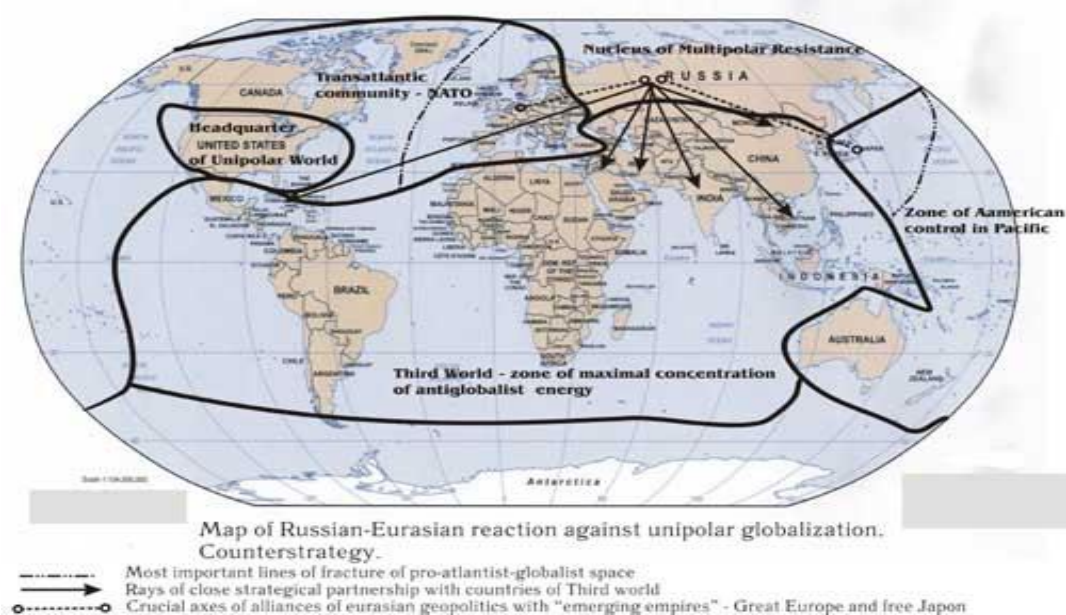
Fonte: DUGIN, Alexandr . 2012 ⁵⁷

É possível então visualizar como a teoria Eurasiana se relaciona diretamente, no que compreende a posição da Rússia na distribuição geopolítica, com os conceitos da geopolítica terrestre desenvolvida por Mackinder, tendo em vista que as divisões geográficas apresentadas colocam a Rússia como o Coração do Coração da Terra. Como Dugin mesmo se refere: *"Este é o Eurasianismo, a política do Heartland"*.

Este trabalho buscará entender se as orientações geopolíticas apresentadas pela Escola Neoeurasiana, que indicam as áreas em que a Rússia deve manter influências dentro do "espaço russo", e também as áreas onde indicam os potenciais vetores de alianças no qual a Rússia deveria engajar maior aproximação a fim de formar um núcleo de resistência à ordem unipolar, como a formação do Eixo Moscou-Teerã, Eixo Moscou-Deli, Moscou-Ankara, estão de fato correspondendo a atual geopolítica russa nos governos Putin e Medvedev.

⁵⁷ DUGIN, Alexandr. *Eurasianismo Ensaio Selecionados*. Brasil: Zarinha Centro de Cultura, 2012

Figura 4 - Mapa geopolítico no qual Dugin apresenta qual deve ser a orientação geopolítica da Rússia a fim de se manter como potência regional e mundial



Fonte: DUGIN, Alexandr . 2012 ⁵⁸

A teoria do Mundo Multipolar será utilizada neste trabalho a fim de buscar entender os acontecimento que envolvem a Rússia em questões geopolíticas de maneira mais antropológica e histórica, buscando entender de dentro do pensamento tradicional russo o que significa todos estes acontecimentos. A TMM tem por princípios: Diferencialismo: pluralismo de sistemas de valores contra a dominação obrigatória de uma ideologia; A Tradição contra a supressão de culturas, dogmas e descobertas das sociedades tradicionais; Os direitos das nações contra a hegemonia neocolonial do "norte rico"; As etnias como valores sujeitos da historia contra a despersonalização das nações, aprisionadas em construções sociais artificiais ⁵⁹. Este trabalho tentará explicar o comportamento da Rússia através da própria Rússia, sua história e suas tradições, sem determinismos e sem conceitos universalistas pré-impostos.

⁵⁸ DUGIN, Alexandr. *Eurasianismo Ensaio Seleccionados*. Brasil: Zarinha Centro de Cultura, 2012

⁵⁹ Ibidem.

2 A FORMAÇÃO DA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA

Entender o que se passa nos dias atuais no território russo e em suas respectivas áreas de influencia nos exige entender o passado recente desta região. O século XX foi marcado por emblemáticos acontecimentos que configuraram o mundo como o conhecemos nos dias atuais, e a Rússia foi uma das engrenagens principais deste período de grandes mudanças. Entender a configuração histórica do ordenamento territorial e ideológico da Rússia se torna essencial para compreender a formação da atual Geopolítica russa.

2.1 A Rus' de Kiev e a Formação do Império

Não coincidentemente ligada aos acontecimentos recentes envolvendo a Geopolítica russa, a formação deste país nos leva até o atual estado Ucrainiano e à sua capital, Kiev. No atual território ucraniano, se juntaram os antigos povos eslavos orientais que abitavam aquelas regiões, que através de alianças entre diversas tribos eslavas orientais e elites locais formaram o que era chamado de Rus' Kievana, por volta do ano de 882 ⁶⁰. O estado Kievano *era uma confederação solta de Cidades-estados governadas por nobres vassalos do Grande Príncipe de Kiev* ⁶¹. Os conceitos de "Russos" como os atuais *Velikorus* (Grande Russo), correspondentes à Rússia atual, os *Malorus* (Pequenos Russos), correspondentes à Ucrânia atual e os *Belorus* (Russos Brancos), correspondentes ao atual território da Belarus, foram originados a partir da Rus' de Kiev ⁶², porem, como indica Smolin, tais conceitos não possuem raízes etno-históricas que nos remeta a formações nacionais diferentes, tais diferencialismos são produtos da era moderna pós-revolução. Para ele, tais conceitos eram percebidos apenas para determinar o local geográfico de origem de um ou outro cidadão do Império Russo.

Durante o século XIII, os russos foram dominados pelo Império Mongol de Genghis Khan. A dominação durou cerca de 250 anos e alterou profundamente a cultura e a psicologia

⁶⁰ SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 100.

⁶¹ Ibidem.

⁶² SMOLIN, Mikhail. *Ukraine: geopolitics & identity*. 2014. Disponível em: <<http://souloftheeast.org/2014/03/30/ukraine-geopolitics-identity/>> Acesso em: 06 Maio 2015.

da Rússia como civilização ⁶³. Para Santos ⁶⁴, a dominação Mongol sobre o território russo implicou em consequências significantes na cultura e na psicologia russa, explicando as fortes inclinações que esta civilização tem para uma política externa agressiva e a "governos autoritários". Com a dominação Mongol, os laços de vassalagem que uniam o a Rus' de Kiev foram destruídos. Durante este período, Moscovia, ou o Grão-ducado de Moscou, que havia sido uma região relativamente secundária para o comércio durante o século XII, teve sua importância aumentada ⁶⁵. Entre 1325 e 1340, Ivan I conseguiu dos mongóis a prerrogativa de coletar impostos em outras cidades russas em nome dos mongóis, além de que Ivan I também adotou uma política de expansão local conquistando e dominando outras cidades-Estado russas rivais, levando Moscou a exercer uma grande hegemonia regional sobre outras regiões eslavas ⁶⁶. Em 1480, Ivan III, o Grande, expulsou definitivamente os mongóis de Moscou. Segrillo ⁶⁷ mostra que, até Ivan III, Moscou estava apenas retomando as terras eslavas conquistadas, o que mudaria a partir de seus sucessores.

Moscou, que era uma região estrategicamente centralizada, diferente da Kiev que era descentralizada, levando em consideração o puro caráter geográfico da distribuição territorial da Rússia, viria a se tornar o centro do novo Império, agora ao invés de Mongol, Czarista. Ivan IV, o Terrível, iniciou então a criação do Império Russo anexando regiões tradicionalmente não eslavas, avançando para terras mongóis para além do Rio Volga, conquistando os canados de Kazan e Astrakhan ⁶⁸. No século XVII, a Rússia inicia a sua expansão para Leste e para Sul, iniciando uma longa contenda com os Impérios Britânico e Otomano, conquistando os territórios da Sibéria ao leste e chegando até o Rio Dniepre ao sul

⁶³ SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: < http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012. (p. 122).

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹. Durante o século XVIII, Pedro, o Grande, expandiu as fronteiras ao norte até o mar Báltico, alcançando finalmente uma saída para os oceanos. Catarina II, a Grande, continuou a expansão ao sul conquistando a Crimeia e o acesso ao Mar Negro ⁷⁰. Durante o século XIX, o império anexou à Geórgia (1801), Finlândia (1809), as montanhas do Cáucaso ao sul e da Ásia central muçulmana, completando assim a construção do Império Czarista ⁷¹.

Ao analisar a geopolítica russa até finais do século XVII, Santos ⁷² afirma que, pelo menos desde essa época, a Rússia perseguia dois objetivos estratégicos centrais: A Constantinopla, levada por um lado pelo sonho da libertação dos cristãos ortodoxos, mas que lhe daria também o controle do Bósforo e dos Dardanelos e, logo, o acesso ao Mediterrâneo; e o outro, a vontade de chegar à Índia. Santos ainda relembra a atenção que o Império Russo deu ao Mar Negro, construído uma gigantesca base naval em Sebastopol, ficando suas tropas de guerra a dois dias de Constantinopla. A Rússia começava a se aproximar do Próximo Oriente e do Cáucaso ⁷³. Não atoa, o Império Russo angariava a vontade de se tornar a "Terceira Roma" ⁷⁴.

Depois da consolidação do Império Russo, este agora não se encontrava mais em guerras expansionistas locais. A Rússia de então começava a conhecer inimigos tão grandes quanto ela mesma. Um dos Impérios que mais se preocupavam com a expansão russa foi o Britânico ⁷⁵. Arthur Connoly ⁷⁶ utilizou o termo "O Grande Jogo" para descrever a rivalidade

⁶⁹ SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012 (p.124).

⁷² SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁷³ Ibidem.

⁷⁴ SPANO, Germán. *A Águia Bicéfala, o Arcano Imperial e a Terceira Roma*. Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2014/03/german-spano-aguia-bicefala-o-arcano.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015

⁷⁵ SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁷⁶ Ibidem.

e o conflito estratégico entre estes dois Impérios pela supremacia na Ásia Central. De acordo com Santos⁷⁷, o período do "Grande Jogo" clássico decorre desde aproximadamente 1815 até à Convecção Anglo-Russa de 1907. O "Grande Jogo" foi palco de diversos conflitos que ocorreram durante os séculos XVIII e XIX, desde a participação forçada no Bloqueio Continental por parte da Rússia, as tensões na Pérsia e no Afeganistão, as ameaças à Índia, à invasão britânica em Sebastopol, a grande base naval russa no Mar Negro, entre outras tensões marcaram este conflito geopolítico disputado por estes dois grandes Impérios à época. Como foi apresentado no capítulo um, as características geopolíticas que marcaram o clássico "Grande Jogo" estão voltando a se repetir no novo Grande Jogo do século XXI, só que ao invés de Impérios Britânico e Russo, temos agora os Estados Unidos da América e a Federação Russa, repetindo a disputa entre uma potência marítima e uma potência terrestre.

Ao final da dominação mongol e início do Império Russo, as diferenças entre os "três tipos de russos" existentes durante a Ru's Kievana, segundo Sergrillo⁷⁸, foram sutilmente afloradas. Como Kiev era descentralizada, acabou permitindo que as diferentes regiões do principado tomassem um breve caminho próprio, o que contribuiu significativamente pras relações geopolíticas posteriores. Ao final do principado de Kiev, o território correspondente a atual Ucrânia foi retalhado, dividido entre a Horda de Ouro Mongol, o Grão-Ducado da Lituânia e a Polónia, e posteriormente, no século XIX, divida entre o Império Russo e o Império Austríaco. A Bielo-Rússia viveu retalhamento semelhante, sendo dividido o seu território com o Grão-Ducado da Lituânia, que posteriormente se tornaria Polónia, que mais a frente com a Partilha da Polónia se tornaria parte da Rússia, Prússia e Áustria⁷⁹. E, como veremos posteriormente, diversos inimigos da Rússia (Como os neonazistas seguidores de Stepan Bandera, por exemplo) buscaram e buscam se utilizar destes elementos a fim de fomentar um separatismo "Ucraniano" como forma de atacar a integridade do território e da zona de influência da Rússia.

⁷⁷ SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: < http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

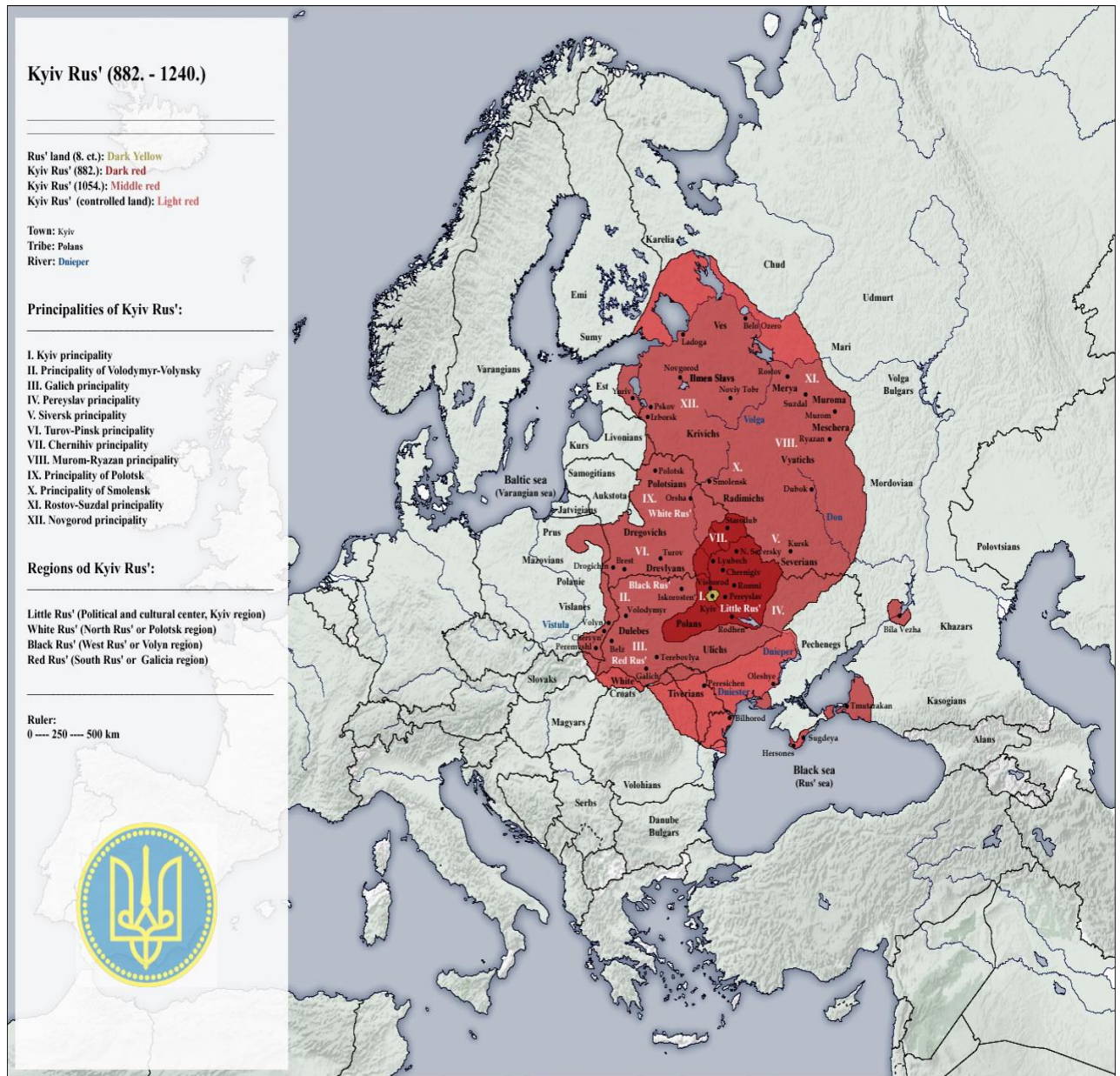
⁷⁸ SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126.

⁷⁹ Ibidem.

O Império Russo, devido ao seu extenso território, passou durante toda a sua história por constantes momentos de guerras, anexações e perdas de territórios, o que não seria possível de retratar neste trabalho de maneira específica e detalhada. Ao final do século XIX e início do século XX, o Império consistia em um consolidado espaço geopolítico que dominava diversos dos Estados-Nação hoje existentes (muitos destes atuais estados nunca haviam sido algo em separado da Rússia, ao menos não nas eras mais recentes). Em seu apogeu, o Império Russo incluía, além do território russo atual, os estados bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia), a Finlândia, Cáucaso, Ucrânia, Bielorrússia, boa parte da Polônia, Moldávia (Bessarábia) e quase toda a Ásia Central. Também contava com zonas de influência no Irã, Mongólia e norte da China. Em 1914, o Império Russo estava dividido em 81 províncias (gubernias) e vinte regiões (oblasts). Vassalos e protetorados do império incluíam os canatos de Khiva e Bukhara e, depois de 1914, Tuva⁸⁰.

⁸⁰ Fonte: <<http://historiadarussia.blogspot.com.br/2014/03/imperio-russo-1721-1917.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

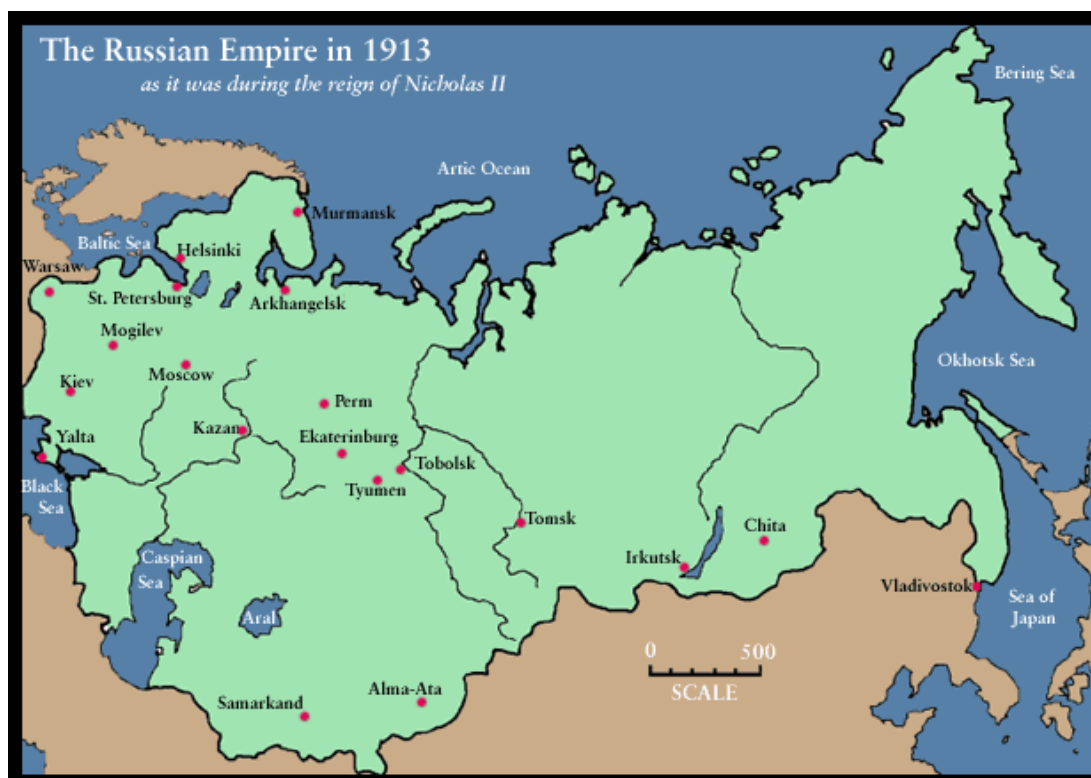
Figura 5 - Mapa da "Rus de Kiev"



Fonte: alsurdeunhorizonte.com⁸¹

⁸¹ Fonte: <<http://alsurdeunhorizonte.com/ucrania-crisis/crimea-un-trozo-del-pastel-de-la-rus-de-kiev/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Figura 8 - Mapa da Rússia em 1913



Fonte: nicholasandalexandra.com⁸⁴.

Através dos mapas é possível observar o tamanho da expansão russa até o início do século XX. Desde a Rus de Kiev até a expansão Moscovita, o território russo passou por constantes mudanças. O Império Russo buscou dominar as vastas áreas do oriente, indo de da Ucrânia até Vladivostok na fronteira com a Coreia. O processo de formação da extensão máxima do Império durou cerca de 300 anos, o que definiu as bases para a formação da Rússia como o maior país do planeta.

2.2 Transformações Regionais no Século XX

Depois de terem decretado o fim do feudalismo e iniciado as tentativas de implementação do capitalismo na Rússia, os Romanov, família então governante do Império,

⁸³ Fonte: <<http://www.britannica.com/EBchecked/media/3392/Russian-expansion-in-Asia>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁸⁴ Fonte: <<http://www.nicholasandalexandra.com/virtual1999/rusmap.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

não conseguia controlar os anseios populares por mudanças e condições de vida melhores. Na Rússia, o desenvolvimento capitalista iniciou-se consideravelmente mais tarde do que na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e na Alemanha ⁸⁵. De acordo com Lênin, o capitalismo imperialista russo se entrelaçava com as relações medievais atrasadas. Pois, para ele, o czarismo era em essência uma ditadura de classe feudal. O início do século XX foi brutal para os trabalhadores russos. Sobre este período, o governo Bolchevique concluiu em 1938 que, naquela época,

Toda a marcha do desenvolvimento económico forçava a abolição deste regime. — O governo czarista, enfraquecido pela derrota sofrida na guerra da Criméia e assustado pelas revoltas camponesas contra os latifundiários, viu-se obrigado a abolir em 1861 o regime da servidão. Depois da abolição do regime da servidão, os camponeses eram obrigados a tomar em arrendamento as terras dos latifundiários em condições as mais iníquas. Não poucas vezes, além de pagar uma renda em dinheiro ao latifundiário, o camponês ficava obrigado a trabalhar de graça e com seus próprios instrumentos e animais de tração, determinada quantidade de terra daquele. A isto chamavam "pagamento em trabalho", "prestação pessoal". O mais frequente, porém, era o camponês ficar obrigado a pagar a renda ao latifundiário em espécie, entregando-lhe a metade da colheita. Isto se denominava "parceria". Como se vê, a situação continuava sendo quase a mesma que antes, sob o regime de servidão, com a única diferença que, agora, o camponês era pessoalmente livre e não se podia vendê-lo ou comprá-lo como se fosse um objeto. Os latifundiários usavam diversos métodos de rapina (renda, multas, etc.) para sugar até a última gota suas atrasadas explorações agrícolas. A grande massa de camponeses via-se na impossibilidade de melhorar suas plantações, porque a opressão dos donos de terra os impedia. Daí o enorme atraso da agricultura na Rússia antes da revolução, atraso que se traduzia em más colheitas e em períodos de fome. ⁸⁶

Mesmo após a abolição da escravidão em 1861 (após o fim do feudalismo), os trabalhadores russos enfrentavam um sistema de exploração brutal em um regime de semifeudalismo (as condições de vidas eram praticamente as mesmas de antes), acompanhado de um regime político tirânico que não permitia a existência de Partidos e nem possuía qualquer linha constitucional que pudesse vir a garantir direitos laborais ⁸⁷.

⁸⁵ Academia de Ciências da U.R.S.S. *História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO (1917-157)*. São Paulo: Grijalbo, 1960. p. 06.

⁸⁶ COMISSÃO do Comitê Central do PC(b) da URSS. *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*. Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, Pernambuco, Brasil, 1999. Capítulo I: 1 — Abolição do regime da servidão e desenvolvimento do capitalismo industrial na Rússia. — Aparecimento do proletariado industrial moderno. — Primeiros passos do movimento operário.

⁸⁷ SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012

2.2.1 A Revolução de 1905

A primeira grande mudança na Rússia do século XX ocorreu em 1905. Após uma revolta que tentou derrubar o czar, resultando posteriormente em um banho de sangue das classes mais populares que estavam a pedir mudanças, o mesmo se viu em uma encruzilhada, tendo que realizar uma abertura política. A partir de então se formava o breve período de Monarquia constitucionalista-parlamentarista, permitindo a existência de Partidos e movimentos de cunhos sindicais. O czarismo a partir de então buscou se aliar com a grande burguesia financeira industrial ⁸⁸ a fim de tentar preservar seus interesses na nova era capitalista. Ali também surgiram os "Soviets", ou os conselhos dos trabalhadores, que viriam a ser a força motriz da organização revolucionária da Revolução de Outubro de 1917 ⁸⁹. A partir dali, com o constante aumento dos sovietes operários, a ala Bolchevique do Partido Operário Social-Democrata Russo ganhava gradualmente mais poder de influência com os trabalhadores da Rússia, mesmo sendo uma organização pequena e constantemente perseguida e atacada pelos outros demais partidos existentes (maioria de linha burguesa) ⁹⁰. O Partido conseguia mobilizar as massas de trabalhadores insatisfeitos com as nefastas condições de trabalho às grandes greves e mobilizações, tais que culminariam em um dos mais importantes eventos da história da humanidade. Lenin dizia em 1905:

A revolução estende-se. O governo começa já a perder a cabeça. Da política de repressão sangrenta tenta passar a concessões económicas e escapar-se com a esmola ou a promessa da jornada de trabalho de nove horas. Mas a lição do sangrento dia ⁹¹ não poderá ser em vão. A reivindicação dos operários insurrectos de Petersburgo — a imediata convocação da Assembleia Constituinte eleita por sufrágio universal, direto, igual e secreto — deve tornar-se a reivindicação de todos os operários em greve. Derrubamento imediato do governo — tal é a palavra de ordem com a qual mesmo os operários de Petersburgo que acreditavam no czar responderam à carnificina de 9 de Janeiro pela boca do seu dirigente, o sacerdote Gueórgui Gapone, que, depois deste dia sangrento, disse: «Já não temos tsar. Um rio de sangue separa o czar do povo. Viva a luta pela liberdade!» Viva o proletariado revolucionário! — dizemos nós. A greve geral ergue e mobiliza massas cada vez mais amplas da classe

⁸⁸ ACADEMIA de Ciências da U.R.S.S. *História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO (1917-1957)*. Editora Grijalbo, LTDA, São Paulo, Brasil, 1960. p. 06.

⁸⁹ SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012. p.154.

⁹⁰ ACADEMIA de Ciências da U.R.S.S. *História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO (1917-1957)*. Editora Grijalbo, LTDA, São Paulo, Brasil, 1960. p. 17.

⁹¹ O chamado Domingo Sangrento ocorreu em 1905 em São Petersburgo quando um grupo de trabalhadores levava uma petição para o czar. Ao se aproximar do portal de Narva, porém, o grupo foi brutalmente atacado por tropas governamentais.

operária e dos pobres das cidades. Armar o povo converte-se numa das tarefas imediatas deste momento revolucionário.⁹²

Nessas circunstâncias, desenhavam-se as condições para que o proletariado russo pudesse "assaltar os céus" definitivamente ⁹³.

2.2.2 As Revoluções de 1917

Em 1917 os ares mudavam de rumo na Rússia, uma revolução já parecia algo certo, mas de que tipo? Tanto a Burguesia quanto o Proletariado eram classes recentemente surgidas e insatisfeitas com a condução da Rússia. Tal paradoxo sobre o caminho a se seguir na Rússia ao fim do czarismo se encontrava também dentro do seio do Partido Operário Social-Democrata Russo. Por um lado, os Mencheviques, liderados por Julius Martov e tendo como apoiadores figuras como Leon Trotsky ⁹⁴, defendiam uma revolução de tipo democrático-burguesa. Dentro da teoria Marxista tais pensamentos se enquadram no pensamento de Kautsky ⁹⁵, que pregava a necessidade do estabelecimento da revolução burguesa antes da revolução proletária. Do outro lado, os Bolcheviques, liderados por Lenin, Stalin e outros proeminentes líderes, acreditavam que o momento em voga era perfeito para a tomada do poder pelo proletariado, ou seja, era o momento da revolução socialista ⁹⁶. Curiosamente as duas revoluções viriam a ocorrer naquele mesmo ano.

⁹² LENIN, V. I. *O Começo da Revolução na Rússia*. 1905. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/01/25.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁹³ Termo usado por Marx para descrever a Comuna de Paris transcrito por Lênin em LENIN, V. I. *Do «Prefácio à Tradução Russa das Cartas de K. Marx a L. Kugelmann»*. 1907. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1907/02/05.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁹⁴ Lenin, V. I. *Obras Escolhidas Tomo II*. Lisboa: Avante, 1984. p.15.

⁹⁵ Kautsky é conhecido por ter sido um teórico marxista da Socialdemocracia, em oposição ao Leninismo que pregava a revolução violenta.

⁹⁶ COMISSÃO do Comitê Central do PC(b) da URSS. *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*. Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, Pernambuco, Brasil, 1999. Capítulo VII — O Partido Bolchevique Durante o Período de Preparação e Realização da Revolução Socialista de Outubro (Abril de 1917-1918)

A primeira revolução de 1917, conhecida como a Revolução de Fevereiro, foi a responsável pela derrubada do czar do poder e possuía cunhos mencheviques, sendo uma Revolução Democrático-Burguesa apoiada pela burguesia imperialista ⁹⁷.

Nos primeiros dias da Revolução de Fevereiro, foram criados os Soviêts dos deputados operários e soldados, como órgãos do poder popular. Entretanto, nos primeiros tempos, os partidos conciliadores, menchevique e social-revolucionário, conseguiram apoderar-se da maioria das cadeiras de deputados nos Soviêts. Uma parte considerável do povo, inexperiente no terreno político, acreditava nos mencheviques e social-revolucionários. Mas estes traidores ludibriaram as esperanças do povo e fizeram um conchavo com a burguesia. Às ocultas dos bolcheviques, entenderam-se com os representantes da burguesia a respeito da formação do novo governo da Rússia — o Governo Provisório burguês. Este governo era composto da burguesia e dos proprietários rurais aburguesados. Sobre as ruínas do czarismo, a burguesia imperialista russa, auxiliada pelos Soviêts dominados por mencheviques e social-revolucionários, estabeleceu seu próprio poder. Surgiu um entrelaçamento sui-generis de dois poderes — do Governo Provisório e dos Soviêts. Resultou daí o duplo poder. Era necessária uma nova orientação do Partido nas novas condições de luta. ⁹⁸

Este caráter dualista da Revolução de Fevereiro existia pelo fato de que ela havia ocorrido tanto pelos anseios de membros progressistas-burgueses da *duma* ⁹⁹ quanto pelas lutas dos movimentos grevistas e operários que tomavam conta da Rússia através da organização soviética ¹⁰⁰, como indicado acima por Volin, ainda dominados em sua grande parte pelos mencheviques. Essa Revolução resultou no fim da dinastia Romanov e no fim do Império Russo como uma monarquia. Até a Revolução Bolchevique, o governo Russo comportou como maneira de poder tanto o governo provisório de orientação liberal quanto às assembleias de trabalhadores no molde soviético. Porém, para Lenin e Stalin, a Revolução de Fevereiro era insuficiente.

Desde a Revolução de Fevereiro até outubro de 1917 existiam dois centros de poder na Rússia: o Governo Provisório Russo, representado pela *duma*, e o soviete dos trabalhadores ¹⁰¹. O governo provisório representava os interesses da burguesia politicamente liberal, sendo

⁹⁷ VOLIN, B. M. *As Teses de Abril de Lênin. 1950.* Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/25/teses.htm>. Acesso em: 06 Maio 2015.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Tipo de parlamento russo existente até hoje criado a partir da Revolução de 1905.

¹⁰⁰ SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012. p.173.

¹⁰¹ Ibidem. p.175.

o seu primeiro-ministro o príncipe Georgi L'vov. Durante o governo provisório, o país seguia de fato o caminho menchevique rumo a uma revolução democrático-burguesa. A censura havia acabado, havia direito de livre discussão e associação política e havia sido acertada uma eleição para uma assembleia constituinte a fim de redigir uma nova constituição para o país.¹⁰² Do outro lado, o Soviete representava os interesses dos trabalhadores e dos soldados, sendo composto pelos partidos de cunho socialista. O Soviete de Petrogrado não quis assumir o poder diretamente, dando um voto de confiança ao governo provisório, mas reservando-se no direito de vetar decisões governamentais sobre a classe trabalhadora e dos soldados¹⁰³. Naquele momento, os Bolcheviques aceitaram respeitar as decisões do governo provisório. Porém, até março de 1917, grande parte dos líderes bolcheviques, como Lênin, estavam exilados no exterior, tendo estes na Rússia sido dirigidos neste mês por Stalin e Kamenev, que ainda assim haviam acabado de voltar do exílio. A postura moderada dos Bolcheviques sob o governo dualista viria a mudar radicalmente com a volta de Lenin à Rússia.

No início de abril, Lenin retorna a Rússia e divulga as suas famosas *Teses de Abril*, aonde ele indica quais devem ser as ações do movimento operário revolucionário naquele momento. Lenin buscou apontar os problemas estruturais do governo provisório de Lvov, indo a um ponto que foi o mais crítico na relação entre o Governo Provisório e os Sovietes: a participação na guerra. Os Sovietes haviam anteriormente aceitado de modo muito relutante a participação na guerra, estes indicavam que os grandes problemas sociais do país estavam ligados a este acontecimento¹⁰⁴. Lenin então propôs que a Revolução proletária passaria indubitavelmente pelo fim da Guerra, na qual ele considerava uma guerra imperialista por parte da Rússia, e pela renúncia de todas as anexações territoriais¹⁰⁵. Lenin havia decretado guerra, durante A Conferência de Abril¹⁰⁶, ao governo provisório e iniciara uma intensa batalha por poder dentro dos Sovietes, que até então eram dominados pelos setores socialistas

¹⁰² SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p.176.

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ LENIN, V. I. *Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução*. 1917. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/04_teses.htm>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁰⁶ COMISSÃO do Comitê Central do PC(b) da URSS. *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*. Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, Pernambuco, Brasil, 1999. p. 194.

mais moderados, como os Mencheviques ¹⁰⁷. A grande dúvida que existia na Rússia depois de Fevereiro era: afinal, com o governo dualista, quem mandava de fato na Rússia? A resposta para esta pergunta só viria com a Revolução de Outubro ¹⁰⁸.

O período entre fevereiro e outubro foi deveras conturbado na Rússia. Enquanto de um lado a situação se agravava nos termos da Grande Guerra, pelo outro os Bolcheviques ganhavam cada vez mais poder e se preparavam para a insurreição armada ¹⁰⁹. Os Governos Provisórios insistiam em permanecer com a Rússia na Guerra, o que gerava cada vez mais indignação popular. Ao passar dos meses, os Bolcheviques foram ganhando cada vez mais adeptos para o Partido e dentro dos Soviotes. Leon Trotsky, agora no Partido Bolchevique, viria em 25 de setembro a assumir a liderança do Soviete de Petrogrado. Os Bolcheviques se viam cada dia mais cercados pelas demais forças políticas que se empregavam em reprimir os revolucionários. O Governo Provisório se encontrava extremamente frágil ¹¹⁰, caído em disputas internas e tentativas de golpe entre as forças de composição. No dia 10 de outubro, o Comitê Central do Partido Bolchevique se reuniu e aprovou que havia chegado o momento da tomada do poder. O partido começava então a mobilizar suas forças e também a mobilizar a Comissão Revolucionária Militar, o braço armado dos Soviotes já então "bolchevizados" ¹¹¹. Em 24 de outubro, Kerenski, então líder do Governo Provisório, solicitou ao então chamado Pré-Parlamento autorização para reprimir a movimentação Bolchevique. Na manhã do dia 25 de outubro, se iniciava um dos maiores acontecimentos da história da humanidade. A Guarda Vermelha (o exército do Partido Bolchevique) começou a ocupar os pontos estratégicos de Petrogrado (telégrafos, estações de trem e etc.) e em seguida ocupou o Palácio de Inverno, a sede do então governo provisório. Karenski foge. Na noite daquele dia se reuniu o II Congresso dos Soviotes de Toda a Rússia, que contava com delegados de várias cidades do país. Os Mencheviques que ali foram denunciaram o "golpe" e se retiraram do congresso. Naquela ocasião foi aprovada a criação do governo revolucionário: O Conselho dos

¹⁰⁷ SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012. p.176.

¹⁰⁸ Ibidem.

¹⁰⁹ COMISSÃO do Comitê Central do PC(b) da URSS. *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*. Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, Pernambuco, Brasil, 1999. p. 201.

¹¹⁰ Ibidem. p. 192-193.

¹¹¹ Ibidem. p. 192-208.

Comissários do Povo, com Lenin como Presidente, Trotsky como Comissário de Assuntos Estrangeiros e Stalin, como Comissário das Nacionalidades. Apesar de ser um partido pequeno, os Bolcheviques haviam chegado ao poder graças ao apoio das massas populares.¹¹²

Com a tomada do poder, os Bolcheviques viam em suas mãos os antigos problemas do governo provisório, iniciava-se então a Guerra Civil Russa. Além dos monarquistas defensores da volta do czarismo, Lenin tinha agora como inimigo também as forças do antigo Governo Provisório e tropas internacionais de catorze países (entre eles os EUA, Inglaterra, França, Alemanha e Japão)¹¹³ enviadas para combater os comunistas junto às forças reacionárias. Lenin seguiu o que havia prometido, ordenou trégua imediata nos esforços empreendidos na Grande Guerra. Porém, a trégua de início foi apenas unilateral. A Alemanha não parou de adentrar ao território do então ex-Império Russo. Os alemães já haviam conquistado territórios na Polônia, Lituânia e a Ucrânia. Lenin ordenou então que em nome da Revolução era necessário se fazer uma paz imediata com os alemães, custasse o que custasse. O preço para a Rússia foi muito alto. Ao selar o acordo de Brest-Litovsk, de 3 de março de 1918, a Rússia perdeu aproximadamente 1 milhão km² de seu território em umas das áreas mais industrializadas e ricas em recursos minerais do Império Russo, nos territórios da Ucrânia, Polônia, no Báltico, em parte do Cáucaso e em outros territórios como a Bielorrússia e a Finlândia, além de pagar uma multa elevada¹¹⁴. Com o acordo, muitos grupos que outrora apoiavam os Bolcheviques, como os Socialistas-Revolucionários de esquerda, acusaram o governo de “traição” e romperam com os comunistas, passando para o lado da oposição na Guerra Civil. Em 1918 os Bolcheviques se viam sozinhos frente aos “Branços” (como eram chamados os opositores dos Bolcheviques) e à intervenção externa. Acuados, os Bolcheviques radicalizaram em suas medidas para reprimir as forças contrarrevolucionárias, chegando à vitória na Guerra Civil em 1921 através do grande apoio popular, iniciando assim a formação da União das Republicas Socialistas Soviéticas.¹¹⁵

¹¹² SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012. p 80-84.

¹¹³ Ibidem. p.178.

¹¹⁴ Ibidem. p.182.

¹¹⁵ Ibidem.

2.2.3 A Formação da URSS

O fim do Império Russo trouxe mudanças radicais na composição territorial da região eurasiática, ao menos na formalidade constitucional do novo país soviético (alguns entendem que as linhas do império se mantiveram *de facto* de um modo geral). Com o fim da Primeira Guerra Mundial em 1921, parte dos territórios perdidos no acordo de Brest-Litovsk voltaram à esfera de influência da Rússia, como a parte da Ucrânia e a Bielorrússia, que passaram pela Guerra Civil Revolucionária. Na outra parte, nações como a Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia se tornaram estados independentes.

Mesmo nos territórios do antigo Império russo, onde a Revolução havia triunfado e o alinhamento com a Rússia sido mantido, a composição geopolítica foi brutalmente alterada. O governo Soviético da República Socialista Federativa Soviética da Rússia, liderada por Lênin e os Bolcheviques, possuía uma linha ideológica voltada para o reconhecimento da autonomia dos povos da Rússia. Pela primeira vez na história, regiões antes pertencentes ao Império Russo ganhavam autonomia. De acordo com o Partido Bolchevique,

O Poder soviético proclamou o direito dos povos da Rússia a determinar livremente seus destinos até chegar, se o decidissem, à separação. Somente assim podia considerar-se verdadeiramente livre o direito à unificação. "Queremos – escrevia V. I. Lênin – uma unificação *livre* e isto nos obriga a reconhecer a liberdade de separação". Estas palavras de Lênin tornam-se proféticas: na prática, o direito dos povos a se separar deu como resultado final e definitivo não a separação e sim, pelo contrário, sua maior aproximação, sua unificação sobre a base da igualdade de direitos e a voluntariedade.¹¹⁶

O Poder Soviético, como defendido pelos Bolcheviques, não levava em conta por completo o preceito Internacionalista do Marxismo, defendendo assim o direito ao desenvolvimento independente dos povos se assim quisessem. Assim sendo, a partir dos antigos membros do Império russo, foram criadas diversas novas Repúblicas independentes, como a República Socialista Federativa Soviética da Rússia, que possuía outras dez repúblicas socialistas soviéticas autônomas e onze regiões autônomas nacionais¹¹⁷, A República

¹¹⁶ ACADEMIA de Ciências da U.R.S.S. *História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO (1917-1957)*. São Paulo: Grijalbo, 1960. p. 301.

¹¹⁷ R.S.S.A. do Turquestão, Tartária, Basquíria, Criméia, Quirguísia (Cazaquistão), Daguestão, Yakutia e Gorskaia, Comuna do Trabalho de Carélia e Comuna dos alemães do Volga; Regiões autônomas de chuvashcos, dos Mari, de Udmúria, de Komi-Syrianska, dos Calmucos, de Adyghue, de Kabardino-Balcária, de Chechenia, de Karachiev, de Buriato-Mongólia e de Oirotia. Em ACADEMIA de Ciências da U.R.S.S.

Soviética da Ucrânia, a República Socialista Soviética da Bielo-Rússia, a República Socialista Federativa da Transcaucásia, formada em 1922 pela união de três Repúblicas independentes – Azerbaijão, Armênia e Geórgia -, na Ásia Central as Repúblicas Soviéticas Populares de Koresm e Bucara ¹¹⁸.

Em 1920 e 1921 firmaram-se pactos federativos entre a República Socialista Federativa Soviética da Rússia e as Repúblicas Soviéticas da Ucrânia, Bielo-Rússia, Azerbaijão, Armênia, Geórgia, assim como, também com Koresm e Bucara, pactos que vinham formalizar as fraternais relações existentes entre os povos respectivos no campo das atividades econômico-militares e diplomáticas. Todos estes pactos se baseavam na igualdade de direitos dos povos, na conservação da independência das Repúblicas contratantes e na defesa comum contra o inimigo externo. ¹¹⁹

Em 1922, os Partidos Comunistas das então novas Repúblicas autônomas expressaram suas vontades de uma integração maior entre as Repúblicas. A construção de uma união federativa era vista como imprescindível para a manutenção do estado socialista ¹²⁰. “Era necessário encontrar a forma nova um Estado soviético multinacional que se coadunasse com os interesses internacionais dos povos soviéticos e assegurasse o desenvolvimento nacional de todos e de cada um deles” ¹²¹. Depois de muitas discussões dentro e entre as Repúblicas Soviéticas a respeito da proposta de criação de uma união federativa ¹²², na manhã de 30 de dezembro de 1922 reuniram-se as delegações das Repúblicas Socialistas Soviéticas e assinaram o pacto da constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ¹²³. “O pacto de criação da U.R.S.S. declarava que as quatro Repúblicas Socialistas Soviéticas independentes – a R.S.S.F. da Rússia, a F. de R.S.S. de Transcaucásia e a R.S.S. de Ucrânia e Bielo Rússia, - com o fim de fortalecer o Poder Soviético, passavam a formar parte de um Estado federativo único sobre a base da voluntariedade e igualdade de direitos. Resolvia-se

História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO (1917-157). Editora Grijalbo, LTDA, São Paulo, Brasil, 1960. p. 297.

¹¹⁸ ACADEMIA de Ciências da U.R.S.S. *História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO (1917-157)*. São Paulo: Grijalbo, 1960. p. 298.

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ Ibidem. p. 300.

¹²¹ Ibidem. p. 302.

¹²² Discussão detalhada em ACADEMIA de Ciências da U.R.S.S. *História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO (1917-157)*. São Paulo: Grijalbo, 1960. p. 297-312.

¹²³ Ibidem. p. 306.

por meio dele o estabelecimento dos órgãos supremos do poder do Estado de toda a União, determinando-se em traços gerais sua respectiva órbita de competência. Fixava os limites dos poderes que voluntariamente e num plano de igualdade as Repúblicas federadas cediam em favor da União”¹²⁴.

Estava criado ali um dos marcos da história mundial. Pela primeira vez na história os Velikorus, os Malorus e os Belorus¹²⁵ se encontravam em um estado de Repúblicas independentes que possuíam livre escolha. Formava-se a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Uma das grandes protagonistas do século XX ganhava vida!

2.2.4 A Era Stalin

Com a doença e morte de Lenin pouco tempo depois da formação da União Soviética, o Partido Comunista e o Governo Central da União Soviética foi palco de uma grande disputa sucessória que não envolvia apenas o plano ideológico, mas também o plano geopolítico. Josef Stalin e Leon Trotsky, figuras de extrema importância durante a Revolução Russa, se encontravam em lados opostos da interpretação da continuidade da Revolução Marxista-Leninista na Rússia.

Leon Trotsky possuía uma visão mais puramente ligada ao marxismo internacionalista. Em *a Revolução Permanente*¹²⁶, ele defendia que a União Soviética deveria exportar sua Revolução para a Europa e conseqüentemente para o restante do mundo. Ele acreditava que a Revolução, apesar de ter acontecido na Rússia, possuía características internacionais, tendo a URSS o objetivo de ser *quartel general da Revolução Mundial*¹²⁷. "Ele considerava a União Soviética como algo de transitório e efêmero, como uma testa de ponte para a expansão ideológica, algo que deveria desaparecer com a vitória planetária do

¹²⁴ ACADEMIA de Ciências da U.R.S.S. *História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO (1917-1957)*. São Paulo: Grijalbo, 1960. p. 307.

¹²⁵ SMOLIN, Mikhail. *Ukraine: geopolitics & identity*. 2014. Disponível em: <<http://souloftheeast.org/2014/03/30/ukraine-geopolitics-identity/>> Acesso em: 06 Maio 2015.

¹²⁶ TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente*. 1929. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1929/11/rev-perman.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹²⁷ COGGIOLA, Osvaldo. 1938 - 2008: Setenta anos da fundação da IV Internacional. Em defesa de Leon Trotsky. *Projeto História*, São Paulo, n. 36, p. 145-183, jun. 2008.

“messianismo comunista””¹²⁸. Trotsky se opunha a qualquer tipo de Nacionalismo e linhas ideológicas do país soviético que não fossem exclusivamente ligadas ao operariado mundial e a Revolução Mundial, bem semelhante ao que prega a doutrina original do Marxismo.

Do outro lado, mais ligado ao pensamento de Lenin que, "ao nível puramente geopolítico, teve um carácter eurásico, quanto mais não seja porque, contrariamente à doutrina marxista autêntica, preservou o grande espaço eurásico unificado do império russo"¹²⁹, Josef Stalin buscou demonstrar em sua obra *Em Torno dos Problemas do Leninismo* a necessidade que a Revolução na Rússia tinha em se consolidar nos aspectos do desenvolvimento econômico e social para, ao mesmo tempo em que garante o triunfo do socialismo para o povo soviético, poder incrementar os movimentos Revolucionários nos outros países. Segundo ele,

Antes, considerava-se impossível a vitória da revolução num só país. Tal conceito significava que, para alcançar o triunfo sobre a burguesia, era necessária a ação conjunta dos proletários de todos os países adiantados ou, pelo menos, da maioria deles. Hoje, este ponto de vista já não corresponde à realidade. Hoje, é preciso partir da possibilidade deste triunfo, pois o desenvolvimento desigual, aos saltos, dos diferentes países capitalistas, sob as condições do imperialismo, o desenvolvimento dentro do imperialismo de contradições catastróficas que conduzem a guerras inevitáveis, o incremento do movimento revolucionário todos os países do mundo, tudo isso conduz não só à possibilidade, inclusive à necessidade da vitória do proletariado em diversos países tomados em separado.¹³⁰

O historiador belga Ludo Martens, especialista em história soviética, dedicou um capítulo de sua grande obra *Stalin Um novo olhar*¹³¹ à questão do Socialismo em um só país. De acordo com ele, a derrota do pensamento trotskista no seio da URSS se deu ao fato de que a ideia da Revolução permanente era incompatível com a realidade da Rússia. Martens mostra que o próprio Lenin já demonstrava que, para edificar a revolução socialista, era necessário desenvolver a o país. Segundo Lenin,

¹²⁸ DUGIN, Alexandr. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006. p. 20.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ STALIN, Josef. *Em torno dos problemas do leninismo*. Capítulo: VI - O Problema da Vitória do Socialismo num só País. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/stalin/1926/problemas/>> Acesso em: 06 Maio 2015.

¹³¹ MARTENS, Ludo. *Stalin: um novo olhar*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 53-62.

Sem eletrificação, é impossível reerguer a indústria. Tarefa de grande fôlego que exigirá pelo menos dez anos (...). O sucesso económico não pode ser garantido senão no dia em que o Estado proletário tiver efetivamente concentrado nas suas mãos todas as alavancas de uma grande máquina industrial construída na base da técnica moderna (...) Tarefa enorme, cujo cumprimento exigirá um tempo muito mais longo que aquele que dedicámos a defender a nossa existência contra o invasor. Mas isso não nos atemoriza.¹³²

Diferentemente das posições de Lenin, Trotsky desdenhava sobre o futuro da revolução, destinando-a ao fracasso caso seguisse a teoria do Socialismo em um só país. Assim como os mencheviques, que diziam abertamente que nem as massas nem as condições objetivas estavam amadurecidas para o socialismo¹³³, Trotsky dizia:

Até que ponto a política socialista da classe operária pode ser aplicada nas condições económicas da Rússia? Há uma coisa que se pode dizer com certeza: chocará com obstáculos políticos bem antes de tropeçar no atraso técnico do país. Sem o apoio direto do proletariado europeu, a classe operária russa não poderá manter-se no poder e transformar o seu domínio temporário em ditadura socialista durável. Sobre isto não podemos ter nenhuma dúvida.

"O debate foi conduzido aberta e francamente durante cinco anos. Quando a discussão foi encerrada por votação no Partido, em 1927, os que defendiam a tese da impossibilidade da construção do socialismo na União Soviética e apoiavam as atividades fraccionistas de Trotsky obtiveram entre um e 1,5 por cento dos votos. Trotsky foi excluído do Partido, depois enviado para a Sibéria e finalmente banido da União Soviética."¹³⁴

De acordo com Dugin¹³⁵, o próprio “internacionalismo” leninista-bolchevique defendido por Stalin tinha um distinto princípio imperial, eurásico, de “solo acima do sangue” - embora, certamente, este princípio tenha sido deformado e mal interpretado por causa da influência de outros aspectos da ideologia bolchevique e, mais importante ainda, por causa das atividades de agentes de influência do atlantismo no próprio seio do governo comunista

¹³² MARTENS, Ludo. *Stalin: Um novo olhar*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 53-62.

¹³³ Ibidem.

¹³⁴ Ibidem. p. 61.

¹³⁵ DUGIN, Alexandr. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006. p. 20.

¹³⁶. O conceito do Socialismo em um só país triunfara e Stalin com isso se consolidaria no poder até a sua morte em 1953.

Com relação à estrutura geopolítica da União Soviética no período stalinista, tendo como base a *Nova Constituição Soviética* ¹³⁷, promulgada em 5 de dezembro de 1936, é importante ressaltar os seguintes pontos constitucionais no âmbito da divisão de autonomia entre as Repúblicas:

Artigo 13 — A União das Repúblicas Soviéticas Socialistas é um Estado Federativo formado pela união voluntária das seguintes Repúblicas Soviéticas Socialistas, com iguais direitos: Rep. Federal Soviética Russa. Rep. Soviética Socialista Ucraniana. Rep. Soviética Socialista Russa Branca. Rep. Rep. Soviética Socialista de Azerbaijão. Rep. Soviética Socialista da Geórgia. Rep. Soviética Socialista da Armênia. Rep. Soviética Socialista do Turquestão. Rep. Soviética Socialista do Uzbek. Rep. Soviética Socialista do Tajik. Rep. Soviética Socialista de KazaMi. Rep. Soviética Socialista de Kirghiz.

Artigo 14 — Competem à jurisdição da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, como representante de seus mais altos órgãos de poder e de administração do Estado: a) Representação da União nas relações internacionais; conclusão e ratificação de tratados com outros Estados; b) Questões de paz e guerra; c) Admissão de novas repúblicas na URSS; d) Supervisão da observância da Constituição da URSS e verificação da conformidade das constituições particulares de cada República Soviética Socialista com a Constituição da URSS; e) Confirmação ou modificação de fronteiras entre as repúblicas componentes da União; f) Confirmação da formação de novos territórios e províncias, assim como de novas repúblicas autônomas dentro das repúblicas Soviéticas Socialistas; g) Organização da defesa e direção das forças armadas da URSS; h) Comércio exterior, baseado no monopólio de Estado; i) Proteção e segurança do Estado; j) Organização dos planos econômicos nacionais da URSS; k) Confirmação do orçamento unificado da URSS, assim como das taxas e rendas que contribuem para formá-lo; o das repúblicas, o das províncias, o dos territórios, etc., e os locais; l) Administração de bancos, estabelecimentos e empresas industriais e agrícolas, e

¹³⁶ DUGIN, Alexandr. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006. p. 20.

¹³⁷ URSS. *A Nova Constituição Soviética (1936)*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/stalin/biografia/ludwig/constituicao.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

também o controle de empresas de comércio importantes para a União; m) Administração dos transportes e comunicações; n) Direção do sistema monetário e de crédito; o) Organização dos seguros do Estado; p) Contratos e concessões de empréstimos; q) Estabelecimento dos princípios fundamentais para o uso da terra, assim como exploração de seus depósitos, florestas e águas; r) Estabelecimento dos princípios fundamentais no domínio da educação e saúde pública; s) Organização de um sistema nacional único de controle econômico; t) Estabelecimento dos princípios da legislação do trabalho; u) Legislação regendo a organização de cortes e tribunais de Justiça, códigos civis e criminais; v) Leis regulando a cidadania da União, leis referentes aos direitos dos estrangeiros; x) Leis de anistia para toda a União.

Artigo 15 — A soberania das Repúblicas componentes da URSS só será limitada pelos princípios estabelecidos no artigo 14 da Constituição da URSS; fora desses limites, cada república Soviética Socialista exercerá o poder de Estado independentemente. A URSS deve proteger a soberania de direitos das repúblicas que a constituem.

Artigo 16 — Cada República Soviética Socialista terá a sua própria Constituição, que deverá considerar as peculiaridades de cada república e ser traçada em pleno acordo com a Constituição da URSS.

Artigo 17 — Cada uma das Repúblicas Soviéticas Socialistas tem o direito de se separar livremente da URSS.

Artigo 18 — Os limites dos territórios das Repúblicas Soviéticas Socialistas não poderão ser alterados sem o seu próprio consentimento.

Artigo 22 — A República Federal Soviética Socialista Russa será constituída dos seguintes territórios: Mar de Azof, Mar Negro, extremo Oriente, Oeste Siberiano, Krasnoyarsk e norte do Cáucaso; e das Províncias de: Voronezh, Este Siberiano, Gorky, Ocidente, Ivanovo, Kalinin, Kirov, Kuibyshev, Kursk, Leningrado, Moscou, Omsk, Oremburg, Saratov, Sverdlovsk, Noroeste, Stalingrado, Chelyabinsk e Yaroslavl; das Repúblicas Autônomas Soviéticas Socialistas: Tratar, Bashkir, Daghestan, Buryat-Mongolia, Kbardino-Balkanico, Kalmyk, Karelia, Komi, Criméia, Mari, Mordívia, Volga Alemão, Ossetia do Norte, Udmurtsk, Chechen-Ingush, Chuvash e Yakut; e das Províncias Autônomas: Adygei, Jewish, Karachai, Oirat, Khakass e Cherkess.

Artigo 23 — A República Soviética Socialista da Ucrânia será constituída pelas seguintes Províncias: Vinnitsa, Dniepropetrovsk, Donetsk, Kiev, Odessa, Kharkov e Chernigov e pela República Soviética Socialista Autônoma da Moldávia.

Artigo 24 — A República Soviética Socialista do Azerbaijão incluirá a República Soviética Socialista Autônoma de Nakhichevan e a Província Autônoma de Karabakh.

Artigo 25 — A República Soviética Socialista da Geórgia compreenderá a República Soviética Socialista Autônoma do Abkzian, a República Soviética Socialista Autônoma de Ajar e a Província Autônoma do Sul de Ossetia.

Artigo 26 — A República Soviética Socialista de Uzbek será constituída pela República Socialista Soviética Autônoma de Kara-Kalpak.

Artigo 27 — A República Soviética Socialista do Tadjik será formada pela Província Autônoma de Gorno-Badakhshan.

Artigo 28 — A República Soviética Socialista de Kazakh será constituída pelas Províncias: Aktyibinsk, Alma-Ata, Este — Kazakhstan, Oeste — Kazkhstan, Karananda, Kustanei, Norte — Kazakhstan e Sul — Kazakhstan.

Artigo 29 — A República Soviética Socialista da Armênia será constituída pela República Soviética Socialista Autônoma da Rússia Branca, pela República Soviética Socialista do Turquestão e pela República Soviética Socialista Kirghiz, não incluindo repúblicas, províncias ou territórios autônomos.

Artigo 31 — Ao Supremo Soviet da URSS cabem todos os direitos que são atribuídos à União, de acordo com o artigo 14 da Constituição, enquanto, por força dessa Constituição, não colidirem com a competência dada a outros órgãos dependentes do Supremo Soviet da URSS, o Conselho dos Comissários do Povo da URSS e os Comissariados do Povo da URSS.

Artigo 32 — O poder legislativo da URSS será exercido exclusivamente pelo Supremo Soviet da URSS.

Artigo 33 — O Supremo Soviet da URSS será constituído por duas Câmaras: o Soviet da União e o Soviet das Nacionalidades.

Artigo 34 — O Soviet da União será eleito pelos cidadãos da URSS, por distritos, na base de um deputado para cada 300.000 habitantes.

Artigo 35 — O Soviet das Nacionalidades será eleito por cidadãos das repúblicas Soviéticas Socialistas, das repúblicas autônomas, das províncias autônomas e das regiões nacionais, na base de vinte e cinco deputados para cada república Soviética Socialista, onze deputados para cada república autônoma, cinco deputados para cada província autônoma e um deputado para cada região nacional.

Artigo 79 — O mais alto órgão Administrativo e Executivo do poder de Estado de uma República Soviética Socialista será o respectivo Conselho dos Comissários do Povo.

Artigo 89 — O mais alto órgão de poder do Estado numa República Autônoma é o Supremo Soviet da República Soviética Socialista Autônoma.

Artigo 94 — Os Soviets dos deputados dos trabalhadores serão os órgãos do poder de Estado nos territórios, nas províncias, nas províncias autônomas, regiões, distritos, cidades e localidades rurais (stanitsa, vila, khutor, kishlak, aul).

Ao analisar a Constituição Soviética de 1936 é possível visualizar a elevada autonomia que as novas Repúblicas ganharam depois da revolução, principalmente quando comparadas as suas formas de existência durante o Império Russo. Pouco se estuda no cotidiano do curso de Relações Internacionais as formas de cooperação, união econômica e política e criação de organismos multilaterais no que se refere à União Soviética. Fala-se muito que União Europeia foi o grande embrião de um sistema de União efetivo entre estados, e que as demais aspirações deveriam tomar o seu exemplo. Afirmar isto é ignorar estas imprescindíveis alianças entre estados independentes que estão sendo estudadas no presente tópico, que, à frente da União Europeia, conseguiu criar através de uma constituição que previa autonomia um sistema de representação supraestatal.

É possível observar também que dentre as Repúblicas que constituem a atual comunidade de estados que se separaram da Rússia com o fim da URSS, boa parte obteve pela primeira vez sua independência *de jure* nesta constituição, uma vez que anteriormente estavam sob controle do Império. Através desta constituição foi instaurado um sistema no

qual as Repúblicas estavam igualmente representadas nos órgãos de decisão supremo, removendo, ao menos por base da lei, a dominação russa sobre as demais nações.

2.2.4.1 A Geopolítica da era Stalin

Durante o governo Stalin ocorreram diversos grandes acontecimentos que transformaram a geopolítica russa. Neste período, a URSS se esforçava em concentrar toda sua atenção na edificação do socialismo nacional. Como dito anteriormente, as ideias expansionistas de Trotsky foram descartadas do Partido. Como indicado por Lenin, Stalin tinha uma grande preocupação com relação à fragilidade que a URSS tinha e por isso evitou todas as formas de conflito possível. “A URSS devia ser uma fortaleza, simultaneamente esquadrihada, fechada no seu interior, e hermeticamente fechada sobre o exterior.”¹³⁸. Assim sendo, com a ascensão de Hitler ao poder, Stalin buscou, mesmo que temporariamente, se prevenir de um confronto que ele não tivesse capacidade de se defender. Em 1939 a URSS e a Alemanha nazista assinaram o Pacto Molotov-Ribbentrop, que rogava um acordo de paz de 10 anos entre os dois países além da divisão da Polônia, dos Países Bálticos e da Finlândia entre eles¹³⁹. Ao contrario de muitos que dizem que Stalin havia virado um “aliado” de Hitler, Stalin apenas buscava tempo para se preparar. De acordo com Guennadi Ziuganov, atual líder do Partido Comunista da Federação Russa e líder da bancada comunista na Duma, em ocasião do aniversário de assinatura do Pacto,

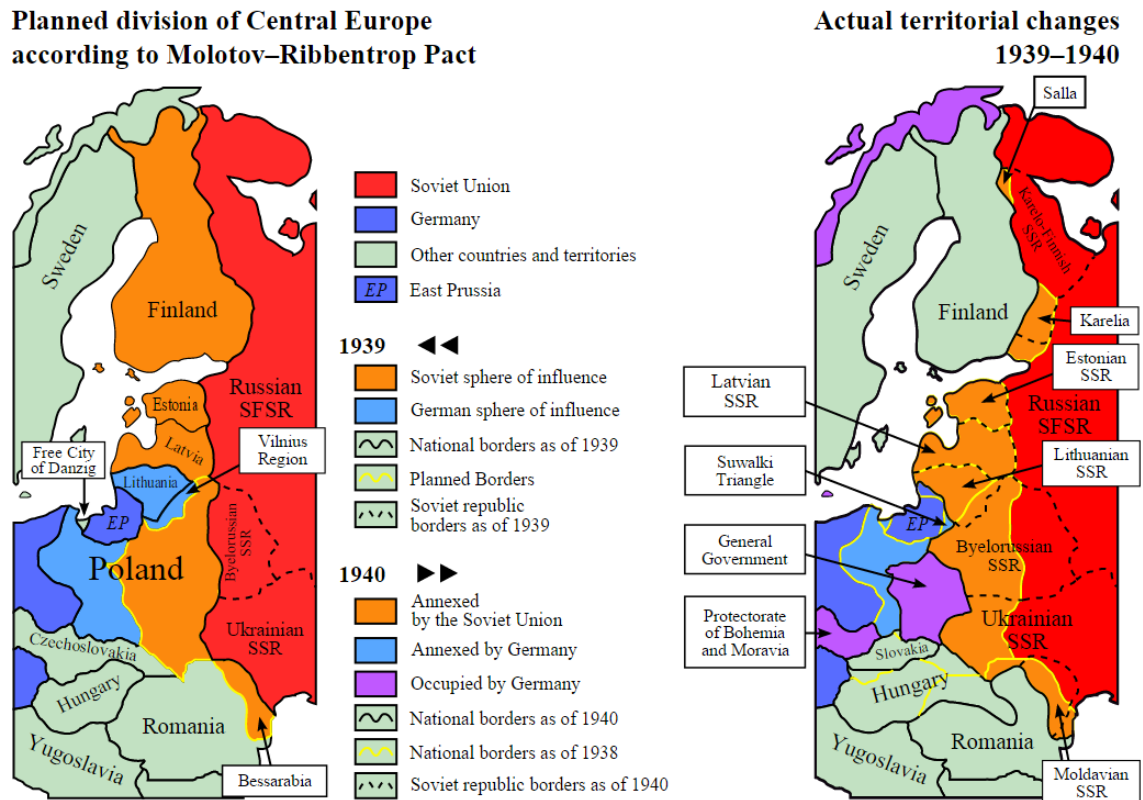
Depois que a URSS não conseguiu chegar a um acordo com as ‘democracias’ ocidentais para frear a Alemanha fascista, essa medida sem precedentes foi adotada. Documentos publicados recentemente confirmam, mais uma vez, que era a única decisão correta para nosso país em umas condições em que os países do Ocidente incentivavam a maquinaria militar hitlerista para avançar em direção à URSS, e eram necessários ao nosso país, como o ar, mais uns anos de respiro em paz para poder resolver as inadiáveis tarefas de fortalecimento da capacidade defensiva¹⁴⁰

¹³⁸ SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹³⁹ Pacto Molotov-Ribbentrop (1939) Disponível em: <<http://www.alerta360.org/secciones/documentos/pacto.pdf>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁴⁰ ZIUGANOV: “acordo Molotov-Ribbentrop permitiu à URSS vencer o fascismo” Disponível em: <<http://www.horadopovo.com.br/2009/Agosto/2795-28-08-09/P6/pag6d.htm>> Acesso em: 06 Maio 2015.

Figura 9 - Mapa ilustrativo de como foi o plano de divisão do pacto Molotov-Ribbentrop



Fonte: newworldencyclopedia ¹⁴¹

Contudo, em 1941, em plena segunda guerra mundial, o pacto Molotov-Ribbentrop foi rompido de maneira unilateral pela Alemanha Nazista através da famosa “Operação Barbarossa”, na qual a Alemanha começou a invadir o território soviético, colocando a União Soviética de fato na Guerra. Com a invasão, os nazistas ocuparam toda parte da URSS ao ocidente e os antigos espaços do Império Russo que não estavam na zona soviética, o que viria a ser crucial para o aumento da esfera de influência soviética no pós-guerra.

¹⁴¹ Fonte: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Molotov-Ribbentrop_Pact>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Figura 10 – Mapa ilustrando o ápice da expansão nazista na Europa



Fonte: gcveteransmemorial.org¹⁴²

Após a Batalha de Stalingrado (1942-1943) onde ocorreu o grande revés da guerra entre a Alemanha Nazista e a URSS, os Soviéticos iniciaram sua expansão ocidental libertando os países do leste europeu que haviam sido dominados pelo nazismo. Entre estes países estavam os Países Bálticos e a parte ocidental da Ucrânia (que estava em território polonês no pacto Molotov-Ribbentrop), os territórios do Império Russo perdidos no Tratado de Brest-Litovski começavam a voltar para a esfera russa.

¹⁴² Fonte: <<http://www.gcveteransmemorial.org/photo-panels/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Figura 11 - Configurações territoriais no leste europeu entre 1938 e 1948



Fonte: faculty.ucc.edu¹⁴³

O governo Stalin foi o ultimo responsável por mudanças territoriais significativas na zona soviética, com exceção das mudanças que levaram ao colapso da URSS durante o final da década de 80 (que serão tratadas no Capítulo III do presente trabalho). Assim, a configuração da zona de influência soviética na Eurásia alcançou o seu apogeu após a segunda guerra mundial e assim se manteve até os seus dias derradeiros.

¹⁴³ Fonte: <http://faculty.ucc.edu/egh-damerow/cold_war1.htm>. Acesso em: 06 Maio 2015.

"Khrushchov, a partir do momento em que consolidou a sua posição, começou a vibrar golpe após golpe contra todos os escalões do lobby continental-patriótico" ¹⁴⁷.

Khrushchov deu um golpe interno no Partido, perseguindo os antigos Bolcheviques, que foi marcado pela morte de Beria, chefe da Narodniy komissariat vnutrennikh diel (NKVD)¹⁴⁸ e stalinista. Com Khrushchov, a URSS entrou na etapa derradeira de sua historia, a Guerra Fria. A partir de seu governo a atenção da URSS não mais seria o seu espaço interno, mas sim seu poder de influência no restante do mundo. "Toda a sua atenção foi desde o começo concentrada nos países anglo-saxônicos e no ocidente, em particular nos Estados Unidos. Khrushchov criou o lema: "Alcançar e Ultrapassar o Ocidente", que significava o alinhamento com as potências atlânticas e o reconhecimento da sua superioridade social e económica. Suas teses sobre o rápido progresso do comunismo destinavam-se a libertar novamente as antigas tendências “messiânicas de esquerda”, “bolchevique - internacionalistas” (como estudadas anteriormente através do pensamento trotskista) quase esquecidas durante os longos anos do "estalinismo geopolítico imperial eurásico". Khrushchov queria destruir todas as estruturas tradicionais do “solo” que haviam sido poupadas durante os anos em que Stalin esteve no poder. De acordo com Dugin, Khrushchov queria livrar-se definitivamente da Igreja Ortodoxa Russa. "Khrushchov era “americanista” e atlantista em tudo: desde os famosos cornflakes até aos seus conceitos militares exclusivamente baseados no uso de mísseis intercontinentais em detrimento de todos os outros tipos de armas." "Khrushchov não se preocupava de todo com o continente eurásico. Preocupava-se com a América Latina, com Cuba, etc."

Com Khrouchtchev começou a propagação gradual na sociedade de uma intelligentsia de tendência atlantista, sem raízes e cosmopolita, que o KGB nunca virá a incomodar, mesmo tratando-se dos seus ramos mais radicais e mais dissidentes. Os temas ocidentais, os temas americanos começaram a difundir-se na URSS, enquanto ideais “proibidos” mas “atraentes”, a partir do final dos anos 1950 e do princípio dos anos 1960." ¹⁴⁹

¹⁴⁷ DUGIN, Alexandr. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006. p. 34.

¹⁴⁸ Ministério Soviético do interior: Comissariado do povo para assuntos internos.

¹⁴⁹ DUGIN, Alexandr. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006. p. 34-35.

Além desta postura internacional de característica atlantista, Khrushchov também iniciou o que ficou conhecido como o Social-Imperialismo ¹⁵⁰. Após os revisionistas tomarem o total controle dos instrumentos do partido ¹⁵¹ durante a década de 40, passando pela época da doença que matou Stalin e posteriormente com o governo consolidado, as tendências revisionistas levaram o Partido a uma intensa burocratização, tirando ao longo do tempo o real poder popular dos órgãos democráticos, como os Soviotes. Como consequência da burocratização, as relações entre as Repúblicas e a relação da URSS com os estados socialistas da Europa, e agora também com a China, passou a se tornar cada vez mais vertical, tendo o seu poder centralizado em Moscou. "O Partido foi privado de suas atribuições enquanto vanguarda da classe operária, única força política dirigente do Estado e da sociedade, transformou-se num partido dominado pelos *aparatchikes* ¹⁵² e agentes da KGB. Os revisionistas soviéticos denominaram seu partido de "partido de todo o povo" e o reduziram a um tal estado que ele deixou de pertencer à classe operária, passou a ser da nova burguesia soviética." ¹⁵³. De acordo com Hoxha (Líder da Albânia Socialista que, como vimos em uma nota de rodapé passada, foi o primeiro estado socialista a romper com a URSS):

Com sua chegada ao poder, os kruschovistas prepararam também a plataforma de sua política externa. Assim como o imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético baseou sua política externa na expansão e no hegemonismo, através da corrida armamentista, das pressões e chantagens, da agressão militar, econômica e ideológica. O objetivo dessa política era instaurar o domínio social-imperialista em todo o mundo.

A União Soviética aplica uma política tipicamente neocolonialista nos países do Comecon. A economia desses países transformou-se em apêndice da economia soviética. Para mantê-los subjugados, a União Soviética se serve do Tratado de Varsóvia, que lhe permite acantonar ali grandes contingentes militares, que em nada se distinguem dos exércitos de ocupação. O Tratado de Varsóvia é um pacto militar agressivo a serviço da política de pressões, chantagens e das intervenções armadas do social-imperialismo soviético. As "teorias" revisionistas e imperialistas da "comunidade socialista", da "divisão socialista do trabalho", da "soberania limitada", da "integração econômica socialista" e outras servem igualmente a essa política neocolonialista. ¹⁵⁴

¹⁵⁰ HOXHA, Enver. *O Imperialismo e a Revolução*. 1978. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/hoxha/1978/imperialismo/index.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁵¹ MARTENS, Ludo. *Stalin: Um novo olhar*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 326.

¹⁵² Nome dado aos burocratas do PCUS.

¹⁵³ HOXHA, Enver. *O Imperialismo e a Revolução*. 1978. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/hoxha/1978/imperialismo/index.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁵⁴ Ibidem.

Mas o social-imperialismo soviético não se contenta com o domínio de seus Estados satélites. Tal como os demais Estados imperialistas, a União Soviética combate agora por novos mercados, por esferas de influência, para investir seus capitais em diferentes países, açambarcar as fontes de matérias primas, estender seu neocolonialismo na África, na Ásia, na América Latina e em outras áreas.¹⁵⁵

Khrushchov seguia uma tendência muito curiosa existente no poder russo indicado por Teixeira: quase em todos os casos em que a Rússia foi governada por um governo mais "autoritário", logo em seguida o poder era ocupado por governos mais liberais e vice-versa¹⁵⁶. Khrushchov destruiu as conquistas da edificação nacional do socialismo obtidas ao longo da "Era do Socialismo (1917-1957)" na União Soviética, optando por seguir caminhos semelhantes ao dos países Imperialistas com relação as suas áreas de influência. "A estratégia dos social-imperialistas soviéticos nada tem em comum com o socialismo e o leninismo, ao contrário do que eles pretendem. É a estratégia de um Estado imperialista rapace, que busca alastrar sua hegemonia e seu domínio por todos os continentes e países." Ainda de acordo com Hoxha, "essa política hegemônica e neocolonialista da União Soviética revisionista choca-se, e não poderia ser de outra forma, com a política que os Estados Unidos seguem e que a China também começou a seguir (com relação ao terceiro-mundismo). Trata-se de uma confrontação de interesses dos imperialistas em sua luta pela redivisão do mundo. São precisamente esses interesses e essa luta que lançam as superpotências uma contra a outra, que levam cada uma delas a empregar todas as forças e meios ao seu dispor para debilitar seu rival ou rivais, até que esses confrontos cheguem a um nível de acirramento que os transforme em choques armados." Ao contrário do que se pensa, o fim da URSS não começou com Gorbachev, mas sim neste período em que Khrushchov assumiu o poder, tendo a sua política em grande parte sido mantida nos governos Leonid Brejnev, nos rápidos governos de Iúri Andropov e Konstantin Chernenko, até chegar em um momento em que não era mais possível sustentar aquela forma imperialista de existência, tendo Gorbachov optado, ao invés de buscar reconstruir a URSS Eurásica e Socialista dos anos do Socialismo stalinista, seguir uma linha mais liberal, de abertura e consequentemente derrubar a União Soviética.

¹⁵⁵ HOXHA, Enver. *O Imperialismo e a Revolução*. 1978. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/hoxha/1978/imperialismo/index.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁵⁶ TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

2.2.6 A Comunidade dos Estados Independentes e o Fim da URSS

Quando Mikhail Gorbachov chegou ao poder no ano de 1985 a União Soviética enfrentava crises tanto no campo econômico quanto no campo institucional. A burocratização e o envelhecimento dos líderes soviéticos havia ficado evidente quando os dois líderes anteriores Iúri Andropov e Konstantin Chernenko vieram a falecer pouco tempo depois de chegarem ao cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista (cargo máximo na URSS). Com problemas latentes de escassez e falta de credibilidade nos governantes, ganhou ainda mais espaço dentro do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) as alas mais liberais, notoriamente representada por Boris Yeltsin e pelo então novo Secretário-Geral do Partido, Mikhail Gorbachov ¹⁵⁷. Como indica Dugin ¹⁵⁸, Gorbachov havia sido apadrinhado por Andropov para dar sequência ao projeto dos atlantistas na Rússia, tendo sido este o verdadeiro iniciador da Perestroika.

Como apresentado anteriormente, a constituição soviética e o direito soviético permitia aos estados, caso desejassem, se desfilar da União e exercer o seu direito de independência. Com as crescentes crises no território soviético, o aumento da centralização das decisões políticas que vinha ocorrendo desde Krushev e o social-imperialismo, os estados membros da União e demais satélites esboçavam sua vontade de seguir um rumo independente de Moscou. Além de que, aliada a massiva propaganda anticomunista por parte do ocidente, uma mudança no cenário soviético iria ocorrer ou para um lado, ou para o outro. Dugin comenta, ainda sobre o governo Andropov, que este "sabia bem que numa qualquer dada fase da Perestroika, os eurásicos poderiam tentar desforrar-se, expulsando os atlantistas do KGB e do Politburo, levando o país a conduzir-se segundo uma política eurásica." Ainda segundo Dugin, "por consequência (da possibilidade dos eurásicos se insurgirem) a escolha da figura principal da nova política incidiu no mais evasivo e mais irresoluto dos líderes supremos da época, que era tão prudente, tão flexível e tão fugidio, que nenhum dos dois campos sabia para que Ordem ¹⁵⁹ trabalhava realmente."

¹⁵⁷ OLIC, Nelson Bacic. *A Desintegração do Leste*. São Paulo: Moderna, 2000.

¹⁵⁸ DUGIN, Alexandr. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006.

¹⁵⁹ Dugin em *A Grande Guerra dos Continentes* apresenta a existência de uma guerra geopolítica oculta da "Ordem Eurásica" contra a "Ordem Atlântica" no interior da Rússia ao longo da história. Neste trabalho ele apresenta como essas ordens teriam influenciado e influenciam o poder na Rússia. Para governos mais

As primeiras mudanças no bloco do leste começaram em 1986 na Hungria e na Polônia e a partir de 1989 iniciava-se então, pelo leste europeu ¹⁶⁰, a queda dos satélites da URSS, sendo sua marca emblemática a Queda do Muro de Berlin. Erich Honecker, então chefe de estado da Alemanha Oriental e crítico das políticas de Gorbachov foi um dos poucos líderes socialistas a resistirem ao reformismo soviético e a tentarem impedir a queda do comunismo, em vão. Os países do leste caíram na seguinte ordem: Hungria e Polônia através de acordos entre os dirigentes comunistas locais e a oposição, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia e Bulgária através de grandes manifestações populares que originaram reformas que derrubaram os dirigentes comunistas, na Romênia, como este possuía o regime mais ditatorial do bloco, as manifestações antigoverno foram brutalmente reprimidas e este só caindo então com a prisão e fuzilamento de seu líder Nicolae Ceaușescu, na Albânia, com a morte de Enver Hoxha em 1985, o governo atendeu as manifestações populares e reformou o estado, fazendo com que este tivesse "eleições livres" em 1991, que fora vencida pelos comunistas, e a Iugoslávia que a crise do socialismo gerou uma guerra civil que desintegrou o país ¹⁶¹.

Após a queda do socialismo no leste europeu e a continua crise interna na URSS, os países membros da União caminhavam para uma ruptura com o poder central soviético. Em 8 de dezembro de 1991 foi anunciada a criação da Comunidade de Estados Independentes (CEI), contendo inicialmente apenas os 3 países eslavos: Bielorrússia, Ucrânia e a própria Rússia. Duas semanas depois de sua criação outras oito ex-repúblicas soviéticas (Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Moldávia, Uzbequistão, Quirguistão, Tajiquistão e Turcomenistão) também foram admitidas como membros fundadores, sujeitas à aprovação dos seus respectivos parlamentos. Estônia, Lituânia e Letônia, anteriormente tinham se tornado independentes e declinaram o convite de integrar a CEI. A Geórgia rechaçou a proposta até 1993 ¹⁶². "O objetivo da CEI, quando de sua formulação, era integrar economicamente as várias regiões da ex-URSS, a partir de um mercado comum. Havia contudo uma grande

atlantistas, como o de Krushev, ele aponta o apoio da Ordem Atlântica, para governos mais eurásicos, como de Lenin e Stalin, ele aponta o apoio da Ordem Eurásica.

¹⁶⁰ OLIC, Nelson Bacic. *A Desintegração do Leste*. São Paulo: Moderna, 2000.

¹⁶¹ Ibidem.

¹⁶² Fonte: <<http://www.infoescola.com/geografia/comunidade-dos-estados-independentes-cei/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

resistência das elites dos novos Estados que buscavam, na realidade, garantir sua independência. Assim, esses Estados se guiavam por um nacionalismo aberto e por um alto grau de xenofobia, principalmente contra russos que viviam em seu território desde o passado soviético. Isso levou a um aumento no número de conflitos territoriais, que não podiam mais ser defendidos pela Rússia por meio do antigo exército soviético, já que cada país buscava sua individualidade, a partir de suas próprias forças armadas. Dentro desse cenário, a Rússia se viu obrigada a se adaptar ao seu “novo” contorno geopolítico e realidade nacional, embora ainda buscasse assegurar sua força e poder regionais” ¹⁶³. Em dezembro de 1991 Gorbatchov em um pronunciamento histórico de aproximadamente 12 minutos anunciou sua renúncia e, consequentemente, o fim da URSS. Gorbatchov alegou que com a criação da Comunidade dos Estados Independentes, que substituiria o espaço Geopolítico soviético, não lhe restava outra opção, alegando que havia lutado pela autonomia dos povos da URSS mas também pela preservação da integridade do território soviético. Gorbatchov criticou o fato de que a Criação da Comunidade não teve consulta popular e disse que não poderia concordar com tal decisão ¹⁶⁴. Com isso, após o seu discurso, a bandeira vermelha foi removida do Kremlin, dando espaço a bandeira tricolor da Rússia. Naquela noite de natal de 1991 terminava o último capítulo da Revolução Russa.

2.2.7 A Federação Russa, crises, liberalização e o "Vácuo Geopolítico"

Com o fim da União Soviética e a desintegração dos territórios neste espaço, a Rússia se encontrava pela primeira vez em tempos separada de muitos países que no passado sempre haviam feito parte de sua esfera territorial. Naquele momento, a distribuição étnica e territorial no espaço correspondente à então ex-URSS era composto da seguinte maneira:

¹⁶³ OLIVEIRA, Luiza Santana de. *Comunidade dos Estados Independentes: repensando o imperialismo russo*. 2013. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/05/08/comunidade-dos-estados-independentes-repensando-o-imperialismo-russo/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁶⁴ GORBATCHOV, Mikhail. *Discurso de Renúncia à Presidência da URSS*. 25 de Dezembro de 1991. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1991/12/25.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Tabela 1 - Principais grupos étnico-nacionais da URSS

Principais grupos étnico-nacionais da URSS	
Nome do grupo étnico-nacional	Porcentagem da população
Russos	50,0
Ucranianos	18,0
Bielo-russos	4,0
Turco-tártaros (tártaros, usbeques,cazaques etc.)	2,7
Judeus	2,0
Cossacos	1,6
Azerbaijanos ou azeris	1,2
Armênios	1,1
Georgianos	1,1
Moldovos	1,1
Lituanos	1,0
Poloneses	0,9
Uralo-altaicos	0,8
Alemães	0,7
Letonianos	0,6
Estonianos	0,6
Outros mais de cem grupos restantes	± 10,0

Fonte: A Desintegração do Leste ¹⁶⁵

¹⁶⁵ OLIC, Nelson Bacic. *A Desintegração do Leste*. São Paulo: Moderna, 2000. p. 58.

Tabela 2 - As repúblicas federadas da URSS (que se tornaram independentes em 1991)

As repúblicas federadas da URSS (que se tornaram independentes em 1991)

Nome da República	Área (km ²)	População	Capital
Federação da Rússia	17.075.400	147.386.000	Moscou
Moldávia	33.700	4.341.000	Kishiniev
Bielo-Rússia	207.600	10.200.000	Minsk
Ucrânia	603.700	51.704.000	Kiev
Geórgia	69.700	5.449.000	Tiblisi
Armênia	29.800	3.283.000	Erevan
Azerbaijão	86.600	7.029.000	Baku
Cazaquistão	2.717.300	16.538.000	Astana
Turcomenistão	488.100	3.538.000	Ashkhabad
Tajiquistão	143.100	5.112.000	Dushambe
Uzbequistão	447.400	19.906.000	Tashkent
Quirguistão	198.500	4.921.000	Bishkek
Lituânia	65.200	3.690.000	Vilna
Letônia	64.589	2.681.000	Riga
Estônia	45.100	1.573.000	Talin

Fonte: A Desintegração do Leste ¹⁶⁶

Pelos números apresentados é possível observar que a Rússia em 1991 perdeu aproximadamente 5.200.389 km² de influência geopolítica direta, o que correspondia a mais de 1/4 do território soviético. Dos países do leste europeu do antigo bloco socialista, Hungria, Polônia, República Tcheca, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e a Eslovênia aderiram ao Tratado do Atlântico Norte e se alinharam estreitamente com o ocidente. Apenas Bielo-Rússia e Ucrânia, até então, não haviam aderido a Aliança Ocidental. A Bielo-Rússia se manteve aliada de Moscou e a Ucrânia também "devido a um receio de

¹⁶⁶ OLIC, Nelson Bacic. *A Desintegração do Leste*. São Paulo: Moderna, 2000. p. 58.

uma divisão do país, uma vez que a porção oriental é composta por grande população russófono" ¹⁶⁷.

Com a renúncia de Gorbachev, Boris Yeltsin, proeminente representante da Escola Internacionalista-Idealista (Ocidentalista), assumiu o cargo de primeiro presidente da Federação Russa. "Boris Yeltsin assumiu uma postura de cooperação com o Ocidente, defendendo a aliança da Rússia com as potências ocidentais e tomando medidas que visavam implementar os valores pregados pelo Ocidente. Yeltsin, assim como o ex-líder soviético Mikhail Gorbachev – que possuíam uma relação política muito estreita – acreditava que a Rússia deveria apagar definitivamente qualquer postura que fizesse lembrar a extinta URSS. Por isso, não estavam preocupados em manter ou estender áreas de influência geopolítica, acreditando na inserção da Rússia no mundo capitalista neoliberal dominante na década de 1990. Segundo Sousa, acreditavam que somente a cooperação da Rússia com a comunidade internacional poderia garantir a segurança e a prosperidade do país " ¹⁶⁸. Para Sousa, "Herdeira do aparato militar da antiga URSS e detentora ainda do maior território do planeta, a Rússia viveu de 1991 a 1998 numa espécie de “vácuo geopolítico”, onde não tinha ao certo uma orientação ideológica e/ou geoestratégica definida." ¹⁶⁹

Dentro do período que Sousa aponta como "Vácuo Geopolítico"¹⁷⁰, a Rússia enfrentou graves problemas ligados às dificuldades de readaptação da economia à economia de mercado e aos grandes escândalos de corrupção que envolviam as privatizações das antigas propriedades estatais. Como forma de tentar adaptar a economia da Rússia, Yeltsen promoveu uma extensa reforma liberal na burocracia do estado, buscando diminuir bruscamente os gastos governamentais e o tamanho da máquina estatal. O governo também suspendeu quase que totalmente o controle de preços no país (algo factual na ex-URSS), permitindo assim um maior interesse por parte de empresas estrangeiras em investir no país. A política comercial russa nesse período é marcada por uma liberalização extrema, tendo como essência das novas reformas econômicas a privatização.

¹⁶⁷ SOUSA, Danilo Rogerio de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. *Revista de Geopolítica*, Natal - RN, v. 3, n. 2, p. 61–70, jul./dez. 2012.

¹⁶⁸ Ibidem.

¹⁶⁹ Ibidem.

¹⁷⁰ Período que vai do colapso da URSS, em 1991, até a eleição de Vladimir Putin, em 1999.

Num contexto pró-ocidental, Andrei Kozirev assume a pasta dos Negócios Estrangeiros em inícios de 1992, prossequindo uma política de aproximação ao Ocidente, definindo a Rússia como aliada natural da Europa. Esta abordagem foi evidenciada na procura de integração em instituições ocidentais, solicitando a adesão ao Conselho da Europa, aderindo à Parceria para a Paz no contexto da NATO (em Junho de 1995, procurando assegurar que a sua participação constituísse um fator de promoção de confiança enquanto simultaneamente procurava evitar os planos de alargamento da organização aos estados do Leste), e aprofundando relações com a Comunidade Europeia, com base na assinatura do Acordo de Parceria e Cooperação (APC) em 1994, a par do estreitamento de relações com Washington.¹⁷¹

Dados oficiais do governo russo indicam que de 1990 até 1995 o PIB russo caiu aproximadamente 50%, uma depressão muito maior do que a vivida pelos EUA no final da década de 20. Boa parte do declínio económico russo se deu pela queda na produção do complexo industrial militar, que era o centro das atividades económicas na Rússia desde a Guerra Fria. Todos os setores da economia foram afetados nessa transição para uma economia de mercado. Diversas empresas do antigo regime estatal tiveram que ser fechadas, gerando assim demissões, queda na produção, desmonte dos parques industriais estatais e um forte sucateamento das forças armadas, decorrente da dissolução do exército vermelho e da quantidade de equipamentos militares existentes frente ao que era demandado pela nova política russa.

2.2.8 As Escolas de Pensamento na Rússia da década de 90

2.2.8.1 A Escola Internacionalista-Idealista (Os Ocidentalistas)

Apesar dos problemas económicos e políticos, a Rússia vivia um intenso esforço, por parte de seu governo liberal, em adaptar o país aos valores ocidentais. Os liberais (ocidentalistas) e simpatizantes esboçavam otimismo quanto à possibilidade da Rússia se integrar ao sistema ocidental. Esta escola, representada por Gorbachev e Yeltsen, tinha, segundo Teixeira, "predominado a ideia de que a cooperação internacional era a única

¹⁷¹ FREIRE, Maria Raquel. *A política externa em transição o caso da Federação Russa*. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300005>. Acesso em: 06 Maio 2015.

maneira possível de garantir a segurança nacional.”¹⁷² Ainda segundo Teixeira, os idealistas acreditavam que os perigos estavam no interior do país. “A Escola defendia o determinismo econômico e a universalidade dos valores democráticos. Ainda segundo Teixeira ¹⁷³, "Yeltsen baseou suas ações nesse conceito e considerava fundamental que o Estado se voltasse para a Europa. A sua preocupação era como aplicar os valores ocidentais ao modelo russo, de modo a colher os frutos o mais rapidamente possível” . Gaspar ¹⁷⁴ avalia que as políticas externas assumem uma linha de integração e dependência em relação aos EUA e à Europa Ocidental, que se traduz na vontade expressa de adesão à OTAN e ao conjunto das instituições de aliança das democracias." Os internacionalistas decretavam o fim da Rússia como potência ¹⁷⁵.

De fato, se isolarmos a Rússia no período pós soviético de toda a sua história, seria possível visualizar a realidade sendo construída através dos valores liberais. No exercício de buscar entender como tais acontecimentos poderiam ser interpretados na época, não é muito difícil crer no "fim da história", na vitória das democracias de mercado. A questão central é que não podemos isolar daquela década toda a história desta civilização.

2.2.8.2 A Escola Expansionista Revolucionária e os Realistas (Eurasianistas)

Pelo outro lado, as escolas embriões do atual pensamento Neoeurasiano, a Escola Realista e a Escola Expansionista Revolucionária, encaravam de outra maneira o cenário pós URSS.

Críticos do governo Yeltsen, a Escola Realista "acreditava no poder como instrumento de controle e equilíbrio, em detrimento da cooperação internacional. Por isso, acreditavam que a Rússia deveria desenvolver suas potencialidades para equilibrar a balança internacional

¹⁷² TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

¹⁷³ Ibidem.

¹⁷⁴ GASPAR, Carlos. *A Rússia e a segurança europeia*. 2004. Disponível em: <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=3&ida=103>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁷⁵ SOUSA, Danilo Rogerio de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. *Revista de Geopolítica*, Natal - RN, v. 3, n. 2, p. 61–70, jul./dez. 2012.

de poder com os Estados Unidos" ¹⁷⁶. "Esta corrente de pensamento parecia o ambiente externo hostil aos interesses russos e que a dissolução da URSS foi consequência das ações permitidas e bem planejadas do mundo ocidental." ¹⁷⁷. Essa escola defendia que a Rússia deveria voltar seus esforços em alianças para com países como China, Índia e Irã, ao invés de para com o ocidente.

A Escola Expansionista Revolucionária, também crítica ao governo Yeltse, se situava na extrema direita do cenário político russo e acreditava que a expansão externa era o melhor caminho para garantir a segurança da Rússia. Como dito no primeiro capítulo, essa escola, assim como a Realista, inspirava-se nas ideias de Mackinder, Mahan, defendendo a noção de potência continental. Na visão expansionista, o sistema mundial permaneceria sendo bipolar, onde se confrontariam dois grupos geopolíticos rivais: o Atlantismo e o Eurasianismo ¹⁷⁸. Como debatidos anteriormente, essas noções geopolíticas de Atlantismo e Eurasanismo também podem ser vistas através dos conceitos de sociedades marítimas e sociedades terrestres (Mahan vs. Mackinder) que, como analisadas, possuem muito mais do que aspectos puramente geográficos, mas aspectos civilizacionais identitários e de valores, o que colocaria em evidência a noção do choque civilizacional no cenário internacional pós-soviético.

Em comparação com a escola internacionalista, realistas e expansionistas possuem uma ótica hobbesiana do sistema global, onde a anarquia nas relações entre os Estados e a competição entre os mesmos seria a regra geral. Enquanto que a escola idealista é kantiana, e advoga que a cooperação no sistema internacional é o sustentáculo do mesmo. ¹⁷⁹

Segundo Teixeira ¹⁸⁰, as correntes Realista e Expansionista Revolucionária consideram a Rússia como detentora de uma posição geopolítica ímpar e que por isso precisa ser

¹⁷⁶ SOUSA, Danilo Rogerio de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. *Revista de Geopolítica*, Natal - RN, v. 3, n. 2, p. 61–70, jul./dez. 2012.

¹⁷⁷ TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009. p.135.

¹⁷⁸ Ibidem. p. 136.

¹⁷⁹ SOUSA, Danilo Rogerio de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. *Revista de Geopolítica*, Natal - RN, v. 3, n. 2, p. 61–70, jul./dez. 2012.

¹⁸⁰ TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

defendida." "A restauração do antigo espaço (soviético) é fundamental e a noção de civilização eurásiana é um componente decisivo nesse intento".

2.2.9 O Separatismo Tchetcheno

Além dos problemas econômicos e rivalidades ideológicas, a Rússia da década de 90 teve graves problemas territoriais ligados ao separatismo no interior da Rússia. O que de certo modo viria a fomentar as ideias da escola Neoeurásiana. O mais emblemático destes ocorreu no Cáucaso com os tchetchenos. A independência da Tchetchênia foi proclamada em 1991 por nacionalistas tchetchenos liderados pelo general Djokar Dudaiev conquistando, desta forma, o reconhecimento por parte da Rússia da sua separação dos inguchétios os quais, por sua vez, criaram em dezembro de 1992 a República Autônoma da Inguchétia, uma divisão federal da Rússia. No entanto, a Tchetchênia não aceitou assinar o tratado federal russo e Moscou não reconheceu a independência da república tchetchena.¹⁸¹

2.2.9.1 A primeira guerra da Tchetchênia

Em 1994 a Rússia ordenou uma intervenção militar na Tchetchênia a fim de restabelecer o controle da federação sobre aquela região. Porém, a desorganização das forças russas e a encarniçada resistência dos chechenos fizeram o conflito se prolongar até agosto de 1996. Neste ano, a Rússia decretou um cessar fogo unilateral, encerrando assim a primeira guerra da Tchetchênia. O saldo de mortos no conflito foi grande: cerca de 15 mil soldados russos, 10 mil guerrilheiros e mais de 80 mil civis. Mais ou menos 80% da cidade de Grozni, a capital chechena, foi destruída e o número de refugiados chegou a 350 mil ¹⁸². Um acordo de paz negociado pelo vice-presidente de Boris Ieltsen, Aleksandr Ivanovich Lebed, em maio de 1996 reconhecendo a Tchetchênia como um Estado soberano na federação. Nas eleições de janeiro de 1997, antigo chefe do estado-maior das forças independentes chechenas e

¹⁸¹ DONNARD, Lina Coimbra. *O conflito Chechênia x Rússia: a análise geopolítica por uma perspectiva realista ofensiva*. Belo Horizonte: UNI-Bh, 2007. p. 30.

¹⁸² OLIC, Nelson Bacic. *Moscou impõe sua pax no Cáucaso*. 2002. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/pages/revistapangea/show_news.asp?n=141&ed=4>. Acesso em: 06 Maio 2015.

articulador dos acordos de paz com a Rússia, Aslan Maskhadov, foi eleito presidente. Em maio de 1997, é decretado o fim da guerra através de um tratado de paz assinado por Yeltsin e Maskhadov ¹⁸³.

2.2.9.2 A Segunda guerra da Tchetchênia e a ascensão de Putin

Apesar do acordo de paz, em 1999 a eclosão de uma rebelião islâmica no Daguestão, onde grupos rebeldes declararam a criação de um Estado islâmico independente, se alastrou até a Tchetchênia ¹⁸⁴. Um mês depois uma série de ataques terroristas na Rússia foram atribuídos aos grupos separatistas chechenos, como a explosão de uma bomba na cidade de Vladikavkáz na Ossétia do Norte, que deixou 52 pessoas mortas e 200 feridas e os trágicos ataques que ocorreram entre os dias 4 e 16 de setembro de 1999 às cidades de Buynaksk, Moscou e Volgodonsk, que deixaram 293 mortos e mais de mil feridos ¹⁸⁵. Para OLIC ¹⁸⁶, "o destino da Tchetchênia para a Rússia pode ser analisado pelo menos sobre dois pontos de vista. O primeiro deles é eminentemente político: um eventual sucesso do separatismo Tchetcheno, provavelmente levaria outras repúblicas da Federação Russa seguir seu exemplo, situação que fatalmente levaria a uma amputação significativa do território atualmente sob o controle de Moscou. A outra dimensão tem caráter econômico e refere-se às formas de escoamento dos expressivos recursos energéticos, petróleo e gás natural, existentes na Ásia Central e no Azerbaijão. Por exemplo, para se levar o petróleo das enormes reservas do Azerbaijão, para o Mar Negro através do território russo, o caminho mais indicado para o escoamento do produto é um oleoduto que passa pelo território Tchetcheno. Daí a necessidade de uma Tchetchênia "pacificada".

¹⁸³ DONNARD, Lina Coimbra. *O conflito Chechênia x Rússia: a análise geopolítica por uma perspectiva realista ofensiva*. Belo Horizonte: UNI-Bh, 2007. p. 30-31.

¹⁸⁴ Ibidem. p. 31.

¹⁸⁵ RT. *Los mayores atentados terroristas en Rusia*. Disponível em: <<http://actualidad.rt.com/actualidad/view/9448-Los-mayores-atentados-terroristas-en-Rusia>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁸⁶ OLIC, Nelson Bacic. *Moscou impõe sua pax no Cáucaso*. 2002. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/pages/revistapangea/show_news.asp?n=141&ed=4>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Pouco antes dos atentados, Boris Ieltsen indicou para o cargo primeiro-ministro da Rússia o ex-chefe da FSB (Serviço Federal de Segurança da Federação Russa, sucessor da KGB) Vladimir Putin, vindo a ser eleito pela Duma no dia 9 de agosto. Dezesete dias após tomar posse como primeiro-ministro, no dia 26 de agosto de 1999, e como resposta à invasão do Daguestão feita pelo grupo terrorista checheno Brigada Islâmica Internacional (IIPB) com o apoio dos separatistas islâmicos deste país, que vinha ocorrendo desde 5 de agosto, Vladimir Putin iniciou as operações militares para expulsar os chechenos do Daguestão. No mês seguinte, como citado, os chechenos realizaram ataques terroristas contra a Rússia, pretexto necessário para desencadear uma segunda guerra contra a Tchetchênia, mais mortífera que a primeira ¹⁸⁷. Alarmados com os atos terroristas, a opinião pública apoiou amplamente a guerra. O apoio resultou na crescente popularidade de Putin, que planejou as operações decisivas no conflito ¹⁸⁸. Em 31 de dezembro de 1999 Ieltsin renuncia ao cargo de presidente 6 meses antes do término do seu mandato. Vladimir Putin assume a presidência da Rússia, vence as eleições em 2000 com grande prestígio pela vitória na Tchetchênia e dá início ao ressurgimento da Geopolítica Russa. Basicamente, depois de 1999, o pensamento geopolítico russo se estruturaria em duas grandes escolas antagônicas: os Ocidentalistas e os Eurasianistas ¹⁸⁹.

A "pacificação" posta em prática pelo presidente Putin ganhou impulso a partir de 11 de setembro de 2001. Ao apoiar de forma incontestada a estratégia norte-americana de guerra ao terror, os principais governos do Ocidente, especialmente o dos Estados Unidos, deram carta branca para que Moscou impusesse uma "pax " russa à Tchetchênia.

¹⁸⁷ OLIC, Nelson Bacic. *Moscou impõe sua pax no Cáucaso*. 2002. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/pages/revistapangea/show_news.asp?n=141&ed=4>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁸⁸ Fonte: <<http://www.russianet.com.br/russia/historia/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁸⁹ SOUSA, Danilo Rogerio de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. *Revista de Geopolítica*, Natal - RN, v. 3, n. 2, p. 61–70, jul./dez. 2012.

3 A RÚSSIA NO SÉCULO XXI

3.1 A Geopolítica de Putin

Como foi visto no último capítulo, Putin chegou ao poder em meio as tensões na Guerra da Tchetchênia e conseguiu amenizar a situação. Por mais que ao longo dos anos 2000 os terroristas tchetchenos tenham realizados outros grandes ataques, como o ataque ao teatro de Durbokova, em Moscou, resultando na morte de mais de 200 pessoas e o emblemático ataque à escola de Beslan, na Ossétia do Norte em 2004 resultando em 331 mortes e mais de 700 feridos ¹⁹⁰, Moscou conseguiu controlar a situação política na região tendo cooptado para o seu lado ex-rebeldes Tchetchenos como Akhmad Kadyrov e seu filho Ramzan Kadyrov, ambos sendo presidentes Tchetchenos reconhecidos pela Rússia. " A "pacificação" posta em prática pelo presidente Putin, ganhou impulso a partir de 11 de setembro de 2001. Ao apoiar de forma incontestada a estratégia norte-americana de guerra ao terror, os principais governos do Ocidente, especialmente o dos Estados Unidos, deram carta branca para que Moscou impusesse uma "pax " russa à Chechênia."¹⁹¹ Desde o ano de 2005, o ritmo de guerrilha e operações terroristas diminuíram na Tchetchênia. Isso tem acontecido pelo fato de que muitos ex-separatistas se juntaram às forças de Kadyrov publicamente pró-Kremlin e depois que o ex-líder separatista, Aslan Maskhadov, foi morto. ¹⁹²

‘Mr Putin is a product of the Tsarist-Soviet security system, a traditionalist who believes that the only way to sustain order and protect the state is through authoritarianism. Therefore his political, legal, and military reforms are going to impede progress’.

— Boris Berezovsky, ‘The Problem with Putin’, The Financial Times, 28 May 2002 ¹⁹³

¹⁹⁰ DONNARD, Lina Coimbra. *O conflito Chechênia x Rússia: a análise geopolítica por uma perspectiva realista ofensiva*. Belo Horizonte: UNI-Bh, 2007. p. 34-35.

¹⁹¹ OLIC, Nelson Bacic. *Moscou impõe sua pax no Cáucaso*. 2002. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/pages/revistapangea/show_news.asp?n=141&ed=4>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁹² CHIVERS, C. J. *A reconstrução da Chechênia*. 2006. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/mundo/a-reconstru%C3%A7%C3%A3o-da-chech%C3%AAnia-1.248101>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁹³ DUGIN, Alexandr. *Putin vs Putin: Vladimir Putin Viewed from the Right*. Arkatos. 2014. p. 4.

Ao se estudar a história do Império Russo e da União Soviética é possível notar diversas características e estilos de governos diferentes. Porém, ambos carregam consigo o "fardo" civilizacional de uma sociedade tipicamente terrestre (como apresentando no primeiro capítulo). É possível observar que as tendências mais liberalizantes e atlantistas não perpetuam por muito tempo na Rússia devido as incompatibilidades culturais destes valores com os valores tradicionais russos. Até por que, como Dugin cita ao longo de seus trabalhos, a Rússia não teria como existir sem preservar suas características territoriais e espirituais. Assim como Pedro o Grande, Yeltsin possuía um interesse ligado a europeização da Rússia, e como Stalin, Putin atua no sentido de preservar a integridade e as tradições russas, tanto nos aspectos geográficos quanto nos aspectos morais. Com Putin, os paradigmas da geopolítica clássica de disputa entre potências terrestres (continentalistas) e potências marítimas (Atlantistas) se mostram cada vez mais atuais.

3.2 A Rússia na Eurásia

A presidência de Vladimir Putin é marcada por mudanças drásticas não só na estrutura política interna, mas também na política externa da Rússia no início dos anos 2000. Putin incorporou na sua política os princípios defendidos pela escola Eurasiania a respeito de como deveria ser o posicionamento russo no mundo. As novas políticas Eurasianas começaram com as visitas de Putin aos países do Extremo Oriente. O fato de que a política externa russa girava em direção ao Leste tornou-se uma extensão lógica e muito razoável de conscientização do governo da Rússia frente aos desafios geopolíticos, em termos de seu novo contexto histórico. O dilema fundamental na política mundial tinha sido delineado: vamos viver em um mundo unipolar, que atende somente para os EUA como seu único sujeito histórico, ou será possível estabelecer um mundo multipolar? Nem a Rússia nem qualquer outra grande potência regional é capaz de, sozinho, contrabalançar o poder geopolítico dos EUA. A única chance da Rússia continuar a ser um sujeito da história é a construção de uma aliança estratégica de longo prazo com as grandes potências Eurasianas, que possuem forte potencial demográfico, econômico, militar e cultural.¹⁹⁴

¹⁹⁴ DUGIN, Alexandr. *Putin vs Putin: Vladimir Putin Viewed from the Right*. Arkatos. 2014. p. 71.

As visitas de Putin foram dedicadas precisamente à implementação desta nova política externa Eurasiana em curso, que vinha se tornando-se gradualmente a ideia fundamental por trás política russa. Putin propôs e implementou iniciativas geopolíticas ousadas, como a revitalização das relações entre Berlim e Moscou, Moscou e Teerã, Moscou e Nova Déli, Moscou e Pequim e Moscou e Tóquio (embora eles não eram todos igualmente importantes). Todas essas iniciativas fazem parte da estratégia geopolítica Eurasiana.¹⁹⁵ A Evolução da Orientação Geopolítica da Rússia liga-se à busca de uma identidade pós-soviética e ao seu lugar no mundo após o colapso do comunismo¹⁹⁶.

3.3 A Rússia e os organismos de integração regional, uma nova forma de exercer a política soviética

Não por acaso, as iniciativas de aproximação e integração regional da Rússia tem correspondido justamente a tentativa de se recuperar o espaço perdido na antiga zona de influência soviética. As áreas de atuação da Rússia nos remetem a área pivô indicada por Mackinder e à zona pan-eurasiana, como indicada pela TMM. A Rússia busca através de três pilares básicos (Político, Militar e Econômico) fortalecer organizações que buscam assegurar os seus interesses nos ambitos de competência da antiga URSS.

3.4 A Comunidade dos Estados Independentes (O Pilar Político)

Como visto anteriormente, a Comunidade dos Estados Independentes, criada em 1991, teve como objetivo principal manter a integração de modo voluntário das ex-repúblicas soviéticas. Porem, durante a década de 90, a Rússia manifestava pouco interesse nas relações

¹⁹⁵ DUGIN, Alexandr. Putin vs Putin: Vladimir Putin Viewed from the Right. Arkatos, 2014. p. 71.

¹⁹⁶ SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

com os países da CEI e voltava sua atuação política para o estabelecimento de relações com o ocidente ¹⁹⁷.

"Mesmo antes da desagregação da União, a CEI foi criada a 8 de Dezembro de 1991, num acordo entre a Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia, procurando constituir um mecanismo agregador e facilitador de uma transformação pacífica da velha URSS numa nova forma de organização que perpetuasse o poder da Rússia no antigo espaço soviético. Contudo, isto não evitou que as repúblicas seguissem o seu próprio curso, independentemente da sua adesão à nova organização, à exceção das três repúblicas do Báltico, que nunca foram estados-membros da CEI. Além do mais, a Comunidade acabou por se revelar institucionalmente disfuncional, significando que o objetivo russo de influência e controlo se revelou limitado, apesar do seu poder na área." ¹⁹⁸

Com a chegada de Putin ao poder, a agenda da política externa russa ganhava novos elementos. A Rússia começou a retornar o foco de sua política externa aos parceiros históricos. Porém, a CEI ficou um pouco de lado devido ao seu caráter fundamentalmente político em detrimento ao novo pragmatismo russo. Apesar disso Putin acredita que

a experiência da CEI permitiu iniciar a integração em diferentes níveis e velocidades no espaço pós-soviético, criando formatos de acordo com as necessidades, como o Estado Aliado da Rússia e Bielorrússia, a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (Otsce), a Comunidade Económica Euroasiática (Ceea), a União Aduaneira (UA) e, por último, o Espaço Económico Unido (EUU). ¹⁹⁹

Atualmente, a CEI é composta atualmente por Armênia, Belarus, Cazaquistão, Federação Russa, Moldávia, Quirquístão, Tadjiquístão, Turcomenistão, Ucrânia, Uzbequistão e Azerbaidjão. Os únicos países da ex-URSS que não aderiram à comunidade foram os estados bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia), que se alinharam com a aliança ocidental. A Geórgia saiu da organização em 2009 depois da guerra da Geórgia. A CEI, com uma população de 273,7 milhões de habitantes, está organizada em uma confederação de Estados, que preserva a soberania de cada um. A Comunidade prevê a centralização de Forças Armadas e o uso de uma moeda comum (no momento somente Rússia e Bielorrússia possuem

¹⁹⁷ BUENO, Guilherme. *A nova política externa russa para o espaço pós-soviético: integração e cooperação*. 2014. Disponível em: <<http://cnm.ufsc.br/files/2014/01/Monografia-do-Guilherme-Bueno.pdf>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ Ibidem.

sua moeda integrada: o Rublo. Seu PIB é estimado em US\$ 587,8 bilhões.²⁰⁰ Segundo Oliveira, "os dados mostram que 89% do território da antiga URSS faz parte da CEI, o que também facilita a existência de algumas normas comuns, principalmente aquelas relativas às questões distributivas e tarifárias do mercado energético, como as relativas ao petróleo, gás e carvão. Uma vez tendo sido por tanto tempo “colonizados” pelos russos, a união é facilitada pelo fator linguístico, bem como através de alguns valores compartilhados, como o modo parecido como os negócios são vistos. Contudo, o processo de mudança ainda ocorre, haja vista os conflitos étnico-políticos constantes na Chechênia, Geórgia, Moldávia, Tadjiquistão, Armênia, Azerbaijão, entre outros. Isso demonstra que, tendo a Rússia um papel de destaque como potência regional e global, assim como a China, Índia, dentre outros, deve cuidar da estabilidade regional, o que acaba lhe dando um tom imperialista, muito criticado pelos antigos membros da URSS." Oliveira ainda complementa dizendo que a CEI ainda precisa de muitas reformulações para que possa de fato cumprir sua função plena enquanto grupo regional e de integração. que as dificuldades que o grupo enfrenta se devem principalmente ao posicionamento hegemônico russo, que acaba interferindo em seu relacionamento com os demais membros.²⁰¹

3.5 A Organização do Tratado de Segurança Coletiva (O Pilar Militar)

Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTCS) tem sua origem na conclusão do Tratado de Segurança Coletiva que foi assinado em Tashkent (Uzbequistão) em 15 de maio de 1992 pelos chefes de estado da Armênia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão e Uzbequistão, e posteriormente assinado pelo Azerbaijão, Belarus e Geórgia (1993). O Tratado foi ratificado e entrou em vigor no final 1994, sendo válido por cinco anos, com possibilidade de prorrogação. Em 1999, a Armênia, Belarus, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia e Tadjiquistão assinaram um protocolo sobre o alargamento do Tratado Coletivo de Segurança, que foi formado na base da nova composição dos países, estendendo por mais cinco anos. O aprofundamento da cooperação no formato do Tratado levou à assinatura no

²⁰⁰ Fonte: <<http://www.camara.gov.br/mercosul/blocos/CEI.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²⁰¹ OLIVEIRA, Luiza Santana de. *Comunidade dos Estados Independentes: repensando o imperialismo russo*. 2013. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/05/08/comunidade-dos-estados-independentes-repensando-o-imperialismo-russo/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

dia 7 de Outubro de 2002, em Chisinau (Moldávia) da Carta do Tratado de Segurança Coletiva que, do ponto de vista do direito internacional, oficializava a criação de organização internacional de segurança regional.²⁰²

O tratado prevê que se um dos Estados participantes sofrer alguma agressão de qualquer Estado ou grupo de Estados, esta será considerada como uma agressão contra todos os Estados Partes do presente Acordo. No caso de um ato de agressão contra qualquer dos Estados Partes, todos os outros Estados Parte a prestaram assistência necessária, incluindo militares, bem como prestar apoio com os meios à sua disposição, no exercício do direito de defesa colectiva nos termos do artigo 51 da Carta das Nações Unidas²⁰³." De acordo com Trabanco²⁰⁴, a criação da OTCS foi claramente uma resposta ao crescimento contínuo da OTAN para o leste, com a adesão dos países bálticos e da Georgia ao Tratado do Atlântico Norte.

A OTCS possui um carater militar de defesa regional similar ao do antigo Pacto de Varsovia, que visava assegurar uma segurança mutua regional frente à expansão da aliança ocidental. A diferença central é a que Organização não possui uma limitação geográfica específica. Em 2007, o Irã foi convidado a se juntar à organização²⁰⁵, o que expressa a política Eurasiana de inserção da Rússia no continente e nos seus principais vetores. Segundo Jesus,

A OTSC tornou-se uma organização euro-asiática não somente em termos geográficos, mas políticos e jurídicos por meio de princípios universais e propósitos práticos, bem como de participação direta dos Estados membros em estruturas de segurança europeias e asiáticas. (...) Seus Estados membros não veem quaisquer Estados específicos como seus inimigos e buscam uma cooperação mutuamente benéfica com todos os Estados, de forma a se mostrar aberta à adesão a qualquer Estado que partilhe seus propósitos, que estariam relacionados ao fortalecimento da paz e das seguranças regional e internacional e à garantia de proteção coletiva da

²⁰² Disponível no idioma russo em: <<http://www.odkb-csto.org/structure/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ TRABANCO, José Miguel Alonso. *The Prospects of a New Cold War? Towards the Consolidation of the Russian-led CSTO Military Alliance*. Global Research, May 08, 2009.

²⁰⁵ GLOBALRESEARCH. *Iran invited to join Central Security Treaty Organization*. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/iran-invited-to-join-central-security-treaty-organization/5696>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

independência, da integridade territorial e da soberania de seus membros. Na busca desses propósitos, os Estados devem dar prioridade aos meios políticos.²⁰⁶

3.6 A União Euroasiática (O Pilar Econômico)

Dentre todos os processos de integração apresentados anteriormente, a União Euroasiática sem dúvidas é a que vem demonstrando maior potencial e capacidade de adesão, além de demonstrar também um claro desafio contra o ocidente.

Tendo como objetivo integrar economicamente o antigo espaço soviético através da criação de um mercado comum, foi assinado em maio de 2014 por Rússia, Bielo-Rússia e Cazaquistão, o tratado de criação da União Econômica Euroasiática, que entrou em vigor em 1 de abril de 2015²⁰⁷. Em dezembro de 2014, a Armênia e Quirguistão aderiram ao tratado, fazendo parte assim da EurAsEC desde de sua entrada em vigor.

Nós propomos um modelo de associação supranacional poderosa, capaz de ser um dos polos do mundo contemporâneo e, assim, desempenhar um papel de “laço” efetivo entre a Europa e a dinâmica região asiática do Pacífico. Entre outras coisas, isso implica que na base da UA e do EEU é imprescindível ter uma coordenação mais estreita da política econômica e de divisas, criar uma união econômica plena.²⁰⁸

Com esta iniciativa, a Rússia busca integrar economicamente regiões geoestratégicas que outrora faziam parte do bloco soviético. A iniciativa, além de já operar um sistema de União Aduaneira, tem como objetivo a unificação monetária e fomentar ainda mais os instrumentos de integração regional. De acordo com Viktor Khristenko²⁰⁹, chefe do comitê supremo da Comissão Econômica Eurasiática: "a União Eurasiática será uma fonte de crescimento das nossas economias e potencialidades industriais. É igualmente importante para

²⁰⁶ JESUS, Diego Santos V. de. A memória do futuro: a Rússia e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva. *Inter-Relações* / Ano 14 - Nº 40 / 2º semestre 2014 / p. 12 - 23.

²⁰⁷ TIME. Russia, Kazakhstan, Belarus Sign Treaty Creating Huge Economic Bloc. Disponível em: <<http://time.com/135520/russia-kazakhstan-belarus-treaty/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²⁰⁸ PUTIN apud BUENO, Guilherme. *Da CEI à União Eurasiática*. 2014. Disponível em: <<http://relacoesinternacionais.com.br/politica-internacional/da-cei-a-uniao-eurasiatica/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²⁰⁹ VOZ DA RÚSSIA. *Adesão à UEEA centuplicará mercado de comercialização de produtos armênios*. Disponível em: <http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_10_03/Ades-o-UEEA-centuplicar-mercado-de-comercializa-o-de-produtos-arm-nios-6596/>. Acesso em: 06 Maio 2015.

estabilizar a situação no futuro perante novos desafios”. De acordo com o Jornal Voz da Rússia, “O Ocidente nunca encarou com bons olhos a ideia de criação da União Eurasiática. Os políticos norte-americanos e europeus têm apontado para as tentativas de Vladimir Putin de “reabilitar a URSS”. A antiga secretária de Estado Hillary Clinton até prometeu frustrar esses planos. No entanto, tais declarações nunca foram aceites pelas pessoas mais sensatas. Os motivos de preocupações, expressas por parceiros ocidentais, são evidentes, sustenta o diretor do Instituto dos países da CEI, Konstantin Zatulin: “Ninguém duvida que o peso da União Eurasiática será maior do que o peso de cada país em separado. Isto significa que os seus membros, defendendo enfoques idênticos e solidários, poderão conduzir conversações com outras alianças e associações económicas, o que irá elevar seu prestígio”.

Alcançar o patamar de estabilidade e potência económica ainda é um desejo distante da Rússia atual quando colocada em comparação com o seu passado soviético. Integrar-se economicamente com as antigas Repúblicas Soviéticas parece uma opção sensata tanto para Rússia quanto para as demais repúblicas. Estima-se que a Armênia, por exemplo, irá centuplicar o mercado de comercialização de seus produtos ²¹⁰. Além de fortalecer a economia russa, o organismo também deve ajudar a conter a expansão da União Europeia e da OTAN rumo as fronteiras russas.

²¹⁰ VOZ DA RÚSSIA. *Adesão à UEEA centuplicará mercado de comercialização de produtos armênios*. Disponível em: <http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_10_03/Ades-o-UEEA-centuplicar-mercado-de-comercializa-o-de-produtos-arm-nios-6596/>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Figura 13: União Euroasiática



Fonte: heritage.org ²¹¹

3.7 A Rússia de Putin e o Choque de Civilizações

Ao analisar as implicações da nova Geopolítica russa, Dugin apresenta um debate crucial no entendimento da geopolítica como queremos aqui. Ele retoma o conceito que a disputa geopolítica emoldura a história do mundo não apenas através de um conflito geográfico, mas, principalmente, através do conflito civilizacional. Segundo ele, o campo da geopolítica retrata o espaço geográfico como uma espécie da realidade - não só geográfica, mas qualitativa, susceptível de afetar a forma como uma civilização que desenvolve neste espaço e moldar o perfil psicológico das pessoas que vivem dentro de um determinado território. É a conexão que a cultura, a tradição e a civilização tem com o território qualitativa que subjacente ao campo da geopolítica. Como abordados no primeiro capítulo, Dugin, parafraseando Mackinder, argumenta que as civilizações terrestres possuem certas características: hierarquia, o autoritarismo, a prevalência de valores idealistas sobre o mercantilismo, e priorizar valores coletivos e sociais sobre o indivíduo. As Civilizações do Mar, por sua vez, pelo contrário, são marcadas pelo individualismo, plutocracia, o

²¹¹ Fonte: <<http://www.heritage.org/multimedia/infographic/2013/06/eurasian-union>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

materialismo e a ideia de que é possível juntar diferentes sistemas de valores para baixo de sua base financeira.²¹² Aplicado à Rússia, a análise geopolítica é um método para identificar os interesses estratégicos com base em uma compreensão do confronto natural e orgânico entre a Rússia (independentemente do regime, se democrático, comunista ou czarista) e do mundo ocidental (encarnado, principalmente, pelos países de língua inglesa, como os EUA e seu principal aliado europeu, a Grã-Bretanha). Portanto, a aplicação da teoria geopolítica para a história demonstra que o confronto entre a Rússia Terrestre e os Britânicos e Estadunidenses marítimos são pré-determinado pelos parâmetros geopolíticos fundamentais.²¹³

Dugin faz um diagnóstico da realidade de modo semelhante ao que Huntington fez em o Choque de Civilizações, porem menos pessimista. Dugin acredita que a Geopolítica faz com que os fatores ideológicos por trás da Guerra Fria sejam menos relevante quando analisados através desta disciplina. Huntington de maneira semelhante esboça que a Guerra Fria apenas "mascarou" a verdadeira causa do conflito entre URSS e EUA. O tempo demonstrou, diz Dugin, que, apesar dos russos rejeitarem a ideologia que supostamente levou ao confronto entre a URSS e os EUA, as relações entre a Rússia e o Ocidente não tem melhoraram, o que demonstra que os motivos dos conflitos estão além das disputas ideológicas entre capitalismo e socialismo.

Santos, ao analisar o pensamento Eurasiano na Geopolítica russa elenca diversos pontos, entre eles é interessante ter em consideração os seguintes:

- No respeitante à política externa, o Eurasianismo defende que o caminho que o Ocidente tomou é destrutivo; a sua civilização é espiritualmente vazia, falsa e monstruosa; por detrás da prosperidade econômica, está uma degradação espiritual total. Os EUA exploraram a mágoa pelos ataques terroristas de 11 de Setembro, e sob a capa da luta contra o terrorismo, para fortalecer as suas posições na Ásia Central, zona de influência russa. A Europa, apesar de ser cultural, social e politicamente chegada aos EUA, tem preocupações geopolíticas, geoestratégicas e econômicas semelhantes à Rússia e à Eurásia.

- As determinantes fundamentais da postura russa presentemente, tão evidentes no governo do Presidente Putin, são o declínio acentuado do seu poder nacional na primeira metade da década de 90's, a enorme prioridade dos problemas econômicos e sociais internos, especialmente durante a presidência de Yeltsin, o conflito na Tchetchênia, o alargamento da OTAN, e o grande retraimento das suas aspirações

²¹² DUGIN, Alexandr. *Putin vs Putin: Vladimir Putin Viewed from the Right*. Arkatos, 2014. p. 71.

²¹³ Ibidem. p. 73.

externas, juntamente com o fim da “missão de grande potência”, e a prudente avaliação dos “objetivos/capacidades” e dos “custos/benefícios”.²¹⁴

Ou seja, ao mesmo tempo que é possível fazer uma análise utilizando a agenda Realista Clássica, no que tange uma tradicional disputa de poder em uma região onde há desequilíbrio, as noções que nos remetem às motivações do comportamento dos estados nos colocam no arcabouço teórico da geopolítica clássica e do Realismo do Choque de Civilizações. A Rússia parece estar com sua Geopolítica consolidada através dos princípios eurásianos. O que nos resta entender agora é como que esta ideia reflete as ações da política externa da Rússia nos conflitos e organismos regionais.

3.7.1 A Questão dos direitos LGBTs como Choque de Civilizações

Outra questão que levanta muita discussão envolvendo a Rússia nos últimos tempos é o tema dos direitos LGBTs. Em primeiro lugar é preciso distinguir aqui o que são valores "universais" e valores civilizacionais. O ocidente opera seus valores como sendo universais: Democracia, Direitos Humanos e etc. Não há como obter consenso na questão. Defensores dos Direitos Humanos alegaram como direito a liberdade de manifestação homossexual. Defensores da tradição irão pela prerrogativa de que em cada cultura a questão deve ser tratada com base nos valores desta. Como aqui estamos trabalhando com o conceito civilizacional, iremos tomar por princípio a questão da tradição.

Depois que a lei que proíbe a propaganda homossexual para menores de idade²¹⁵ foi aprovada na Rússia por 436 votos a favor, uma abstenção e nenhum voto contrário²¹⁶ (ou seja, com votos de comunistas, nacionalistas e etc.), o ocidente liberal acusa constantemente a

²¹⁴ SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015. p. 19-23.

²¹⁵ GLOBALEQUALITY. *The Facts on LGBT Rights in Russia*. Disponível em: <<http://www.globalequality.org/newsroom/latest-news/1-in-the-news/186-the-facts-on-lgbt-rights-in-russia>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²¹⁶ FOLHA. *Rússia aprova lei que pune 'propaganda gay' e ofensa a religiosos*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1293230-russia-aprova-lei-que-pune-propaganda-gay-e-ofensa-contr-religiosos.shtml>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Rússia e Putin de estarem violando os "Direitos" da dita comunidade LGBT. O presidente Barack Obama, em um gesto claramente provocativo, colocou um número significativo de atletas gays no lugar dos representantes do governo dos EUA na delegação que foi aos jogos de Sochi, em 2014 ²¹⁷. O artigo da influente revista estadunidense Forbes, "Barack Obama Is Right To Promote Gay Rights In Russia, Now He Should Be Consistent", fala de modo positivo de como Barack Obama está tentando promover os "direitos" LGBTs na Rússia através do envio de gays à Sochi, do cancelamento de reuniões em Moscou e etc (ação mais conhecida como ingerência), demonstrando o quanto a mídia e a opinião pública no ocidente estão inclinadas ao ódio civilizacional e ao etnocentrismo, ao classificar como "atraso" as leis russas que buscam preservar a tradição.

Na Rússia, até 1993 (ou seja, praticamente durante toda a sua história) a Homossexualidade era crime. Nos dias atuais, apenas a manifestação pública deste comportamento é considerada crime. Segundo uma pesquisa do instituto Vtsiom, 88% dos russos apoiam a proibição da propaganda homossexual. Além disso, 54% acreditam que a homossexualidade deve ser punida ²¹⁸. A questão é que para o ocidente e sua visão de baluarte universal dos valores, a opinião dos russos e a cultura russa não são relevantes. Como sociedade Marítima, ou seja, individualista, os direitos individuais estão acima dos valores coletivos.

Não há como chegar a consenso neste debate, a não ser através do respeito às tradições dos povos. A única coisa que é possível concluir é que, além dos aspectos geopolíticos, a Rússia também terá que enfrentar a ira da opinião pública e dos governos ocidentais para conseguir preservar os seus aspectos civilizacionais e culturais, uma vez que eles são incompatíveis com os valores liberais ocidentais que por sua vez se colocam hoje como "universais".

²¹⁷ FORBES. *Barack Obama Is Right To Promote Gay Rights In Russia, Now He Should Be Consistent*. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/markadomanis/2013/12/19/barack-obama-is-right-to-promote-gay-rights-in-russia-now-he-should-be-consistent/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²¹⁸ FOLHA. *Rússia aprova lei que pune 'propaganda gay' e ofensa a religiosos*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1293230-russia-aprova-lei-que-pune-propaganda-gay-e-ofensa-contra-religiosos.shtml>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

3.8 Putin, "Modernização sem ocidentalização?"

Por outro lado, outros autores abordam o comportamento de Putin como sendo algo peculiar e não inteiramente herdado de uma "psique" civilizacional dos russos. Lazarri ²¹⁹ cita que o "“novo curso” adotado por Putin "[...] era exitoso ao contemplar tantos os componentes ocidentalistas quanto os estatistas da psique nacional russa. Ele não negligenciava a relevância da experiência nacional [...] Nem encorajava temas anti-ocidente na consciência nacional [...] movendo-se para além da crise de identidade pós-soviética ". Ele cita ainda que a visão de Putin era a de que a Rússia deveria ser uma “grande potência moderna” no cenário internacional, e de que a forma vaga de definição deste termo refletia o caráter pragmático de sua política externa, permitindo uma alta flexibilidade e capacidade de adaptação para atingir este objetivo.

A questão é que, apesar de Putin claramente reerguer a Rússia como uma potência imperial, não podemos tratá-lo como um revolucionário. Ele recolocou a pauta eurásica de volta na agenda russa e tem fomentado o resurgimento de um sentimento nacionalista entre os russos. Mas por outro lado, ele não empreende esforços para realizar qualquer rompimento com o sistema internacional e seus componentes. Putin demonstra não ter interesse em confrontar o ocidente diretamente, o que ficou evidenciado com adesão da Rússia à OMC em 2012 após 18 anos de negociações. A entrada da Rússia neste organismo multilateral de comércio é considerada uma vitória do livre comércio e um ato que encerra capítulo 'econômico' da Guerra Fria ²²⁰. Na época, a rede de mídia BBC divulgou ainda que, De acordo com uma pesquisa da Fundação de Opinião Pública, apenas 21% dos russos eram a favor da adesão. Além de que, os opositores da incorporação, liderados pelos comunistas (geopoliticamente aliados a Putin), destacaram a passagem traumática do sistema comunista para a privatização ultraliberal do ex-presidente Boris Yeltsin, no início dos anos 1990. Representantes dos setores industriais na Duma, como Sergei Lisovsky, também alertaram que a Rússia não está pronta para competir contra outras economias do mundo ²²¹.

²¹⁹ LAZARRI, Tiago Colombo. A POLÍTICA EXTERNA RUSSA DO INÍCIO DO SÉCULO XXI: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS. *Revista Conjuntura Austral* v. 2, n. 3-4 Dez/2010 – Mar/2011.

²²⁰ Fonte: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/08/120822_russia_omc_lgb.shtml> Acesso em: 06 Maio 2015.

²²¹ Ibidem.

A questão posta se torna um paradoxo. Por um lado Putin reergue a geopolítica russa no sentindo eurasiático, pensando tanto nos aspectos de influência geográfica quanto nos aspectos da preservação dos valores tradicionais russos (como na questão da Lei que proíbe a propaganda homossexual para menores de idade), e pelo outro não realiza esforços para romper com o sistema financeiro-político internacional, que é por natureza derivado dos valores do atlantismo. O que essa mescla produz no final das contas é mais poder para Putin, que recebe apoio de quase todas as esferas do pensamento político na Rússia, desde nacionalistas, comunistas, fascistas, ortodoxos e até o apoio público de Gorbachev com relação a reintegração da Crimeia. Apesar disto, se levarmos em consideração o paradigma Realista, podemos entender o sistema internacional e suas instituições como paralelas aos estados, o que nos remeteria a interpretar a participação da Rússia na esfera das instituições internacionais e na OMC como uma mera forma de obter vantagens, não necessariamente com a aceitação dos valores do sistema. A "modernização sem ocidentalização".

Dugin argumenta que sem rejeitar o liberalismo no seu sentido absoluto, deve-se, no entanto, rejeitar a receita do tipo ocidental de liberalismo que as forças geopolíticas atlantistas estão forçando em cima de russos. Ele aponta que alguns elementos do liberalismo na economia devem ser adaptados às peculiaridades da realidade Eurasiática. Quanto aos projetos de soviéticos e czaristas, aquelas formas históricas que também seguiam um caminho eurasiático são agora ultrapassadas na história da Rússia, de acordo com Dugin. Para ele, não se deve insistir em sua rejeição total ou refutação, mas entender que historicamente elas secaram²²². Dugin, parafraseando Huntington, diz sobre a modernização no oriente:

No seu notável artigo, Samuel Huntington, descrevendo o futuro “choque de civilizações” (clash of civilizations), mencionou uma fórmula muito importante – “modernização sem ocidentalização” (modernization without westernization). Ele descreve a relação com os problemas do desenvolvimento socioeconômico e tecnológico de alguns países (por regra, do Terceiro mundo), os quais, compreendendo a necessidade objetiva de desenvolvimento e aperfeiçoamento dos mecanismos políticos e econômicos dos seus sistemas sociais, recusam-se a seguir cegamente o Ocidente, e pelo contrário, se esforçam por colocar algumas tecnologias ocidentais – opostas ao seu conteúdo ideológico – ao serviço dos sistemas de valores do seu caráter nacional, religioso e político.

Assim, muitos representantes das elites do Oriente, tendo recebido formação ocidental superior, regressam às suas pátrias equipados com conhecimentos e metodologias técnicas importantes, e aplicam estes conhecimentos no reforço da potência dos próprios sistemas nacionais. Deste modo, em vez da aproximação,

²²² DUGIN, Alexandr. *Putin vs Putin: Vladimir Putin Viewed from the Right*. Arkatos, 2014.

esperada pelos liberais otimista, entre civilizações, produz-se o armamento de alguns regimes “arcaicos”, “tradicionalistas” com novíssimas tecnologias, o que faz a confrontação civilizacional ainda mais aguda.

A esta penetrante análise pode juntar-se a consideração de que a maior parte dos intelectuais ocidentais eminentes, homens de cultura, personalidades criadoras, foram por si mesmas, em grau notável, não conformistas e anti-sistema, e por consequência, gente do Oriente, e, estudando os gênios do Ocidente, apenas se reforçaram nas suas próprias posições críticas.

Um exemplo característico desta via é o principal pensador da revolução iraniana, o filósofo Ali Shariati. Estudou em Paris, assimilou Heidegger e Guénon, e também alguns autores neo-marxistas, e gradualmente chegou à convicção da necessidade duma síntese conservativo-revolucionária entre o Islão místico-shiita revolucionário, o socialismo e o existencialismo. Nomeadamente, Shariati pôde atrair à revolução a elite intelectual e a juventude iranianas, as quais, em caso contrário, dificilmente identificariam os seus ideais com o lúgubre tradicionalismo dos mullah. Este exemplo é especialmente importante, pois fala-se de revolução bem sucedida, concluída com a completa vitória do regime conservativo-revolucionário, anti-ocidental e anti-globalização.

Pelo mesmo caminho foram os russos eslavófilos, adotando dos filósofos alemães (Herder, Fichte, Hegel) diversos modelos, que puseram na base da sua convicção nacional tipicamente russa. Este também é o método dos atuais eurasianos, criadores e re-elaboradores, nos interesses da Rússia, de doutrinas não conformistas das europeias “novas direitas” e “novas esquerdas”.²²³

Uma outra prerrogativa que pode explicar a participação da Rússia em órgãos como a Organização Mundial do Comércio (OMC) é o fato de que ela pode se aproveitar destes para se proteger de sanções ocidentais. Recentemente, Putin rebateu algumas sanções aplicadas a Rússia com base nos acordos da OMC. Putin alegou que "As sanções introduzidas contra a Rússia não são nada mais do que a negação dos princípios básicos da OMC. A ideia de acesso igualitário aos mercados de bens e serviços foi violada"²²⁴. Como indicou Lazarri, as estratégias nas quais se baseariam a política externa de Putin seriam a geopolítica, o economicismo, o nacionalismo, normalização e pragmatismo que, ao contrário dos formuladores de política externa precedentes, a orientação de Putin rejeita qualquer tipo de abordagem ideológica do conceito de “grande potência”²²⁵.

²²³ DUGIN, Alexandr. *Modernização sem ocidentalização*. 2010. Disponível em: <<http://evrazia.info/article/4437>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²²⁴ ESTADÃO. *Putin: sanções à Rússia são violação às regras da OMC*. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,putin-sancoes-a-russia-sao-violacao-as-regras-da-omc,1562167>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²²⁵ LAZARRI, Tiago Colombo. A POLÍTICA EXTERNA RUSSA DO INÍCIO DO SÉCULO XXI: TENDENCIAS E PERSPECTIVAS. *Revista Conjuntura Austral* v. 2, n. 3-4 Dez/2010 – Mar/2011.

3.9 Os reflexos do choque geopolítico na crise da Ucrânia

Diferentemente das outras regiões do antigo espaço soviético, a Rússia possui um sentimento diferente de sua atuação quando se refere aos países eslavos. Oriundos de uma mesma identidade, Ucrânia, Belarus e Rússia encontraram na União Soviética um discurso de independência e diferença entre os povos que não condizia com a história comum. Nos dias atuais, a Belarus (que sempre foi muito mais próxima da Rússia) possui um alinhamento quase que incondicional com Moscou, levando até mesmo a imaginarmos quando esta se unirá efetivamente com a federação. A Belarus já possui um acordo de união bilateral com a Rússia, ratificado em 2000, que criou um "Estado-União" entre os dois países ²²⁶. A União consiste na formação de um órgão de representação da união entre os dois estados, além de união aduaneira e monetária. Porém, a "irmã" Ucrânia não compartilha dos mesmos anseios de sua parente Belarus.

Como visto no capítulo dois do presente trabalho, Kiev, capital da Ucrânia, foi o berço da civilização eslava e primeira capital do que podemos chamar de Rússia. Com o passar dos séculos e devido a sua descentralização, Kiev perdeu o status de capital para Moscou, que era centralizada e possui melhor posição geográfica. Smolin trabalha com a noção de que os conceitos que se remetem a identidade "Ucraniana" se afloraram principalmente em épocas de ocupação estrangeira como forma de dividir a Rússia (invasão tártara e nazista, por exemplo). Apesar disso, segundo ele, a Rússia Imperial sempre existiu como sendo uma só, sem divisões entre os eslavos. Segundo ele,

In our own age, old historical fictions are again returning from nothingness. One of the most dangerous is "Ukrainianism," which attempts to give an ideological and historical-political basis for the dismemberment of the Russian body, separating from it the Little Russians, having self-defined them as "Ukrainians" unknown to history. Such "national formations" have no ethno-historical roots; they are a product of the modern era. Before the Revolution the Russian nation was one, and the terms Velikorus (Great Russian), Malorus (Little Russian) and Belorus (White Russian) were perceived as concepts determining the geographic location of origin of one or another Russian citizen of the Russian Empire. National separatists appropriate ethnographic meanings to these names, at odds with the historical reality of their origin. ²²⁷

²²⁶ Fonte: <<http://www.postkomsg.com/en/historysg/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²²⁷ SMOLIN, Mikhail. *Ukraine: geopolitics & identity*. 2014. Disponível em: <<http://souloftheeast.org/2014/03/30/ukraine-geopolitics-identity/>> Acesso em: 06 Maio 2015.

Ao analisarmos o componente histórico, é possível notar que a parte leste Ucrânia existiu em sua grande parte como território russo-soviético, enquanto à parte ocidental esteve mais envolvida em ocupações e reorganização de fronteiras. Durante a primeira guerra, Smolin cita Volkonsky dizendo que

Germany needed to rupture the linguistic ties between the Little Russian and the Great Russian, for having torn away the cultured class of Russia's south from the Russian literary and academic language, it would be easier to impose her German culture upon the country. The Germans began to support the artificial 'Ukrainian mova.' They acted in German fashion, systematically and not losing any time. From the first year of the Great War, Malorussian prisoners were separated into special camps and subjected there to 'ukrainization'; for the most susceptible, something along the lines of a 'Ukrainization Academy' was set up in Koenigsberg. Hundreds of thousands of propagandized prisoners of war returning home to Little Russia in 1918 became the main instrument of spreading the Ukrainian idea in the peasant medium. (Prince A. M. Volkonsky. *Historical Truth and Ukrainophile Propaganda*. Turin, 1920. Page 129.)²²⁸

Como visto, após a Revolução Bolchevique a Rússia começou a reconhecer a independência de diversas regiões do antigo espaço imperial, inclusive dos estados eslavos, Ucrânia e Belarus, advento de uma política de discurso "anti-imperialista". A questão que se coloca é que a ação dos bolcheviques começou a fortalecer mais ainda a ideia de existência de uma nação Ucraniana a partir do momento que passou a reconhecê-la como independente, mesmo que na prática a união tivesse sido mantida. Os bolcheviques "reconheceram os termos "ucranianos", "Ucrânia" e a "língua ucraniana". Em 1923, após o Vigésimo Congresso, os comunistas declararam uma política de indigenização, o desenvolvimento de todas as nacionalidades não-russas (e aquelas consideradas não-russas), um programa expressado na Ucrânia através da ucrainização da população e a introdução da língua ucraniana começando com o Estado e oficiais do partido. Tendo chegado ao poder, os bolcheviques geralmente criaram todas as condições para o crescimento e amadurecimento do nacionalismo ucraniano, que após a morte de seu supervisor comunista rasgou a unidade do povo russo, ameaçando eventualmente se tornar um baluarte avançado de forças anti-russas no mundo."²²⁹. Apesar de Dugin considerar o governo bolchevique como "eurásico"²³⁰, é possível notar que este

²²⁸ SMOLIN, Mikhail. *Ukraine: geopolitics & identity*. 2014. Disponível em: <<http://souloftheeast.org/2014/03/30/ukraine-geopolitics-identity/>> Acesso em: 06 Maio 2015.

²²⁹ Ibidem.

²³⁰ DUGIN, Alexandr. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006.

comportamento ignorou a questão da preservação da identidade russa e se focou muito mais em uma política eurásica territorial.

No passar da Revolução, outros "acontecimentos" fomentaram o que temos hoje como o separatismo Ucrâniano. O mito da "Grande fome Ucrâniana", ou "Holodomor" é muito usado como forma de acusar os russos de terem cometido genocídio contra os "ucranianos". A questão é esta ideia foi muito difundida principalmente durante a ocupação nazista da Ucrânia durante a segunda guerra mundial. Durante este período, muitos "nacionalistas" ucranianos apoiaram a ocupação nazista da Ucrânia e combateram ao lado dos alemães as forças soviéticas. A obra "Fraud, Famine and Fascism The Ukrainian Genocide Myth from Hitler to Harvard" de Douglas Tottle demonstra como a propaganda nazista na Ucrânia ocupada atuou de forma a demonizar os bolcheviques e ao mesmo tempo ganhar apoio dos "ucranianos". Figuras símbolos do nacionalismo ucraniano, como Stephan Bandera, demonstram a aderência que este pensamento ganhou nos círculos nazistas ^{231 232}.

Com o fim da URSS e formação do estado Ucrâniano, este ficou dividido entre duas bandeiras. Aqueles que queriam se integrar com a Rússia através dos novos mecanismos e organizações e aqueles que queriam se integrar mais com a Europa. Porém, as tensões civilizacionais entre estes "russos" só viriam de fato a estourarem depois de 2013.

Depois da Revolução Laranja de 2004, as ofensivas do ocidente em atrair a Ucrânia à sua esfera aumentaram. Em 2014, o então presidente ucraniano Viktor Yanukovich (midiaticamente categorizado como pró-rússia, apesar de não existirem elementos concretos para esta afirmação), se recusou a assinar um acordo de livre comércio com a União Europeia²³³, o que levou os setores do nacionalismo ucraniano a executarem um golpe contra o presidente e aumentar ofensiva russófóbica. Como vimos, a Ucrânia é um país em termos até artificial e que possui sua população dividida entre o leste e o ocidente, o que justificaria uma ação mais cautelosa do presidente, porém isso não foi respeitado.

²³¹ BBC. *Ukraine nationalists march in Kiev to honour Bandera*. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-30655184>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²³² GLOBAL RESEARCH. *Ukraine's Neo-Nazis. Stepan Bandera and the Legacy of World War II*. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/ukraines-neo-nazis-stepan-bandera-and-the-legacy-of-world-war-ii/5373773>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²³³ G1. *Entenda a crise na Ucrânia*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/03/entenda-crise-na-ucrania.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Dugin define o que, na visão dos russos, representa as contradições da Ucrânia que tem motivado os atuais conflitos. Segundo ele,

1 - A contradição da Ucrânia consiste na multiplicidade de identidades. Logo após a declaração do novo Estado - a Ucrânia moderna em 1991 - a questão da identidade pan-ucraniana surgiu. Tal Estado e nação jamais existiram na história. Assim a nação teve que ser construída. Mas as três identidades principais eram muito diferentes. A Criméia povoada por grão-russos junto a maior parte da Novorossiia que eram claramente atraídas para a Federação Russa. Os russos ocidentais afirmavam ser o núcleo de uma "nação ucraniana" muito específica que eles imaginaram de modo a servir sua causa. Os russos ocidentais que parcialmente apoiaram Hitler na Segunda Guerra Mundial (Bandera, Shukhevich) possuíam e ainda possuem uma forte identidade étnica na qual o ódio pelos grão-russos (bem como aos poloneses em menor escala) possui um papel central. Isso pode ser traçado à rivalidade antiga dos dois principados feudais russos projetada em tempos imperiais e seguida pelos expurgos de Stálin. Esses expurgos foram dirigidos contra todos os grupos étnicos, mas os russos ocidentais o leem como vingança dos grão-russos contra eles (Stálin era georgiano e os bolcheviques eram internacionalistas). Assim a identidade escolhida do recém fundado Estado da Ucrânia era exclusivamente russa ocidental (puramente Galitsia/Wolyn) sem lugar para uma identidade grão-russa ou novorossiia.

2 - Essa particularidade foi expressada em duas opções geopolíticas opostas: ocidental ou oriental, Europa ou Rússia. As terras ocidentais da Ucrânia eram favoráveis à integração européia, as orientais e a Criméia a favor de fortalecer relações com a Rússia. Os homens da Galitsia era dominantes na elite política apresentando a Ucrânia com uma única identidade - uma ocidental - e negando qualquer tentativa do sul e do leste de expressar sua própria visão. Na Ucrânia Ocidental o anti-sovietismo estava profundamente enraizado bem como havia certa complacência com as idéias de Bandera e Shukhevich, que eram considerados heróis nacionais de uma nova Ucrânia. O ódio pelos grão-russos era dominante e toda retórica xenofóbica anti-russa era saudada.

3 - No leste e no sul os valores soviéticos ainda eram sólidos e a identidade grão-russa era, por sua vez, o sentimento dominante. Mas o leste e o sul eram passivos e seu poder político era limitado. Ainda assim, a população regularmente expressava sua escolha dando seus votos a políticos pró-russos ou pelo menos não tão abertamente russofóbicos ou pró-ocidentais.

4 - O desafio para políticos ucranianos, portanto, era como manter essa sociedade contraditória unida sempre se equilibrando entre essas duas partes opostas. Cada parte demandava escolhas completamente irreconciliáveis. Os ocidentais insistiam em uma direção européia, orientais e sulistas em uma russa. Todos os presidentes da nova Ucrânia foram impopulares, quase ao ponto de serem odiados, precisamente porque eles eram incapazes de resolver esse problema que não tinha qualquer solução real. Nessa situação, os ocidentais eram mais ativos e vigorosos e parcialmente tiveram sucesso em impôr sua versão de uma identidade pan-ucraniana sobre todo o espaço político do país - com a ajuda considerável da Europa Ocidental e acima de tudo dos EUA.²³⁴

²³⁴ DUGIN, Alexandr. *Carta ao Povo Americano sobre a Ucrânia*. Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2014/03/aleksandr-dugin-carta-ao-povo-americano.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

O golpe de estado, a russofobia, a declaração do desejo de ingressar na OTAN, os ataques ao uso do idioma russo, o apelo para serem aceitos na União Europeia, a recusa em permitir que Rússia continue tendo sua base naval em Sevastopol (Crimeia) e a indicação de oligarcas corruptos como governadores no leste e sul da Ucrânia²³⁵ são algumas das atitudes que geraram insatisfação e revolta no "povo russo da Ucrânia". Como resposta, grupos pró-rússia no leste da Ucrânia se rebelaram contra o governo central ucraniano. As regiões Donetsk e Lugansk realizaram referendos e proclamaram sua independência da Ucrânia. As duas regiões se autoproclamaram Repúblicas Populares e anunciaram a intenção de formarem o Estado Federal da Nova Rússia^{236 237}, com a intenção de se formar um estado independente pró-Rússia. Segundo Dugin, "a luta para a Nova Rússia é a luta pela Rússia, mas a luta pela Rússia é a luta pelo mundo multipolar, e essa lógica demonstra que na verdade este é o ponto do mundo mais importante hoje. Nenhum outro lugar, nenhuma outra guerra é tão importante para o futuro do mundo quanto a luta pela Nova Rússia."²³⁸ Na Crimeia aconteceu fato semelhante. Através da insatisfação popular com as consequências do Euromaidan, a República autônoma realizou referendo e declarou independência da Ucrânia e filiação à federação russa, sendo reconhecida pelo presidente Putin.

²³⁵ Ibidem.

²³⁶ THE VOICE OF RUSSIA. *Donetsk, Lugansk People's Republics unite in Novorossiya*. Disponível em: <http://sputniknews.com/voiceofrussia/news/2014_05_24/Donetsk-Lugansk-Peoples-Republics-unite-in-Novorossiya-1012/>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²³⁷ UKRAINIAN POLICY. *Welcome to New Russia*. Disponível em: <<http://ukrainianpolicy.com/welcome-to-new-russia/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²³⁸ Entrevista com o professor Alexandr Dugin Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2014/09/entrevista-com-aleksandr-dugin-no.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Figura 14: Mapa ilustrando a divisão linguística na Ucrânia



Fonte: G1 ²³⁹

Até o presente momento o estado ucraniano não reconheceu a independência nem os referendo realizados pela novas regiões autônomas. O governo de Kiev acusa a Rússia de enviar tropas para ajudar os "separatistas" russos no combate às forças de Kiev. O governo da Rússia por sua vez nega o envio de tropas e diz que a resistência russa no leste da Ucrânia e na Crimeia se dá pelas forças locais e por voluntários de todo o mundo que se sensibilizaram com a causa. ²⁴⁰

O ocidente acusa a Rússia de estar ocupando e anexando o território ucraniano. Enquanto a Rússia nega envolvimento direto porém reconhece e aceita a vontade dos russos da Ucrânia de retornarem a mãe Rússia. A Ucrânia, metaforicamente como Bosforó, é o lugar no mundo hoje onde se dividem ocidente e oriente. Assim como a Berlim do pós-guerra, a

²³⁹ G1. *Entenda a crise na Ucrânia*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/03/entenda-crise-na-ucrania.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²⁴⁰ AKOPOV, Sergey. *Rússia no contexto geopolítico atual*. Palestra proferida pelo Embaixador da Rússia em Brasília no Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) em 24 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=liB5sds_lfg>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Ucrânia está a um passo da desintegração e divisão do país em dois grupos com visões civilizacionais diferentes. Por um lado os Ocidentalistas guiados pela vontade europeia e pelo outro os Eurasianos. Com relação ao que motiva as pessoas a lutarem na Ucrânia pela Nova Rússia Valentin Rusov diz que:

- 1) A população é contrária à política pró-Occidente e anti-Oriente do novo governo ucraniano. O termo pró-Occidente tem um duplo significado, porque o novo governo vai orientar sua política interna de encontro às regiões ocidentais da Ucrânia, enquanto que a política externa se vai orientar de encontro aos EUA e a União Européia. O novo presidente, Poroshenko, está decidido a integrar a Ucrânia na OTAN e na União Européia. Também existe informação sobre o novo governo ucraniano já ter assinado contratos com a companhia estrangeira Shell para se estabelecer na região do leste da Ucrânia, o que poderia significar uma catástrofe ecológica. Ao mesmo tempo, a nova política do governo central vai ser anti-Oriente. Aqui, "anti-Oriente" também tem duplo significado: a política interna vai contra as regiões do leste do país, enquanto que a política externa se dirige contra a Rússia.
- 2) Existe um forte sentimento de identidade russa por parte do povo, que está vendo o perigo de uma "ucrainização" étnica nas regiões russas da Ucrânia (regiões em que russos étnicos tem vivido há mais de mil anos, enquanto que essas terras pertencem à Ucrânia há menos de 23 anos). Essa gente considera o novo governo ucraniano como um governo separatista, que está tratando de separar as terras que pertenceram historicamente à Rússia (de fato, 75% do atual território da Ucrânia) da influência e cultura russas.
- 3) Os russos étnicos e os ucranianos russófonos se opõem às novas leis de "desrussificação" e restrição do idioma russo (o russo é o idioma nativo de mais de 35% da população ucraniana, e mais de 25% fala russo e ucraniano).
- 4) Os nacionalistas russos querem criar o Estado independente Nova Rússia nas terras do sudeste da Ucrânia, terras que historicamente tem sido russas. Um Estado nacional russo que será independente da Ucrânia e da Federação Russa, e que se converterá em um lugar de renascimento russo. Geralmente, os nacionalistas russos tem uma ideologia antissoviética e antiucraniana, considerando a Ucrânia como o maior monumento da época soviética (a Ucrânia atual é conhecida como a República Socialista Soviética da Ucrânia, que foi criada artificialmente pelo governo comunista em 1919 ao tomar territórios tradicionalmente russos que pertenciam à Rússia Imperial). E consideram que a Ucrânia é uma nação artificial criada pelo governo soviético mediante a ucrainização massiva de pessoas de etnia russa. E em linha com isso, a destruição do Estado ucraniano seria a destruição do maior projeto comunista (que todavia segue vivo hoje).
- 5) Os eurasianos se uniram à rebelião por motivos geopolíticos, ao ver neste conflito "a Grande Guerra dos Continentes" (conflito entre Eurasianismo e Atlantismo). Essa é a idéia principal daqueles que não querem que as bases da OTAN se estabeleçam no território ucraniano, perto da fronteira com a Rússia, e que não querem que a Ucrânia fique sob influência dos EUA.
- 6) Os patriotas russos querem que os territórios históricos da Rússia voltem a ficar sob controle da Federação Russa.
- 7) As pessoas que seguem fielmente a religião ortodoxa veem este conflito como uma luta entre a Igreja Ortodoxa da Rússia e a Igreja Católica Greco-Ucraniana.
- 8) Certas pessoas (a maioria delas de gerações passadas) veem na Ucrânia atual um auge do fascismo e do chauvinismo antirruso. E explicam sua participação no

conflito como a continuação da Segunda Guerra Mundial, sendo o novo Hitler a união formada por Poroshenko e Obama.

9) Uma parte considerável da população que inicialmente era neutra, durante o conflito entre rebeldes locais e o Exército Ucrâniano sofreu algum tipo de dano por parte do Exército Ucrâniano, razão pela qual decidiu se unir aos grupos rebeldes.

10) Diversos aventureiros que buscam algum tipo de benefício ou viver situações extremas.

11) Segundo rumores difundidos pelos meios de comunicação ucranianos, no conflito também estão participando agentes do exército russo e mercenários russos.
241

Não é possível concluir se o desfecho da história ucraniana como conhecemos até agora será pacífico ou bélico, diplomático ou rebelde. O que é possível inferir é que a Ucrânia dificilmente voltará a ser o que era quando criado o seu estado nacional em 1991. A Ucrânia hoje é o centro das consequências de todo o debate realizado neste trabalho: o choque civilizacional que imerge do renascimento da Rússia como potência regional. Por mais de uma exitosa campanha de expansão para o antigo bloco vermelho por parte da aliança ocidental, cooptando antigos aliados de Moscou, é nítido que essa expansão se encerra na Ucrânia (ao menos com a Rússia ainda viva). Porém, com a polarização da Ucrânia em dois eixos civilizacionais distintos, é muito difícil imaginar na atualidade que a Rússia consiga novamente levar a sua "amada primeira capital" de volta à sua esfera de influência. O novo "muro de Berlin" talvez esteja sendo levantado com os destroços das estatuas de Lênin arrancadas com tanto ódio do solo que faz com que os ucranianos se esqueçam que foi este que reconheceu sua independência pela primeira vez.

²⁴¹ RUSOV, Valentin. *Ucrânia Hoje*. Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2014/08/valentin-rusov-ucrania-hoje.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

CONCLUSÃO

No presente trabalho foram abordadas as características da formação do Império Russo, da União Soviética e da Federação Russa, suas consequências e reflexos na atual geopolítica da Rússia. Foi possível concluir que o comportamento da Rússia ao longo de sua história é compatível com os pressupostos teóricos apresentados; a Geopolítica terrestre mackinderiana e o conceito de multipolaridade civilizacional abordado por Huntington e pelo professor Alexandr Dugin.

Com o fim da URSS, muitos decretaram o fim da Geopolítica e, como abordado, até mesmo o fim da própria História. Essas teorias ganharam muita força durante a década de 1990, época em que o mundo estava passando por uma extensa onda liberalizante, principalmente nos países do antigo bloco socialista.

Com o início dos anos 2000, a emergência de Putin e outros acontecimentos (como os ataques de 11 de setembro), as teorias ditas como "pessimistas" do pós-guerra fria, como *O Choque de Civilizações* de Huntington, voltaram a ser extremamente relevantes para a análise das relações internacionais contemporânea. A Geopolítica, até então também considerada obsoleta, voltava a ser fundamental para a compreensão dos novos acontecimentos que se desencadearam durante os anos 2000. Na Rússia, mais explicitamente exemplificada na Tchetchênia, na Geórgia e agora na Ucrânia. Além de ser extremamente explicativa ao se analisar a expansão da OTAN ao leste contra a tentativa da Rússia de manter sua área de influência no antigo espaço imperial-soviético.

Este trabalho torna-se relevante também por abordar um fenômeno teórico relativamente recente e pouco abordado no ocidente: A teoria neoeurasiana do professor Alexandr Dugin e sua influência na política externa russa. Dugin é considerado a "mente por trás de Putin" e também mentor das ambições expansionistas da Rússia²⁴². Suas teorias, como apresentadas no capítulo um do presente trabalho, almejam não se restringir a apenas um programa de poder russo, mas se tornar uma teoria de aplicação universal. A teoria de Dugin no campo da Ciência Política - a chamada Quarta Teoria Política- já é relativamente mais

²⁴² FOLHA. *Ucrânia é típico Estado falido criado artificialmente, diz ideólogo russo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1460944-a-ucrania-e-tipico-estado-falido-criado-artificialmente-diz-extremista-russo.shtml>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

desenvolvida. Porém Dugin lançou-se no esforço de adaptar esta teoria para se tornar uma Teoria das Relações Internacionais através de seu trabalho a *Teoria do Mundo Multipolar*. Porém este, como o próprio Dugin identifica, ainda compreende um esforço teórico de construção. Apresentar o pensamento duginiano torna-se fundamental tanto para a compreensão da política externa russa, uma análise de seu possível futuro e também para a ampliação do horizonte teórico nas Relações Internacionais para com as teorias fora do ocidente.

Através deste trabalho foi possível identificar características comportamentais e aspectos tradicionais que norteiam a existência da Rússia como nação unida apesar extremamente multiétnica. Desde sua formação, a Rússia sempre foi uma nação de caráter imperial muito ligada ao solo e às suas tradições. É possível concluir que a unidade da Federação e por consequência a manutenção da Rússia como país unido torna a questão de sua preservação cultural e geopolítica essencial.

Durante o período soviético diversas nações internas do Império Russo ganharam autonomia política e centros decisórios locais, o que acabou influenciando e fomentando ainda mais o separatismo interno no pós-URSS. Como disse em certa oportunidade o presidente Putin, o fim da URSS foi "a maior tragédia geopolítica do século"²⁴³. Deste período é possível concluir que, nos governos em que Lênin e Stalin estiverem no poder, a Rússia e as demais Repúblicas Soviéticas seguiam um caminho mais voltado para o compromisso eurasiático e de solo, de modo a mesclar um sistema interno de democracia entre as Repúblicas onde ambas tinham o mesmo poder de voto (independente do tamanho de cada uma) e uma União consolidada, nas bases do antigo Império. Nos governos Khrushchov, Gorbachov, Andropov e Chernenko, o caráter atlantista e liberalizante foram cruciais para o descontentamento interno que, aliados à determinada autonomia das Repúblicas internas, tiveram como consequência o surgimento da Comunidade dos Estados Independentes e o fim da URSS.

A criação da Federação Russa e a década de 90 marcou negativamente a história da Rússia como potência mundial. Em menos de 5 anos após o fim da URSS o seu PIB chegou a cair cerca de 50% e o moral do povo russo estava vigorosamente retraído com todo o processo

²⁴³ FOLHA. *Putin lamenta colapso da União Soviética*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2604200511.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

que resultou na queda e na separação dos antigos países do bloco soviético. Com a guerra na Tchetchênia e os atentados terroristas ao redor de toda a Rússia, tornava-se insustentável a manutenção de um regime de estilo predominantemente liberal que não encarava os problemas de modo vigoroso e mesmo ignorava almejar o retorno da Rússia como potência.

Ao observar a transição política, com chegada de Putin ao poder no início do século XXI, foi possível concluir que antigos comportamentos da Rússia, retraídos durante os anos 90, estavam retornando à agenda da política interna e externa da Rússia. A contenção do separatismo interno e a ampliação dos mecanismos de integração regional exemplificam o retorno de uma política "tradicional russa". Porém, a nova forma de atuação da Rússia está mais voltada para um "pragmatismo tradicionalista" do que para uma rivalidade ideológica contra o ocidente. Esse comportamento reforça ainda mais a aplicabilidade dos conceitos de Huntington no que tange sua afirmativa de que a era das disputas ideológicas daria espaço para uma nova era de confrontos baseados nos valores civilizacionais. As leis antipropaganda gay para menores de idade (caracterizadas pelo ocidente como leis "antigays"), como visto, exemplificam este confronto de valores entre ocidente e Rússia, revivendo o debate sobre a aplicabilidade de direitos e valores ditos "humanos" em nível mundial.

No presente momento, a Rússia se encontra no topo de agenda internacional. Com a escalada do conflito no leste da Ucrânia, a reintegração da Crimeia à Rússia e o claro apoio de Moscou aos movimentos separatistas, colocam em cheque a relativa paz entre Estados que imperava no pós-guerra fria. Diferentemente dos problemas ligados aos movimentos terroristas, esta é a primeira vez desde a queda da URSS que duas potências mundiais do Conselho de Segurança estão inseridas em um mesmo conflito. Por um lado os EUA e sua OTAN apoiando a expansão desta organização para dentro da órbita de influência russa, e pelo outro a Rússia e os russos da Ucrânia resistindo à ocidentalização da civilização russa.

Dugin em entrevista para a folha de São Paulo à época da reintegração da Crimeia afirmou que até o momento apenas 8 milhões da população com identidade eurasiática e pró-Rússia anunciaram a independência ou entrada na Rússia. Mas há pelo menos 12 milhões com a mesma identidade, que ainda estão sob o controle de Kiev. Para ele, "A luta continua". Dugin nesta entrevista ainda afirma que se a Rússia conseguir lidar com isso (a situação na

Ucrânia) passaremos a viver em um mundo multipolar. Agora se a Rússia falhar a unipolaridade vai continuar por mais um tempo ²⁴⁴.

Esta evidente que para os russos esse é o momento certo de desafiar o imperialismo unipolar dos EUA no mundo. Conter a expansão da OTAN passa a ser fundamental para reerguer a Rússia como potência mundial, preservando seus valores e questionando a pretensão universal dos valores ocidentais (como a democracia e os Direitos Humanos). A implementação dos valores liberais na Rússia significaria o seu próprio fim. Então a Rússia não possui escolha no atual cenário unipolar. Ou se comporta como polo de sua própria civilização de modo a se defender dos ataques que visam destruir os seu valores, ou deixa de existir.

Parafraseando Dugin, a Rússia não é um país liberal e nem pretende ser. Então os liberais são livres para criticá-la. Por isso, para entender Putin e a Rússia é necessário o mesmo exercício de entender o outro. A Rússia é o outro, o diferente. Eles possuem outros valores, outra história, outras ideias, outra moral, outra antropologia, outra epistemologia, diferente do Ocidente liberal moderno. Se o Ocidente identifica seus próprios valores como universais é impossível entender Putin e a Rússia. ²⁴⁵

O que este trabalho buscou levantar foi, além de uma apresentação dos aspectos internos e históricos fundamentais que são necessários para a compreensão da Rússia, o debate contra o etnocentrismo nas Relações Internacionais. É impossível realizar uma análise de determinado acontecimento no mundo sem levar em consideração, como sujeito histórico desse acontecimento, os elementos civilizacionais que os norteiam. Não somente para entender a Rússia, mas para entender tudo que acontece externamente requer um exercício de entendimento do outro a partir do outro, não tendo os valores do analista um caráter universal. A Civilização como sujeito, o *Dasein* ²⁴⁶ como fator comportamental, infelizmente ainda não possui a devida relevância no campo das Relações Internacionais. Assim como os Marxistas

²⁴⁴ FOLHA. *Ucrânia é típico Estado falido criado artificialmente, diz ideólogo russo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1460944-a-ucrania-e-tipico-estado-falido-criado-artificialmente-diz-extremista-russo.shtml>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

²⁴⁵ Ibidem.

²⁴⁶ Termo muito utilizado por Dugin em suas obras do campo da ciência política. Tem seu significado baseado na concepção do filósofo Martin Heidegger: *ser-ai* - a posição do homem no mundo. Dugin usa essa concepção para basear seu pensamento civilizacional.

estudam os interesses de classe ao analisar a Burguesia e Proletariado, os Realistas Clássicos estudam os interesses dos estados, a Teoria do Mundo Multipolar (Eurasianismo) propõe uma análise Multipolar, respeitando e estudando o comportamento dos estados através das civilizações na qual estão imersas.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA de Ciências da U.R.S.S. *História da U.R.S.S. ÉPOCA DO SOCIALISMO* (1917-157). São Paulo: Grijalbo, 1960.

AKOPOV. Sergey. *Rússia no contexto geopolítico atual*. Palestra proferida pelo Embaixador da Rússia em Brasília no Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) em 24 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=liB5sds_lfg>. Acesso em: 06 Maio 2015.

AKOPOV. Sergey. *Rússia no contexto geopolítico atual*. Palestra proferida pelo Embaixador da Rússia em Brasília no Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) em 24 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=liB5sds_lfg>. Acesso em: 06 Maio 2015.

BBC. *Obama acusa Rússia por violência na Ucrânia*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140829_obama_russia_lgb>. Acesso em: 06 Maio 2015.

BBC. *Ukraine nationalists march in Kiev to honour Bandera*. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-30655184>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

BUENO, Guilherme. *A nova política externa russa para o espaço pós-soviético: integração e cooperação*. 2014. Disponível em: <<http://cnm.ufsc.br/files/2014/01/Monografia-do-Guilherme-Bueno.pdf>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

BUENO, Guilherme. *Da CEI à União Eurasiática*. 2014. Disponível em: <<http://relacoesinternacionais.com.br/politica-internacional/da-cei-a-uniao-eurasiatica/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

CASTRO, Thales. *Teoria das relações internacionais*. Brasília: FUNAG, 2012

CENTRO DE ESTUDOS RUSSOS-UNB. *Constituição da Rússia em português*. Disponível em: <http://www.cer.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=225:constituicao-da-russia-em-portugues&catid=35:construssia&Itemid=63>. Acesso em: 06 Maio 2015.

CHIVERS, C. J. *A reconstrução da Chechênia*. 2006. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/mundo/a-reconstru%C3%A7%C3%A3o-da-chech%C3%AAnia-1.248101>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

CIA. *The World Factbook: country comparison :: gdp (official exchange rate)*. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2195rank.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

CIA. *The World Factbook: Russia*. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rs.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

COGGIOLA, Osvaldo. 1938 - 2008: Setenta anos da fundação da IV Internacional. Em defesa de Leon Trotsky. *Projeto História*, São Paulo, n. 36, p. 145-183, jun. 2008.

COMISSÃO do Comitê Central do PC(b) da URSS. *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*. Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, Pernambuco, Brasil, 1999.

DONNARD, Lina Coimbra. *O conflito Chechênia x Rússia: a análise geopolítica por uma perspectiva realista ofensiva*. Belo Horizonte: UNI-Bh, 2007.

DUARTE, Geraldine Rosas. Realismo Clássico versus Realismo Estrutural: natureza humana ou estrutura do sistema? *E-civitas Revista Científica do Departamento de Ciências Jurídicas, Políticas e Gerenciais do UNI-BH Belo Horizonte*, vol. IV, n. 1, jul 2011.

DUGIN, Alexandr. *A grande Guerra dos Continentes*. Lisboa: Antagonista, 2006.

DUGIN, Alexandr. *A Quarta Teoria Política*. Curitiba: Editora Austral, 2013

DUGIN, Alexandr. *Carta ao Povo Americano sobre a Ucrânia*. Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2014/03/aleksandr-dugin-carta-ao-povo-americano.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

DUGIN, Alexandr. *Eurasianismo Ensaios Seleccionados*. Brasil: Zarinha Centro de Cultura, 2012.

DUGIN, Alexandr. *Modernização sem ocidentalização*. 2010. Disponível em: <<http://evrazia.info/article/4437>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

DUGIN, Alexandr. *Putin vs Putin: Vladimir Putin Viewed from the Right*. Arkatos.

DUGIN, Alexandr. *Teoria do Mundo Multipolar*. Lisboa: IAEG, 2012.

ESTADÃO. *Putin: sanções à Rússia são violação às regras da OMC*. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,putin-sancoes-a-russia-sao-violacao-as-regras-da-omc,1562167>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

FOLHA. *Putin lamenta colapso da União Soviética*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2604200511.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

FOLHA. *Rússia aprova lei que pune 'propaganda gay' e ofensa a religiosos*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1293230-russia-aprova-lei-que-pune-propaganda-gay-e-ofensa-contr-religiosos.shtml>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

FOLHA. *Ucrânia é típico Estado falido criado artificialmente, diz ideólogo russo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1460944-a-ucrania-e-tipico-estado-falido-criado-artificialmente-diz-extremista-russo.shtml>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

FORBES. *Barack Obama Is Right To Promote Gay Rights In Russia, Now He Should Be Consistent*. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/markadomanis/2013/12/19/barack-obama-is-right-to-promote-gay-rights-in-russia-now-he-should-be-consistent/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

FREIRE, Maria Raquel. *A política externa em transição o caso da Federação Russa*. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300005>. Acesso em: 06 Maio 2015.

FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

G1. *Entenda a crise na Ucrânia*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/03/entenda-crise-na-ucrania.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

G1. *ONU aprova resolução que condena anexação russa da Crimeia*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/onu-aprova-resolucao-que-condena-anexacao-russa-da-crimea.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

GASPAR, Carlos. *A Rússia e a segurança europeia*. 2004. Disponível em: <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=3&ida=103>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

GLOBAL RESEARCH. *Ukraine's Neo-Nazis. Stepan Bandera and the Legacy of World War II*. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/ukraines-neo-nazis-stepan-bandera-and-the-legacy-of-world-war-ii/5373773>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

GLOBALEQUALITY. *The Facts on LGBT Rights in Russia*. Disponível em: <<http://www.globalequality.org/newsroom/latest-news/1-in-the-news/186-the-facts-on-lgbt-rights-in-russia>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

GLOBALRESEARCH. *Iran invited to join Central Security Treaty Organization*. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/iran-invited-to-join-central-security-treaty-organization/5696>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

GORBATCHOV, Mikhail. *Discurso de Renúncia à Presidência da URSS*. 25 de Dezembro de 1991. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1991/12/25.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

HOXHA, Enver. *O Imperialismo e a Revolução*. 1978. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/hoxha/1978/imperialismo/index.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

JESUS, Diego Santos V. de. A memória do futuro: a Rússia e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva. *Inter-Relações* / Ano 14 - Nº 40 / 2º semestre 2014 / p. 12 - 23.

LAZARRI, Tiago Colombo. A POLÍTICA EXTERNA RUSSA DO INÍCIO DO SÉCULO XXI: TENDENCIAS E PERSPECTIVAS. *Revista Conjuntura Austral* v. 2, n. 3-4 Dez/2010 – Mar/2011.

LENIN, V. I. *Do «Prefacio à Tradução Russa das Cartas de K. Marx a L. Kugelmann»*. 1907. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1907/02/05.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

LENIN, V. I. *O Começo da Revolução na Rússia*. 1905. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/01/25.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

Lenin, V. I. *Obras Escolhidas Tomo II*. Lisboa: Avante, 1984.

LENIN, V. I. *Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução*. 1917. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/04_teses.htm>. Acesso em: 06 Maio 2015.

MACKINDER, Halford John. The Geographical Pivot of History. *The Geographical Journal* No. 4, Abril 1904. Vol. XXIII. Disponível em: <<http://intersci.ss.uci.edu/wiki/eBooks/Articles/1904%20HEARTLAND%20THEORY%20HALFORD%20MACKINDER.pdf>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

MARTENS, Ludo. *Stalin: um novo olhar*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault The Liberal Delusions That Provoked Putin. *Foreign Affairs*. September/October 2014.

MINGST, Karen A. *Princípios de Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

MORGENTHAU, H. J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 2003.

OLIC, Nelson Bacic. *A Desintegração do Leste*. São Paulo: Moderna, 2000.

OLIC, Nelson Bacic. *Moscou impõe sua pax no Cáucaso*. 2002. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/pages/revistapangea/show_news.asp?n=141&ed=4>. Acesso em: 06 Maio 2015.

OLIVEIRA, Luiza Santana de. *Comunidade dos Estados Independentes: repensando o imperialismo russo*. 2013. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/05/08/comunidade-dos-estados-independentes-repensando-o-imperialismo-russo/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

RT. *Crimea parliament declares independence from Ukraine ahead of referendum*. Disponível em: <<http://rt.com/news/crimea-parliament-independence-ukraine-086/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

RT. Los mayores atentados terroristas en Rusia. Disponível em: <<http://actualidad.rt.com/actualidad/view/9448-Los-mayores-atentados-terroristas-en-Rusia>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

RUSOV, Valentin. *Ucrânia Hoje*. Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2014/08/valentin-rusov-ucrania-hoje.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

SANTOS, Andressa de Melo. O Realismo na Teoria das Relações Internacionais. *Faculdade Damas – caderno de relações internacionais* – v.3, n.5, 2012.

SANTOS, Eduardo Eugénio Silvestre dos. *O Eurasianismo: a “nova” Geopolítica russa*. 2010. Disponível em: <<http://evrazia.info/article/4433>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

SANTOS, Tenente-General PilAv Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos. *Revista Militar*, Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=267>. Acesso em: 06 Maio 2015.

SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SMOLIN, Mikhail. *Ukraine: geopolitics & identity*. 2014. Disponível em: <<http://souloftheeast.org/2014/03/30/ukraine-geopolitics-identity/>> Acesso em: 06 Maio 2015.

SOUSA, Danilo Rogerio de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. *Revista de Geopolítica*, Natal - RN, v. 3, n. 2, p. 61–70, jul./dez. 2012.

SPANO, Germán. *A Águia Bicéfala, o Arcano Imperial e a Terceira Roma*. Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2014/03/german-spano-aguia-bicefala-o-arcano.html>>. Acesso em: 06 Maio 2015

STALIN, Josef. *Em torno dos problemas do leninismo*. Capítulo: VI - O Problema da Vitória do Socialismo num só País. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/stalin/1926/problemas/>> Acesso em: 06 Maio 2015.

TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica. *Revista da Escola de Guerra Naval*, n. 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

THE VOICE OF RUSSIA. *Donetsk, Lugansk People's Republics unite in Novorossiia*. Disponível em: < http://sputniknews.com/voiceofrussia/news/2014_05_24/Donetsk-Lugansk-Peoples-Republics-unite-in-Novorossiia-1012/>. Acesso em: 06 Maio 2015.

TIME. Russia, Kazakhstan, Belarus Sign Treaty Creating Huge Economic Bloc. Disponível em: <<http://time.com/135520/russia-kazakhstan-belarus-treaty/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

TRABANCO, José Miguel Alonso. *The Prospects of a New Cold War? Towards the Consolidation of the Russian-led CSTO Military Alliance*. Global Research, May 08, 2009

TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente*. 1929. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1929/11/rev-perman.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

UKRAINIAN POLICY. *Welcome to New Russia*. Disponível em: <<http://ukrainianpolicy.com/welcome-to-new-russia/>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

URSS. *A Nova Constituição Soviética (1936)*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/stalin/biografia/ludwig/constituicao.htm>>. Acesso em: 06 Maio 2015.

VOLIN, B. M. *As Teses de Abril de Lênin*. 1950. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/25/teses.htm>. Acesso em: 06 Maio 2015.

VOZ DA RÚSSIA. *Adesão à UEEA centuplicará mercado de comercialização de produtos armênios*. Disponível em: <http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_10_03/Ades-o-UEEA-centuplicar-mercado-de-comercializa-o-de-produtos-arm-nios-6596/>. Acesso em: 06 Maio 2015.

WALTZ, Kenneth. *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva, 2002.